

Verônica Toledo Ferreira de Carvalho

**OURO PRETO, SINFONIA DA METRÓPOLE:  
1882-1889**

Belo Horizonte  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional - UFMG  
2021

Verônica Toledo Ferreira de Carvalho

**OURO PRETO, SINFONIA DA METRÓPOLE:**

1882-1889

Dissertação apresentada em nível de **Mestrado**, na Linha de Pesquisa: **Memória e História do Lazer**, no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias

Belo Horizonte  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional - UFMG  
2021

C331o Carvalho, Verônica Toledo Ferreira de  
2021 Ouro Preto, sinfonia da metrópole: 1882-1889. [manuscrito] / Verônica Toledo  
Ferreira de Carvalho – 2021.  
90 f.: il.

Orientador: Cleber Augusto Gonçalves Dias

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de  
Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.  
Bibliografia: f. 81-84.

1. Lazer – Ouro Preto (MG) – Teses. 2. História – Teses. 3. Cultura popular –  
Teses. 4. Interação social – Teses. I. Dias, Cleber Augusto Gonçalves. II.  
Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e  
Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage, CRB 6: nº 3132, da  
Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
 ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL  
 CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DO LAZER

### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO / TESE

ATA DA 166ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO  
 VERÔNICA TOLÊDO FERREIRA DE CARVALHO

Às 14h00min do dia 26 de agosto de 2021 reuniu-se de forma virtual via plataforma “GoogleMeet” a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho “*Ouro Preto, Sinfonia da Metrópole: 1882-1889*”, requisito final para a obtenção do Grau de Mestra em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias (Orientador)	X	
Profª. Dra. Flavia da Cruz Santos (UFMG)	X	
Prof. Dr. Bruno Adriano Rodrigues da Silva (UNIRIO)	x	

Após as indicações a candidata foi considerada: APROVADA

O resultado final foi comunicado publicamente, para a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 26 de agosto de 2021.

Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias

Profª. Dra. Flavia da Cruz Santos

Prof. Dr. Bruno Adriano Rodrigues da Silva



Documento assinado eletronicamente por **Flavia da Cruz Santos, Professora do Magistério Superior**, em 20/09/2021, às 11:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cleber Augusto Goncalves Dias, Chefe de departamento**, em 20/09/2021, às 15:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bruno Adriano Rodrigues da Silva, Usuário Externo**, em 02/10/2021, às 11:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0959819** e o código CRC **A222B6FD**.

*Dedico este trabalho ao meu companheiro, Renato, pelo amor, dedicação e carinho que foram essenciais nos momentos da escrita.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a mim mesma, a minha trajetória e minhas superações. Queria me agradecer por não ter desistido da vida acadêmica, mesmo com todas as dificuldades no percurso. Queria me agradecer pelo empenho e por ter conseguido realizar esta pesquisa e todas as outras paralelas que me propus fazer ao entrar no mestrado, mesmo com as dificuldades do isolamento social, da ansiedade e da preocupação com meus familiares em um momento tão caótico para todos nós. Não foi fácil estar aqui, tive que aprender e reaprender muitas coisas, e ainda sinto um leve desespero (e ao mesmo tempo alívio) em imaginar que nunca saberei o suficiente.

Agradeço ao Renato, por cuidar tão bem de mim, me distrair nos momentos de cansaço, e me motivar nos momentos de medo, seja me ajudando com o texto, me servindo de ombro, me dando colo ou lambendo minhas feridas. Agradeço pelo carinho, companheirismo, dedicação e principalmente pelo amor.

Agradeço a minha mãe que me criou sozinha. Que tirou de si para dar para mim, que me estimulou a estudar mesmo com suas dificuldades e que foi e continua sendo meu modelo de ser humano, de amor e de cuidado.

Agradeço à minha tia Luna (Bu) pelo cuidado, carinho, por me fazer rir, e até por me deixar preocupada com suas teimosias, que me fizeram sentir um pouco mais próxima de casa.

Agradeço à minha amiga, Lorena. Por ser minha companheira de vida há mais de dez anos, por me abraçar, me acolher e me admirar, e, acima de tudo, por me entender como ninguém.

Agradeço ao Marcelo, pelo estímulo para que eu tentasse o processo seletivo e por acreditar em mim.

Agradeço à Júlia, ao Rogério e ao Douglas, por tornarem o ambiente acadêmico um lugar de conforto e amizade, proporcionando momentos divertidos e leves.

Agradeço ao Cléber, meu orientador, pelo cuidado, carinho, por se preocupar comigo nos momentos de ansiedade da pandemia, indo muito além de um mentor e se tornando um grande amigo que admiro muito.

Agradeço a Flavinha por aceitar compor minha banca.

Agradeço ao Bruno Adriano, e através dele a todos os professores e professoras da Escola Estadual Francisco Fernandes, Escola Estadual Mário Campos e Silva, Escola Estadual Professor Pinheiro Campos, UFLA e UFMG que fizeram parte da minha formação, como

mulher e pesquisadora, e viram em mim potencial.

Agradeço aos professores Luciano Pereira e Rodrigo Caldeira por aceitarem a suplência da banca.

Agradeço à Alessandra Elbakyan pelo Sci-Hub, ao(s) criador(es) do Libgen e Pirate Bay e todos aqueles que fazem o possível para que o conhecimento seja de livre acesso.

Por fim e não menos importante, agradeço ao PPGIEL e ao Danilo, pela oportunidade, pela forma humana de enxergar os discentes e por todos os aprendizados que me foram proporcionados.

*Nunca conheci quem tivesse levado porrada  
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo  
E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil  
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita  
Indesculpavelmente sujo*

*(...)*

*Toda a gente que eu conheço e que fala comigo  
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho  
Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida*

*(...)*

*Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?*

*(Fernando Pessoa)*

## RESUMO

Ouro Preto, anteriormente chamada de Vila Rica, está localizada no sudeste do Brasil, mais especificamente no Estado de Minas Gerais. Epicentro da exploração aurífera no século XVIII, e primeira capital da província mineira, se manteve dinâmica, se aproximando dos ideais de modernidade, civilidade e progresso que estavam em voga, principalmente durante a segunda metade do século XIX. Por meio das diversões, uma das facetas mais importantes para compreensão das transformações das cidades do Brasil, procuramos reconstruir a vida divertida de Ouro Preto durante os anos de 1882 a 1889, a partir dos registros do jornal *Liberal Mineiro*. Encontramos festejos religiosos, cívicos e políticos, carnavalescos, bem como espetáculos teatrais, circenses, de prestidigitação, tauromáquicos, concertos, bailes, jantares, soirées, botequins, vendas, jogos de azar, cursos, passeios, piqueniques, bibliotecas e cafés, que movimentavam dia e noite a cidade e a afastavam da imagem de cidade tediosa e atrasada difundida nos discursos de alguns estudiosos e viajantes. Ouro Preto se apresentou como uma cidade dinâmica e divertida. Compreender como sua população passava o seu tempo livre, as contradições e peculiaridades desse processo, constitui um importante fragmento dessa história.

**Palavras-chave:** História. Divertimentos. Ouro Preto. Lazer.

## RESUMEN

Ouro Preto, antes llamado Vila Rica, está ubicado en el sureste de Brasil, más específicamente en el Estado de Minas Gerais. El epicentro de la exploración aurífera en el siglo XVIII, y la primera capital de la provincia minera, se mantuvo dinámico, acercándose a los ideales de modernidad, civismo y progreso que estaban en boga, especialmente durante la segunda mitad del siglo XIX. A través de las prácticas de ocio, una de las facetas más importantes para comprender las transformaciones de las ciudades en Brasil, buscamos reconstruir la divertida vida de Ouro Preto de 1882 a 1889, a partir de los registros del *Liberal Mineiro*. Encontramos fiestas religiosas, cívicas y políticas, carnavales, además de teatro, circo, prestidigitación, tauromaquia, conciertos, bailes, cenas, tabernas, tiendas, juegos de azar, cursos, picnics, bibliotecas y cafés, que movía día y noche la ciudad y la alejó de la imagen de ciudad tediosa y atrasada difundida en los discursos de algunos investigadores y viajeros. Ouro Preto se presentó como una ciudad dinámica y divertida. Entender cómo su población pasaba su tiempo libre, las contradicciones y peculiaridades de este proceso, constituye un fragmento importante de esta historia.

**Palabras clave:** Historia. Entretenimiento. Ouro Preto. Ocio.

## ABSTRACT

Ouro Preto, formerly called Vila Rica, is located in Brazil, more specifically in the State of Minas Gerais. The epicenter of gold exploration in the 18th century, and the first capital of the province of Minas, remained dynamic, approaching the ideals of modernity, civility and progress that were in vogue, especially during the second half of the 19th century. Through leisure, one of the most important facets for understanding the transformations of cities in Brazil, we reconstruct the fun life of Ouro Preto from 1882 to 1889, based on the records of the *Liberal Mineiro* newspaper. We find religious, civic and political festivities, carnival, theater, circus, bullfightings, concerts, dinners, restaurants, taverns, gambling, picnics, libraries and cafes, which moved day and night the city and distanced it from the image of a boring city disseminated by some scholars and travellers. Ouro Preto presented itself as a dynamic city. Understanding how his population spent their free time, the contradictions and peculiarities of this process, constitutes an important fragment of this history.

**Keywords:** History. Ouro Preto. Leisure.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Datas, locais e acontecimentos dos festejos religiosos (1882-1889).....	33
<b>Quadro 2:</b> Espetáculos dramáticos apresentados na cidade (1882-1889).....	57
<b>Quadro 3:</b> Comédias apresentadas entre os anos de (1882-1889).....	58
<b>Quadro 4:</b> Espetáculos dramáticos apresentados em Ouro Preto durante 1882-1889 de acordo com Duarte (1993).....	89
<b>Quadro 5:</b> Comédias apresentadas em Ouro Preto durante 1882-1889 de acordo Duarte (1993).....	90

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Planta da cidade de Ouro Preto (1888).....	25
<b>Figura 2:</b> Anúncio no jornal <i>Liberal Mineiro</i> .....	26
<b>Figura 3:</b> Paisagem de Ouro Preto e capela do Rosário.....	40
<b>Figura 4:</b> Parte 1 do anúncio da reforma do Hotel Tiradentes.....	52
<b>Figura 5:</b> Parte 2 do anúncio da reforma do Hotel Tiradentes.....	53

## SUMÁRIO

1.	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
	1.2 Caminhos Metodológicos.....	17
2.	<b>A METRÓPOLE: OURO PRETO</b> .....	23
	2.1 Mudanças e melhoramentos no final do século XIX.....	28
3.	<b>SOB A LUZ DO SOL</b> .....	32
	3.1 Festejos religiosos.....	33
	3.2 Festejos cívicos e políticos.....	41
	3.3 Entrudo e carnaval.....	44
	3.4 Pelas ruas e comércios.....	49
4.	<b>SOB A LUZ DO LUAR</b> .....	56
	4.1 Espetáculos: teatros, circos, touradas, concertos e outros.....	56
	4.2 Festas, dança, músicas, jogos e bebidas.....	72
5.	<b>À GUISA DE CONCLUSÃO</b> .....	78
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	81
	<b>PERIÓDICOS</b> .....	85
	<b>ANEXOS</b> .....	89

## 1 INTRODUÇÃO

*Escrever tem sentido? A pergunta me pesa na mão. Se organizam alfândegas de palavras. Para que nos resignemos a viver uma vida que não é a nossa, nos obrigam a aceitar como própria uma memória alheia. Realidade mascarada, estória contada pelos vencedores: talvez escrever não seja mais que uma tentativa de pôr a salvo, em tempos de infâmia, as vozes que darão testemunho de que aqui estivemos e assim fomos. Um modo de guardar para os que ainda não conhecemos, como queria o poeta catalão Salvador Espriu, “o nome de cada coisa”. **Quem não sabe de onde vem, como pode averiguar aonde vai?***

(Eduardo Galeano)

Ouro Preto, anteriormente chamada de Vila Rica, cidade localizada no sudeste do Brasil, mais especificamente no Estado de Minas Gerais, é desde 1980 agraciada pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) com o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Epicentro da exploração aurífera durante o período colonial, a cidade é conhecida pela arquitetura barroca, que inclui pontes, igrejas, capelas, fontes e praças, e por suas ruas íngremes e sinuosas calçadas com pedras irregulares.

Primeira capital da Província de Minas Gerais, tinha uma população numerosa, principalmente se comparada à maior parte das cidades mineiras desse período. Durante o século XIX, registrou crescimento urbano, econômico e populacional, antecedido e sucedido por dois períodos de queda. O declínio no fim do século XVIII e início do XIX foi proveniente principalmente do esgotamento das jazidas. Já no fim do século XIX, teve relação com a perda do status de capital, com a fundação de Belo Horizonte. Entre esses dois momentos, entretanto, a cidade registrou um significativo crescimento populacional, seja por sua importância administrativa, seja por sua dinâmica comercial, social e cultural.

O processo de mudança da capital, no final do século XIX, foi permeado pelo debate entre tradição e modernidade. Ouro Preto tinha sua história fortemente atrelada ao passado colonial e à dominação portuguesa, o que a tornava, aos olhos de muitos, incompatível com o modelo de progresso e civilidade que se buscava instaurar no País.

Esse debate sobre a necessária modernização do País teve desdobramentos sobre os

divertimentos (DIAS *et al.*, 2019). As principais capitais foram as primeiras a sofrer pressão para se enquadrarem aos novos tempos. À medida que se buscava remodelar as cidades, ampliando suas ruas, melhorando as estradas, estabelecendo iluminação pública, incorporando novas tecnologias ao cotidiano, adotava-se também novos hábitos e práticas. A busca pelo espaço público, como local de sociabilidade e divertimento, fazia parte dessa dinâmica cosmopolita que se perseguia (DEL PRIORE, 2017).

Os divertimentos eram responsáveis por aglomerar pessoas, e também tinham relação direta com a educação das massas (NOGUEIRA JUNIOR, 2017). Nesse momento, a até então capital mineira passava por mudanças culturais, influenciada pelos novos ideais que circulavam, e que demandavam transformações nos aspectos físicos e comportamentais da população. Novos melhoramentos modificavam o dia a dia. O telégrafo chegou à cidade em 1871, a ferrovia foi inaugurada em 1887, começando a funcionar em 1888, a arquitetura e fachadas iam se alterando, a iluminação pública se aperfeiçoava, e havia investimento em educação, especialmente em cursos superiores, com a criação da Escola de Farmácia em 1839 e da Escola de Minas 1876. Além disso, a cidade era centro administrativo, jurídico, comercial e cultural de Minas Gerais, o que garantia um considerável fluxo de visitantes durante todo o ano.

Este estudo foi guiado pela necessidade de compreender melhor a dinâmica dos divertimentos em Ouro Preto em um momento de tamanhas mudanças, levando em consideração que a vida divertida faz parte da construção do imaginário da modernidade. Em outras palavras, o objetivo deste trabalho foi mapear, a partir da leitura do jornal *Liberal Mineiro*, os divertimentos na Capital Mineira entre 1882 e 1889, identificando quem participava dessas atividades, e relacionando tais práticas às mudanças mais gerais da sociedade.

As questões que nortearam este estudo foram: Quais eram os divertimentos na cidade de Ouro Preto durante o fim do século XIX? Como eram esses divertimentos? Quem provavelmente os vivenciava? Como as diversões se relacionavam com as transformações mais amplas da cidade e de sua população?

Caroline Bertarelli Bibbó (2017), referência primordial para essa pesquisa, também procurou pesquisar os divertimentos em Ouro Preto no fim dos oitocentos, utilizando-se de fontes camarárias. A autora faz relação dos divertimentos encontrados nas fontes com os melhoramentos da cidade e aponta a relevância da capital mineira em âmbitos sociais, culturais e intelectuais, que fizeram com que a cidade fosse objeto de estudo de diversos autores.

Outra autora importante para os estudos dos divertimentos em Minas Gerais, e principalmente, de Ouro Preto, é Regina Horta Duarte (1993). Em sua tese de doutorado, a autora pesquisou a vida cultural mineira nos oitocentos, tentando contestar a imagem de decadência que usualmente se atribuía à província. Ela apresenta em suas pesquisas o que foi encontrado nos jornais a respeito das apresentações de circo e teatro, focando nas relações entre a vida política e social. A partir de seus dados é possível perceber que Minas, durante o século XIX, foi um espaço percorrido, movimentado, lugar da mais variada gente, bandidos, ciganos, viajantes, escravizados fugidos, artistas, indígenas e afins.

Outras referências importantes foram Patricia Vargas Araujo, com seus estudos sobre o entrudo e carnaval em Minas (2000) e (2010), Maria Cristina Rosa (2005), que pesquisou em sua tese quais eram as dinâmicas dos corpos em Vila Rica no século XVIII, Mirian Moura Lott (2009), que em seu doutoramento procurou compreender o perfil sociocultural e demográfico da cidade de Ouro Preto durante o século XIX e Carolina Mafra De Sá (2009) que investigou o papel educativo do teatro em meados dos oitocentos em Ouro Preto.

Não menos valioso, o *Almanack Administrativo, mercantil, industrial científico e litterario*, de Manoel Ozzori (1890) se tornou uma fonte de consulta relevante. O autor indica os estabelecimentos e comércios, as sociedades artísticas e musicais da cidade de Ouro Preto, mais especificamente no espaço urbano, compreendido entre as freguesias de Nossa Senhora do Pilar e Antônio Dias.

Além dessas obras, o livro *Festas e viajantes em Minas Gerais – compêndio de citações* (2018) organizado por Léa Perez, Ana Belone, Marcos Martins e Rafael Gomes, também foi útil a essa pesquisa. Ali se encontra um compilado de citações dos viajantes do Século XIX. Esses viajantes, que começaram explorar o Brasil a partir da chegada da corte no Rio de Janeiro, percorreram o país pelas mais diferentes motivações e acabaram se deparando e escrevendo sobre as rotinas mineiras. O livro possui diferentes informações sobre Ouro Preto, com fartos, e às vezes contraditórios, relatos sobre as festas e diversões.

A magnitude histórica de Ouro Preto, porém, nos autoriza a pensar que ainda há espaço para novos estudos e abordagens. Novas fontes, novos olhares, novas análises que possam contribuir para o acúmulo de compreensões sobre o passado da cidade e das diversões.

Os estudos referentes ao lazer no campo histórico ainda são relativamente escassos. No Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, a linha de pesquisa Memória e História do Lazer, que objetiva a compreensão das diversões em diferentes tempos históricos e localidades, é a que menos

recebe inscrição de candidatos a mestrandos de acordo com a análise dos processos seletivos dos últimos anos. Por outro lado, o grupo de pesquisa HISLA (História do Lazer) tem se dedicado a essa tarefa, de se debruçar sobre aspectos históricos desse fenômeno em diversas localidades, em especial cidades mineiras. Chama atenção, porém, que a Ouro Preto do final do século XIX não tenha sido objeto de muitas análises, ainda que fosse a capital mineira no período.

Esse estudo, portanto, se propõe a contribuir para o enriquecimento deste trabalho já desenvolvido pelo HISLA e pela linha de pesquisa Memória e História do Lazer, como parte de um projeto pessoal de formação profissional, científica e acadêmica, enquanto professora e pesquisadora do campo. Soma-se às justificativas já listadas, a importância social de se entender o modo como o lazer era concebido no passado, para compreender melhor nossos passos no presente (DIAS, 2018).

A partir dessas considerações, buscamos nesta pesquisa mapear as diversões em Ouro Preto no fim do século XIX, identificando quem as vivenciava e como elas se relacionavam com as mudanças e discursos que marcaram aquele momento histórico.

## 1.2 Caminhos Metodológicos

De acordo com Melo (2011), para se desenvolver uma pesquisa histórica é necessário definir alguns pontos importantes, como: *os termos e conceitos; as fontes que serão mobilizadas, o problema de pesquisa; o recorte espacial e o recorte temporal*. Diante disso, nos dedicaremos a essa tarefa neste tópico.

O lazer, termo atualmente utilizado para descrever uma série de atividades/espços, normalmente relacionado à dinâmica de tempo livre, tem uma ampla conceituação possível, discutida por inúmeros autores. Entretanto, no século XIX outras palavras eram mais proferidas para referir-se semanticamente a essas vivências. As principais delas, que também serão usadas neste trabalho, são as palavras *divertimento* e *diversão*. Além dessas, há outros termos conectados ao conceito de *lazer*, os quais também não serão ignorados nesta pesquisa, sendo eles: recreação, recrear, ócio, tempo livre, entretenimento, festas, festejos, além das atividades e espaços normalmente associadas ao lazer, como o teatro, circo, os botequins, os jogos, o carnaval, o entrudo, os bailes, as danças, as touradas, entre outros que apareceram durante o percurso.

De acordo com Santos (2017), divertimento se refere a atividades que:

provocavam alegria, prazer, regozijo. Estavam em oposição ao que era sério e sisudo. Mas apesar de possuírem essa natureza comum, eram atividades muito variadas que incluíam desde a música e o teatro, às zombarias e ao mais novo divertimento da cidade, os esportes (SANTOS, 2017, p.139).

Já Bibbó (2017) aponta ainda sobre outros diferentes sentidos do conceito, como por exemplo, regenerar, curar, disciplinar, civilizar, tudo isso através das mais diferentes formas. O conceito de Santos, juntamente com os apontamentos de Bibbó, se assemelha com a visão apresentada no jornal *Liberal Mineiro*, que remete o divertimento ao teatro, circo, bailes, ou a música, a momento de vivência e/ou percepção de sentimentos que provocavam nos sujeitos um estado de alegria e/ ou prazer.

Outro termo importante nessa pesquisa, e que por vezes aparecerá como análogo a palavras como *progresso* e *civilidade*, é o termo *modernidade*, que para Le Goff (1977, p.697) “é uma luta contra um passado que ainda está ali, ou seja, um passado presente”. José Carlos Reis (2005) se aproximando da visão de Le Goff, afirma que a modernidade é um processo de tensão, que representa uma ruptura com o passado, além da racionalização da ação e da fragmentação da vida. Para Dias (2009, p.15) é importante pontuar que

[a] modernidade então não é exatamente um período histórico, mas muito mais um processo social que, de maneira mais remota, iniciou-se no século XVI e se estendeu até os dias de hoje através de muitas e intensas mudanças e rupturas. Trata-se, portanto, de um processo que atravessa um extenso período de tempo e que por isso reúne idéias, episódios e personagens múltiplos e por vezes divergentes.

Aproximando o termo ao contexto brasileiro e, mais especificamente, a província mineira na segunda metade do século XIX, a *modernidade* se expressava como um desejo de se desvencilhar do colonial, urbanizando as cidades, se industrializando e se adequando aos padrões culturais e sociais ditados por metrópoles europeias. Diante disso, pontua Araújo (2010, p.377) que

[n]o Brasil, a Europa será o centro irradiador dos padrões de modernidade e civilidade a serem seguidos. As mudanças de ordem material e as metamorfoses de cunho cultural definir-se-ão como um empreendimento necessário ao bom desenvolvimento deste projeto modernizador/civilizador idealizado pelas elites políticas e intelectuais brasileiras.

O lazer e os divertimentos fizeram parte desse processo no Brasil. Desde meados dos oitocentos e, principalmente, no fim do século XIX, o lazer não foi apenas uma faceta desses ideais de modernidade, mas talvez um dos temas que melhor expressou os conflitos, tensões e transformações daquela sociedade (MELO; PERES, 2005).

Nesta pesquisa, a tradição não é tratada como oposição inconciliável da modernidade.

No processo de atualização das práticas, o moderno preserva fragmentos de tradição e a tradição já contém traços do moderno. Assim, as próprias práticas e espaços de divertimentos mais tradicionais não deixaram de existir, e passaram por um processo de atualização influenciado pelos novos discursos. Da mesma forma, o processo de incorporação das vivências consideradas modernas é marcado por particularidades e fragmentos das tradições.

A pesquisa histórica objetiva encontrar dados que expressem informações sobre o período a ser estudado (BRANDÃO, 2007). Aproximando-nos da História Nova, pretendemos compreender e analisar os divertimentos em Ouro Preto, utilizando do jornal *Liberal Mineiro* como fonte, e assim, contribuindo efetivamente para o mapeamento das vivências e possibilidades deste tipo na histórica cidade mineira, nos oito anos que antecederam a primeira república.

Essas questões se tornaram pertinentes a partir da aproximação com os debates realizados pela terceira geração dos Annales. Le Goff e Pierre Nora, buscaram combater a história positivista, indicando a necessidade de um olhar mais interdisciplinar, que refletisse e ampliasse as possibilidades de fontes, além de incorporar ao estudo histórico novas abordagens e novos objetos, antes negligenciados (LUCA, 2008). Para isso é importante, como afirma Le Goff (1990), ter uma nova concepção de documento, seja ele qual for, tentando escapar de ser totalmente sistemática, ou apenas empírica. Além disso, o debate acerca da história nova coloca no foco dos historiadores questões culturais e sociais, como os modos de se divertir, regiões e temporalidades antes desprezadas, como o caso das cidades do interior do Brasil.

A face mais evidente do processo de alargamento do campo de preocupação dos historiadores foi a renovação temática, imediatamente perceptível pelo título das pesquisas, que incluíam o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens e as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano, enfim uma miríade de questões antes ausentes do território da História (LUCA, 2008, p.113).

Brandão (2007) trata sobre a importância das fontes, sua preservação e do contato que se estabelece com elas, pois o documento é a forma mais viável e responsável para construir uma pesquisa histórica. Ao estabelecer diálogo com as fontes, como por exemplo, o jornal, torna-se possível aproximar/ou visitar o contexto histórico de determinado momento no passado.

Na década de 1970, ainda eram escassas no Brasil as pesquisas que utilizavam os jornais como fonte. Em parte, isso se deve à hierarquia dos documentos, em que alguns historiadores consideravam os jornais inadequados, pois eram “parciais” e focados em temas cotidianos, que pouco interessava aos pesquisadores. Porém, com a História Nova, isso se

altera, pois se passa a compreender que nenhum documento é neutro, nem os antes pesquisados, e a própria não-neutralidade deve ser analisada, para melhor compreensão do passado e de suas tensões (LUCA, 2008).

Em relação à fonte escolhida, é importante lembrar que os meios de comunicação tiveram papel essencial na construção de um imaginário social e da difusão de discursos de modernidade, progresso e civilidade. Como aponta Hollanda e Melo (2012), o jornal não apenas fala do mundo, mas participa das suas modificações, em uma relação dialética. Sendo o jornal a principal fonte desse trabalho, também era o meio de informação ocidental mais utilizado nos séculos XIX e início do XX. No Brasil, esse meio de comunicação teve seu desenvolvimento tardio, fortalecendo e se consolidando a partir da segunda metade do século XIX, principalmente com a implantação de ferrovias, que permitiam sua maior divulgação (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS, 2013).

Para escolher a fonte principal deste trabalho, realizou-se uma pesquisa na Biblioteca Nacional<sup>1</sup>. Lá foram encontrados alguns jornais vigentes no final do século XIX, o qual é o período de maior interesse para esta pesquisa. Assim, realizamos leituras de alguns exemplares e dentre eles o *Liberal Mineiro* se destacou por alguns motivos: a) pelo período de vigência (segunda metade do século XIX); b) pela ampla quantidade de exemplares na biblioteca digital nacional, totalizando 3.108 páginas digitalizadas, e por fim, c) por ser o *Liberal Mineiro* um jornal que se empenhava em noticiar fatos e eventos ocorridos na cidade.

O jornal *Liberal Mineiro*, anteriormente chamado *A actualidade*, era propriedade de Carlos Gabriel Andrade, comendador de Saramenha, da cidade de Ouro Preto. Era publicado três vezes por semana de janeiro a agosto, e de agosto a dezembro publicava-se diariamente. Continha 4 páginas com colunas fixas, como a coluna de anúncios, política, os editais de obras públicas do estado e o folhetim. Algumas seções eram recorrentes nas edições, como a de impostos, a aberta aos assinantes, os quais poderiam escrever sobre qualquer assunto, e a coluna sobre os acontecimentos de outras cidades do país, como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife.

A assinatura anual do *Liberal Mineiro* variava entre 9\$000 a 14\$000. Como parâmetro de comparação, a média salarial de um trabalhador comum era 4\$000, 5\$000. Como o jornal era publicado de 3 a 6 vezes na semana, dependendo do período do ano, supomos que o jornal tinha um alcance maior do público, visto que seu valor individual era menor quando comparado com os outros periódicos locais. Assim, a probabilidade dele ser adquirido pelos

---

<sup>1</sup> Acesso em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>

trabalhadores ouropretanos era maior.

Os jornais circulavam além de seus assinantes, passando para integrantes das famílias, e também para amigos. Uma mesma assinatura contemplava várias pessoas. Em relação a outros obstáculos para a leitura do jornal, como o analfabetismo, que segundo Lott (2009), era ainda bastante presente, as notícias frequentemente eram lidas em voz alta, chegando a outras pessoas que não soubessem ler. Porém, não podemos desconsiderar que em grande parte, o conteúdo do jornal era voltado e escolhido para uma elite letrada, de acordo com os gostos e necessidades dessa população.

A escolha do recorte temporal e espacial se deu devido a alguns fatores. O primeiro fator, é que ele foi definido pelo interesse acadêmico em estudar o *lazer* no final do século XIX. O século XIX tem um importante destaque na história da humanidade, pois é quando se consolida o modelo capitalista, que muda completamente as dinâmicas que compõem a vida em sociedade (HOBSBAWM, 1996). Aqui no Brasil, todas essas modificações começam a se acentuar no fim do século XIX e início do século XX. Ainda nesse momento, tivemos o fim da escravidão, a transição Brasil império para Brasil República, e todas as discussões e debates em torno disso. No caso específico de Ouro Preto, somam-se ainda os embates sobre a mudança da capital.

Durante a década de 1880, Ouro Preto teve inúmeras intervenções para se adequar aos novos padrões. A proposta de mudança da capital ganhava força, embalada pelos discursos de modernidade, civilidade e progresso, e mobilizava o debate político. O ano de 1882 marca a mudança do nome do jornal *A Actualidade* para *Liberal Mineiro*, determinando também uma importante mudança editorial no periódico, que passa a se dedicar mais ao cotidiano da população.

Com o início da república, em 1889, Ouro Preto já estava fadada a perder o status de capital. O novo momento político nacional favorecia um discurso de refundação do Brasil, que buscava apagar o passado e apontar para uma nova e moderna nação. Ouro Preto, com sua história fortemente ligada ao período colonial e a dominação portuguesa, remetia a tudo aquilo que se desejava superar e esquecer. Assim, com o recorte também guiado pelas limitações da fonte, considero que o período entre 1882 e 1889 pode nos dar elementos importantes dessas transformações e da dinâmica de Ouro Preto nas últimas décadas do século XIX.

As referências encontradas sobre os divertimentos foram agrupadas pelo tipo de atividades, e organizadas de acordo com o período do dia em que aconteciam. Inspirada na

obra cinematográfica *Berlim, Sinfonia da Metrópole*<sup>2</sup>, de Walter Ruttmann, procuramos reconstruir o cotidiano da vida dos ouropretanos com foco nas práticas de diversão. O capítulo *Sob a luz do sol* aborda os grupos de diversões que eram predominantemente diurnos, como os eventos religiosos, atos cívicos e políticos, os festejos carnavalescos, os passeios e comércios variados. Já o capítulo *Sob a luz do luar*, focaliza as diversões noturnas, como espetáculos teatrais, circenses, tauromáquicos, de prestidigitação, os concertos e saraus musicais, os bailes e jantares e as vendas, botequins, jogos e bebidas. É evidente que essa divisão cumpre na exposição um papel didático. Na prática, os períodos e diversões muitas vezes se mesclavam, como esperamos que fique explícito após a leitura.

Antes de passarmos aos capítulos que analisam as diversões propriamente ditas, dedicamos ainda algumas páginas em *A metrópole: Ouro Preto* para contextualização da cidade durante o período estudado, com informações sobre política, economia, mudanças e melhoramentos. Buscando, dessa forma, familiarizar o leitor com o contexto citadino sobre o qual a pesquisa se debruça.

Assim, pretendemos construir a Sinfonia da metrópole Ouro Preto. Partindo do início da década de 1880, em direção à seus últimos anos enquanto capital. Mapeando seus movimentos, divertimentos e sociabilidades, e compreendendo a vida divertida e cotidiana da cidade, durante o dia e durante a noite. Por fim, no capítulo ‘À guisa de conclusão’, sintetizamos as análises realizadas ao longo do trabalho, e apontamos as lacunas e limitações percebidas, visando contribuir com estudos futuros.

---

<sup>2</sup> O filme de Walter Ruttmann procura mostrar a rotina na cidade de Berlim, mais especificamente um dia na cidade alemã. Nesta dissertação, inspirada no filme, buscamos reconstruir o cotidiano na cidade de Ouro Preto, a partir de um amplo levantamento de suas diversões, construindo a narrativa de modo que seja possível compreender a dinâmica da cidade.

## 2 A METRÓPOLE<sup>3</sup>: OURO PRETO

*Altas capelas cantam-me divinas  
fábulas. Torres, santos e cruzeiros  
apontam-me altitudes e neblinas.*

(Cecília Meireles)

Ouro Preto, Vila Rica, ou Potosí de Ouro, como Galeano (2000) denominou em sua obra, foi, durante muito tempo, a comarca mais importante do Brasil, devido a exploração aurífera durante o século XVIII. Nesse período, a população da cidade se multiplicou chegando a se tornar a mais populosa da América Latina.

Originada no Vale do Tripuí, na Serra do Espinhaço, onde o ouro, escuro e acinzentado, proveniente da liga entre ouro e paládio, foi encontrado pela primeira vez. A fama de tamanha riqueza atrairia rapidamente muita gente, entre elas, garimpeiros e forasteiros (CABRAL, 1969). A atividade mineradora teve início em meados de 1690, e em 1711 sua população já constituía um arraial esparsos, com sua igreja e seu vigário. Assim, por intermédio do então governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, decide-se fundar Vila Rica (BIBBÓ, 2017).

O aspecto geográfico e/ou espacial da cidade é uma de suas características mais importantes. Vila Rica era uma cidade montanhosa, acidentada, repleta de morros e ladeiras. Foi fundada sem planejamento urbanístico, e sua expansão seguiu a mesma regra. Com crescimento desordenado, proveniente da exploração aurífera que aconteceu principalmente no século XVIII, sua ocupação se deu em volta dos rios e nas encostas das montanhas. Suas casas, anteriormente de pau-a-pique e posteriormente sobrados de pedra e sólida construção, subiam os morros, reuniam-se em curvas, agarravam-se nas montanhas (CABRAL, 1969).

Após uma retração no fim do século XVIII, motivada pelo esgotamento das jazidas de ouro, a população de Ouro Preto voltou a crescer durante todo o século XIX, enquanto manteve sua posição de capital da província. O censo demográfico realizado pelo Dr. José Vieira Couto, em 1801, indicou 20 mil habitantes em Vila Rica de Ouro Preto. Nas proximidades do período de interesse desta pesquisa, em 1872, outro censo demográfico

---

<sup>3</sup> Do grego metropolis (mētēr = mãe / pólis = cidade) é o termo geralmente usado para designar uma cidade que influencia econômica, política e socioculturalmente outras cidades. Ouro Preto enquanto capital mineira do período exercia esse papel na região.

contou 42 mil habitantes, e, posteriormente, em 1891, 59 mil habitantes. Já a região urbana, compreendida entre as freguesias de Pilar e Antônio Dias, concentravam 14.078 almas em 1872 e 17.860 em 1891, o que demonstra um crescimento significativo entre esses anos, algo que só viria a se modificar com a mudança da capital, em 1897 (LOTT, 2009; VIEIRA, 2016). Esse aumento populacional gerou a necessidade de melhoramentos na infraestrutura da cidade (BIBBÓ, 2017). Essas mudanças, de forma direta e indireta, influenciaram na dinâmica da cidade, seus costumes, sociabilidade e divertimentos.

Ouro Preto era o nome dado tanto à freguesia do Pilar, quanto à cidade. No período de 1870 a 1900 estavam sob o regimento de Ouro Preto as localidades: Antonio Pereira, Boa Vista do Aranha, Cachoeira do Campo, Casa Branca, Congonhas do Campo, Itabira do Campo, Jesus Maria José da Boa Vista, Lavras Novas, Leite, Ouro Branco, Piedade do Paraopeba, Rio das Pedras, São Caetano da Moeda, São Bartolomeu, São Gonçalo do Amarante, São Gonçalo do Tejuco, São José do Paraopeba e Soledade (BIBBÓ, 2017). A planta a seguir mapeia as regiões que faziam parte da comarca de Ouro Preto, em 1888. Nela também é possível identificar o centro urbano, compreendido entre as freguesias de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto e Antônio Dias, que concentravam a maior parte do comércio e das diversões.

**Figura 1:** Planta da cidade de Ouro Preto (1888)



**Fonte:** Dissertação de Caroline Bertarelli Bibbó, 2017.

Além de pólo administrativo, a cidade atendia a população da região com serviços relacionados à educação, justiça e comércio, contando também com algumas unidades manufatureiras, principalmente no setor têxtil (VIEIRA, 2016; CAMPOS 2007). Caio Prado Júnior (2004), em *História Econômica do Brasil*, caracteriza como escassas as atividades agrárias na região de Ouro Preto ao fim do Ciclo do Ouro, uma vez que o solo da região era acidentado e montanhoso. Um episódio nos indica, porém, a necessidade de relativizar essa afirmação. Em 1867, o Padre Agostinho Paraíso sugeriu a mudança da capital, alegando que Ouro Preto não possuía terreno fértil. A população teria reagido deixando em sua porta as mais variadas espécies de verduras e legumes (FONSECA, 2016).

O comércio era bem movimentado e, muitas vezes, suas lojas e mercearias não eram especializadas, vendendo de ferro a toucinho. O comércio do Painhas e o negócio do João Prue eram exemplos desse tipo de estabelecimento, e ali era vendido: remédios, bebidas, louças, perfumes, alimentos, etc. Também era comum a prestação de serviços nessas

localidades. Um exemplo da diversidade do comércio citadino pode ser vislumbrada no anúncio abaixo:

**Figura 2:** Anúncio no jornal *O Liberal Mineiro*

**JOÃO PRUÉ**  
**SALÃO DE BARBEIRO E CABELLEIRO**

40 RUA DO BOBADELA 40  
PRIMEIRO ANDAR

participa ao respeitavel publico que acaba de receber um completo e variado sortimento do que ha de melhor em perfumarias dos melhores autores de Pariz e Londres, como seião:

extractos e essencias de todas as qualidades;	as impurezas da pelle;
leite virginal e crème Simon;	escovas finas para dentes e para fatos;
anti-phelico, de glycerina pura, para fazer desaparecer todas	pós para dentes e para rosto veloutine, & &.

**PARA FUMANTES**

Recebeu tambem ricas piteiras, cachimbos de espuma, charutos de Havana, Hamburgo e Bahia, phosphoreiras, carteiras de tartaruga para charutos e cigarros, bolsas para fumo, fumo e cigarros—o que ha de melhor—e outros muitos artigos para fumantes.

Objectos para presentes de apurado gosto; bolsas e malas para viagem

**MIUDEZAS DE ARMARINHO, COMO SEJÃO:**

camisas, punhos, collarinhos e lenços de linho; gravatas, meias, chapéus de sol, & &.

TINTAS DE DIVERSOS AUTORES, para tingir os cabellos.

**NAVALHAS, TESOURAS E ESPALHOS**  
**UM GRANDE SORTIMENTO**

Fonte: Liberal mineiro, 1888, n.73, p.

\* \* \*

Durante o recorte temporal deste estudo, o Brasil estava historicamente situado no período Imperial, mais especificamente no Segundo Reinado. O Segundo Reinado perdurou de 1840 a 1889 e, de acordo com Ferraz (2017), seus momentos finais, mais próximos à proclamação da república, ainda são insuficientemente explorados por pesquisas históricas, frente à complexidade do período.

Em linhas gerais, o sistema político do Segundo Reinado era um parlamentarismo às avessas. Nele funcionava o poder legislativo bicameral<sup>4</sup> e executivo monárquico, ocupado pelo imperador Dom Pedro II. Era ele quem definia os ministros e os chefes do parlamento, enquanto a pequena parte da população apta a votar elegia os deputados (FERRAZ, 2017). As

<sup>4</sup> Senado vitalício e Câmara de Deputados temporária que eram alternadas entre os dois partidos (liberais e conservadores) (FERRAZ, 2017).

câmaras municipais faziam parte do poder legislativo. Eram responsáveis pela administração das cidades e detinham o poder e o dever de organizar e legislar sobre questões cidadinas.

Neste momento, os diversos setores que compunham a câmara eram divididos em dois grupos políticos: os *conservadores* e os *liberais*. A alternância no poder entre eles se dava de acordo com a definição de Dom Pedro II, em uma tentativa de equilibrar os poderes (FERRAZ, 2017). Para Cabral (1969), isso mantinha a cidade em constante transformação, visto que a competição entre esses partidos levava-os a promover uma série de intervenções positivas. Entretanto, para Ferraz (2017) isso gerava grande instabilidade nas províncias. Durante os anos dessa pesquisa, os presidentes da província foram: Teophilo Ottoni (Partido Liberal), Antônio Gonçalves Chaves (Partido Liberal), Olegário Herculano de Aquino e Castro (Partido Liberal), Manoel do Nascimento Machado Portella (Partido Conservador), Desembargador Francisco de Farias Lemos (Partido Conservador), Carlos Augusto de Oliveira Figueiredo (Partido Conservador), Luís Eugênio Horta Barbosa (Partido Conservador), Antonio Gonçalves Ferreira (Partido Conservador) e João Batista do Santos (Partido Conservador) (OZZORI, 1890). Essa polarização também se reproduzia no controle da imprensa. Durante a década de 1880, por exemplo, os dois maiores jornais de Ouro Preto eram *A Província de Minas*, controlado pelo Partido Conservador, e o *Liberal Mineiro*, ligado ao Partido Liberal.

As famílias ouropretanas que eram envolvidas na política institucional, as elites, costumavam ter membros nos dois partidos, com a intenção de manter postos políticos dentro do núcleo familiar (CABRAL, 1969). Ainda segundo o mesmo autor, a política empolgava parte dos cidadãos ouropretanos. Nomeações de novos políticos ou presidente da província, debates, discursos, eram, em partes, grande motivo para festejos, cerimônias e agitos. Nas fontes jornalísticas analisadas neste trabalho podemos notar esse envolvimento, com a presença de festas cívicas para aniversário de políticos, além de festas para comemorar melhoramentos atribuídos a eles, como a inauguração da ferrovia.

No *Liberal Mineiro*, é notória a importância dada à política pelo corpo editorial. Os destaques para as atas, eleições, reuniões e até para críticas aos opositores ocupavam normalmente a primeira página, juntamente do folhetim. Dessa forma, é possível perceber que a elite ouropretana, principal leitora dos jornais da época, era, de forma geral, ativa nas questões políticas da cidade.

A passagem do século XIX para o século XX foi marcada por diversas transformações culturais, econômicas e sociais. O mundo se tornava cada vez mais ligado pelos deslocamentos de bens e pessoas, de capital e de comunicações, pelo fluxo constante de

produtos materiais e pensamentos. Junto às trocas comerciais, circulavam também novas ideias e práticas sociais, que anunciavam um novo padrão de civilidade e modernidade (HOBSBAWM, 2001). No Brasil, o movimento abolicionista se fortalece, principalmente após a década de 1870, e ganha apoio social a ideia de que a escravidão era um impecílio ao progresso. Ouro Preto, capital da Província de Minas Gerais e importante centro político do império, não passou incólume a esses novos ventos.

## 2.1 Mudanças e melhoramentos no final do século XIX

As principais mudanças ocorridas em Ouro Preto no final do século XIX, segundo o livro de memórias de Henrique Cabral (1969), a dissertação de Caroline Bibbó (2017), a tese de Mirian Lott (2009) e o jornal *Liberal Mineiro*, foram: o calçamento, algo que a população considerava importante devido aos moldes montanhosos da cidade, pois, a terra presente nas ruas e calçadas, em períodos chuvosos, prejudicava o trânsito das pessoas; a construção dos encanamentos de esgoto; a proibição de animais soltos, ainda que de acordo com os jornais as reclamações a esse respeito persistiram por algum tempo; a construção de jardins; chafarizes para facilitar o acesso à água em regiões diversas da cidade; o cemitério, visto que os enterros ainda aconteciam junto às igrejas; a iluminação pública; e, por fim, a linha férrea.

De acordo com Bibbó (2017), nas décadas de 1870 a 1900 as preocupações com a higiene e salubridade aumentaram consideravelmente em Ouro Preto. O lixo, a circulação dos animais, o sistema de água e o esgoto se tornaram uma questão para debates e intervenções do poder público. O jornal *Liberal mineiro* em diversas edições pautou o desagrado da população com o costume de jogar as sobras de comida na rua, sem se importar com as doenças, o mau cheiro e a estética da cidade.

Diversos serviços foram feitos pela população escravizada e pelos presos condenados à prisão perpétua (galé, como eram chamados). Com suas algemas e correntes, acompanhados de um policial algumas vezes alcoolizado, eles eram responsáveis pelo abastecimento de água, pela iluminação dos postes, pela limpeza das ruas, por consertos necessários da estrutura pública e por reformas, pinturas de prédios públicos e calçamentos (CABRAL, 1969).

Essa situação mudou somente em 1886, quando os proprietários de casas e prédios, receberam a seguinte orientação: “Nº2 - ter seus pátios, quintais ou cercados limpos e livres de qualquer lixo, removendo diariamente este para os lugares designados pela câmara” (CABRAL, 1969. p. 94). Nesse mesmo informe é solicitado que os donos dos locais arquem

com as despesas da pintura ou caiagem de suas casas, em uma tentativa de manter esteticamente, a cidade mais agradável, de acordo com os moldes modernos.

Os chafarizes, de águas escuras devido a problemas com o material do encanamento, foram substituídos por novos, e outros foram construídos para abastecer outras localidades. Além de estética, essa melhoria contribuía para a higiene da população ouropretana, que utilizava essa água para diversos fins (CABRAL, 1969; MANTOVANI, 2007; JULIÃO, 2011).

Lott (2009) aborda o conflito a respeito dos cemitérios. Em Ouro Preto, eles permaneciam até então ao redor das igrejas, confrontando os ideais higienistas que percorriam o Brasil desde a chegada da corte, no início do século. Essa permanência era justificada pela ideia de Boa Morte, forjada no período medieval, na qual padres e irmandades seriam responsáveis pelo espetáculo da morte, além de outros ritos que finalizavam com o enterro do fiel no adro de sua igreja. O afastamento dos cemitérios para lugares mais distantes ameaçava essa tradição e, conseqüentemente, o poder da igreja no que tange a morte. Mesmo após a construção do cemitério de Saramenha (em 1886), afastado do centro urbano, parte da população se recusava a ser enterrada ali, distante da igreja que costumava frequentar e junto com os “sem fé”.

A iluminação da cidade à noite também gerava preocupação. A demanda por um ambiente mais claro, que facilitasse o trânsito de pessoas, bem como a realização de festividades e atos religiosos noturnos, era constante. Na segunda metade do século XIX, as principais cidades brasileiras implementaram a iluminação a gás, que aos poucos iria substituir os antigos lampiões alimentados a querosene ou óleo de peixe (MANTOVANI, 2005). À medida que as capitais do país começaram com a introdução da energia elétrica, Ouro Preto, passou a discutir o assunto. Foram abertos diversos editais de licitação na tentativa de trazer a iluminação elétrica até Ouro Preto, muitos deles sem resultado (LIBERAL MINEIRO, 1882). Após diversas tentativas, uma licitação foi aprovada no nome de Carlos Gabriel de Andrade, mas como não foi realizado no prazo de nove meses previstos em edital, o contrato foi rescindido (LIBERAL MINEIRO, 1883). Posteriormente, um novo contrato foi feito, e em 1887 foi inaugurado o sistema de iluminação por meio de combustores belgas, que produzia uma espécie de luz mais brilhante, e eram colocadas em postes de ferro fundido, substituindo os lampiões anteriores, e trazendo um aspecto moderno à cidade. A luz forte, diferentemente da produzida anteriormente, fazia emergir consigo um sentimento de segurança para quem transitava pela noite. Finalmente em 1891, essa companhia foi melhorada pelo serviço de energia elétrica, do eletricista Henry Tyler, responsável por um dos

mais importantes melhoramentos da cidade (CABRAL, 1969; MANTOVANI, 2005).

O transporte rápido e seguro de pessoas e mercadorias também exigia cada vez mais atenção. Não por acaso, a ferrovia foi uma das principais invenções do século, povoando sonhos de modernidade e velocidade. Para a elite ouropretana, a ferrovia era o motor rumo ao crescimento que faltava à cidade. Em diversos momentos, isso pôde ser observado no jornal *Liberal Mineiro*:

No dia 6 do corrente partiu da corte para esta cidade o distinto engenheiro Dr. José Ribeiro da Silva Pirajá, contratado para proceder aos estudos definitivos da estrada de ferro que daqui deve partir para entroncar no melhor ponto da estrada D. Pedro II. Felicitamos aos habitantes desta capital e à sua fertilíssima zona, por tão importante passo dado em bem do seu progresso, havendo agora todo o fundamento para esperar que o sibilo da locomotiva soará em breve por entre estas montanhas, trazendo nova vida e animação ao comércio e as indústrias (LIBERAL MINEIRO, 9 de fev, 1882, p. 3).

O relevo montanhoso de Vila Rica, porém, representava um desafio para a implementação da ferrovia. Teophilo Ottoni procurou fazer dessa empreitada a marca de seu governo, e entre contratos feitos e desfeitos, mesmo após sua morte, a obra foi concluída. O Ramal de Ouro Preto teve suas obras iniciadas em 1884 e finalizadas em 1887, mas o início da operação da ferrovia se deu apenas em 1889 (BIBBÓ, 2017; CABRAL, 1969). A inauguração foi marcada por farta comemoração, com direito a festa, banda musical e fogos de artifício. Cabral (1969, p. 119) descreveu esse dia da seguinte maneira:

Os proprietários iluminaram profusamente as frentes de suas casas, sobretudo na Praça da Independência, onde a comissão de festejos mandou instalar um grande foco elétrico. Nos edifícios públicos, muralhas do palácio, Câmara Municipal, Cadeia, Casa da Assembléia, e em torno dos canteiros e grades de jardim existentes na praça, estavam espalhadas, com muito gosto e arte, luminárias de várias cores que davam aspecto lindo àqueles lugares. A praça ostentava iluminação férrea. Mais tarde foram queimados fogos de artifício. A cidade encheu-se de hóspedes, ficando extraordinariamente movimentada, verdadeiramente festiva.

A educação foi, e continua sendo, um dos pontos fortes da cidade. Usualmente a intelectualidade era tratada como sinônimo de modernidade. A Escola de Farmácia e Bioquímica (fundada em 1839), a Escola de Minas e Metalurgia (fundada em 1876), além dos colégios e ginásios da cidade, como o *Lyceu Mineiro* e o *Gymnasio Mineiro*, fizeram de Ouro Preto referência no campo educacional. Era e continua sendo uma cidade universitária, com repúblicas e pensões abrigando jovens estudantes de diversos locais do Brasil (CABRAL, 1969; CARVALHO, 2010; VIEIRA, 2016; JULIÃO, 2011).

Além dos ideais modernos, que percorriam o País e a Província, Ouro Preto era pressionada também por constantes ameaças de perder o status de capital. Os ditos mudancistas, a favor de que Minas Gerais tivesse uma nova capital, associavam a cidade a um

passado colonial que era preciso apagar, e apontavam nela limitações estruturais impossíveis de serem superadas. Já a maioria da população ouropretana parecia se inclinar para uma posição não mudancista, ou seja, eram contrários à ideia da mudança, e não viam nenhuma incompatibilidade insuperável entre a cidade e o projeto de modernidade que ganhava força. O desejo de continuar sendo a capital impulsionava a novas intervenções e melhoramentos na cidade (MANTOVANI, 2005; VIEIRA, 2016; CABRAL, 1969; FONSECA, 2016; BIBBÓ, 2017).

Muitas foram as intervenções pretendidas em Ouro Preto nos últimos 30 anos do século XIX, como alargamento, nivelamento e abertura de ruas; reforma de calçamentos das ruas com paralelepípedos e de passeios; emplacamento de ruas, casas e prédios; construção de novo matadouro, novo teatro, novo cemitério público, novo mercado, praças, jardins, um boulevard, um lazareto, escolas e linhas de bonde; introdução de iluminação elétrica nas ruas; demolições e (re)construções de prédios; reformas em fachadas de casas e prédios e de chafarizes; planificações de morros e construção de viaduto; e a já citada construção do ramal da linha férrea (BIBBÓ, 2017, p.83).

Para alguns autores e viajantes, a Ouro Preto oitocentista é marcada pela decadência. Exemplos disso são encontrados no livro *Festas e viajantes em Minas Gerais no século XIX: compêndio de citações* (2018), em passagens de Auguste de Saint-Hilaire, Conde Castelnau, Conde de Suzannet, Georg Freyress, Hermann Burmeister, Johann Pohl, John Luccock, John Mawe e Richard Burton, que caracterizam a cidade como atrasada e entediante. A visão desses viajantes acerca da cidade precisa ser relativizada, já que provavelmente eles tomavam como referencial para comparação cidades europeias ou o Rio de Janeiro, que abrigava a corte desde 1808. As diversas melhorias citadas até aqui sugerem uma cidade dinâmica, que buscava se modernizar, incorporando novas tecnologias, práticas, ideias e espaços.

Nos próximos capítulos, buscamos recriar o cotidiano de Ouro Preto, a partir dos seus divertimentos.

### 3 SOB A LUZ DO SOL

*AH! Querem uma luz melhor que  
a do Sol!  
Querem prados mais verdes do que estes!  
Querem flores mais belas do que estas  
que vejo!  
A mim este Sol, estes prados, estas flores contentam-  
me.  
Mas, se acaso me descontentam,  
O que quero é um sol mais sol  
que o Sol,  
O que quero é prados mais prados  
que estes prados,  
O que quero é flores mais estas flores  
que estas flores -  
Tudo mais ideal do que é do mesmo modo e da mesma  
maneira!*

(Fernando Pessoa)

Amanhece em Ouro Preto. É domingo de páscoa em 1882, e os primeiros raios de sol surgem por detrás das montanhas, elevando um pouco a temperatura e ajudando a dispersar a cerração da manhã. Em frente à Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar os fiéis se reúnem, trocam bom-dias e amenidades, esperando pelo início da procissão. Logo a imagem do cristo ressuscitado surge no portal da igreja e, com ela à frente, os moradores seguem em cortejo pelas ruas da capital mineira.

Iniciamos esse capítulo com uma procissão não apenas por ser esse o evento social mais cedo encontrado em minha análise (marcado para iniciar às 6 horas da manhã), mas sim por estar presente aqui um elemento que atravessará boa parte dos demais eventos sociais da cidade: a religiosidade. Eventos como missas, procissões, transladações de imagens, batizados, ritos fúnebres, e casamentos faziam parte do dia a dia da cidade, e muitas vezes se misturavam com eventos e celebrações de outro tipo, borrando a fronteira entre o sagrado e o profano.

### 3.1 Festejos religiosos

O calendário fixo dos festejos religiosos da cidade durava o ano inteiro, e normalmente se organizava em homenagem aos santos ou em benefício de alguma irmandade. Durante o mês de janeiro usualmente ocorria a festa da Nossa Senhora do Pilar, assim como o festejo religioso do mártir São Sebastião. Em fevereiro, as festas em honra da Senhora Virgem, da Nossa Senhora da Paciência e da Nossa Senhora do Rosário do Alto da Cruz. Março abria-se espaço para a Festa do Bom Jesus dos Passos e para a semana santa, que também poderia ser em Abril. Todo o mês de maio era dedicado à Maria, com missas diárias, solenidades, procissões e afins. Não era a única festa do mês, visto que a procissão de Corpus Christi também acontecia no fim de maio ou início de junho. Junho os festejos iam de Santo Antônio, São João Batista e Divino Espírito Santo. Julho e agosto eram meses pouco ocupados por festas religiosas, sendo a Nossa Senhora da Boa Morte e Conceição da Lapa as celebrações mais comuns. Em setembro os festejos da Nossa Senhora das Mercês de Ouro Preto, e em outubro as festas do Santíssimo Coração de Jesus e o festejo do cruzeiro. Novembro a festa da Nossa Senhora do Pilar novamente, e, por fim, em dezembro, os festejos de Natal e fim de ano. A tabela a seguir traz as festividades encontradas no período, com os santos, datas e locais de acordo com o que era divulgado pelo *Liberal Mineiro*.

**Quadro 1:** Datas, locais e acontecimentos dos festejos religiosos (1882-1889)

Data	Local	Festa	Acontecimentos
<b>1882</b>			
2 de fevereiro	Bairro Padre Faria	Festa em honra da Senhora Virgem	
22 de fevereiro	Da capela até Penitenciária	Procissão de cinzas	Transladação do Santo Patriarca até a capela de São Francisco de Assis.
25 e 26 de março	Da matriz de Ouro preto para matriz de Antônio Dias	Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos	Transladação da imagem e Procissão
Primeira semana de abril	Igreja Matriz de Antônio Dias (Irmandade do Santíssimo Sacramento da paróquia de Antônio Dias)	Sagrada paixão, Morte e ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo	
Final de março / início abril		Concurso de anjos (Irmandade dos Passos)	
Abril		Semana Santa	
8 de junho	Igreja Matriz	Festividade do corpo de Deus	(Procissão e Limpeza das frentes das casas)

1 de outubro		Festa de N. S. das Mercês do Ouro Preto	
29 de novembro	Na matriz de Antônio Dias	Festejo religioso da Nossa Senhora Imaculada Conceição (novena e bênçãos)	

## 1883

14 de janeiro		Festa da N. S. do pilar	Orquestra Henrique Mesquita
21 de janeiro		Festividade religiosa do Mártir São Sebastião	Missa cantada
2 de fevereiro	Na capela do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos	Festa é da N. S. da Paciência	Orquestra e banda musical do professor Augusto Corrêa
11 de fevereiro		Festejo religioso da N. S. do Rosário do Alto da Cruz	Missa e solenidade Te-deum
18 de fevereiro		Ato religioso de N. S do alto da Santa Cruz	
10 e 11 de março		Festejo Senhor do Bom Jesus dos Passos	Transladação da imagem e procissão
31 de maio		Encerramento mês de Maria	Missa cantada, te-deum, procissão.
24 de maio	Na igreja Matriz de Ouro Preto (Câmara Municipal)	Festividade do corpo de deus,	Procissão
17 de junho		Festividade do divino espírito santo	Sociedade musical Jardim da Mocidade
Junho	No arraial da Chapada	Festejos de Santo Antônio	Exposição de prêmios e Espetáculo de acrobatas e prestidigitador
Junho	Na matriz de Antônio Dias	Festa de São João Batista	
Setembro		Festejos da N. S. das Mercês do Ouro Preto	Novenas e Orquestra Henrique Mesquita
5 a 14 de outubro	Capela Santana	Festejo do Santíssimo Coração de Jesus	Novenas, Ofício, Missa Cantada e Te-deum.
Outubro	No morro do cruzeiro	Festejos ao Santo Cruzeiro	Ofício cantado, Levantamento de mastro e Missa
Novembro		Festa da, N.S. do Pilar (padroeira da cidade)	Missa cantada, sermão cantado, te-deum
2 de dezembro	Na capela da N. S. das Mercês	Festejo religioso em homenagem ao aniversário de D. Pedro II	
8-10 de dezembro		Festejo religioso Imaculada Conceição de Antônio Dias	Missa cantada com a sociedade musical e te-deum.
Dezembro		Festa do natal em Antônio Dias	Novena e Missa cantada
Dezembro		Festividade religiosa da Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia	Orquestra composta pelo Henrique Mesquita.

## 1884

20 de janeiro		Festividade religiosa do Mártir São Sebastião	Solenes festejos, Oração, Exposição de prêmios
18 de março		Festividade dos Passos.	Transladação da imagem

27 de março		Festividade religiosa da devoção de N. S. das Dores	
Março (quinta a domingo)		Festejo do santíssimo sacramento.	Missa cantada, Lava pés, Missa e Procissão
Abril		te-deum na capela de S. José	
Junho		Festividade do Divino Espírito Santo	Orquestra da Sociedade Musical Jardim da Mocidade e Henrique Mesquita e Fogos.
5 de agosto	Freguesia de Antônio Dias	Festejo religioso da N. S. da Boa Morte	Novenas (com orquestra musical).
14 e 15 de agosto			
6 a 13 de agosto		Festejo N. S. Conceição da Lapa	Novenas e
14 de agosto			transladação da imagem
12 de outubro	na capela do Senhor Bom Jesus do Matosinhos	Festejo N. S. da Paciência	Missa, te-deum, peças do repertório musical Jardim da Mocidade
19 de setembro em diante		Festejo da Virgem Santíssima	Novenas, missa cantada, posse dos mesários com te-deum e Sociedade Musical de Antônio Dias
22 de setembro	No salão da casa do Sr. Cônego Luiz da Costa Braga, na rua da polícia	Sarau musical (martírio de Santa Cecília)	Músicos da freguesia de Antônio Dias
27 de novembro		Festejo religioso da Imaculada Conceição (padroeira da freguesia de Antônio Dias)	Novenas

**1885**

19 e 20 de janeiro		Devoção de S. Sebastião	Levantamento do mastro/ Missa cantada e te-deum.
21 e 22 de março		Festejo da irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos (freguesia de Ouro Preto)	Transladação da imagem da matriz de Ouro Preto à matriz de Antônio Dias e Procissão.
Março	Capela do N. S. Francisco de Assis	Festejos da semana santa	Ofício de trevas, Missa solene, Exposição do Santíssimo Sacramento, Missa Santificada, Sábado de Aleluia, Almoço, Matinês e Procissão
Abril	Paróquia de Antônio Dias, S. Francisco de Assis, Igreja do Carmo e Mercês de Ouro Preto	Semana Santa	Exposição do santíssimo sacramento e Contemplação dos templos.
5 de julho	Templo S. Francisco de Assis	Exposição de prendas para as obras da capela	Exposição de prendas para as obras da capela
26 de junho a 5 de julho		Novenas do Santíssimo Coração de Jesus	Novenas, Missas cantadas e Te-deum.
17 a 26 de julho	Capela de Santana	Novenas em benefício da capela para concerto do telhado	Novenas, levantamento de mastro, missa com música do Sr. Antônio Leão.
5 a 8 de setembro	Da capela para o morro do	Festejos para S. Francisco de	Transladação da imagem,

	cruzeiro	Paula	Missa cantada, Te-deum pela independência e Exposição de prendas.
24 de dezembro	Capela de S. Francisco de Paula	Festejos do menino Deus	Missa da meia noite e Exposição do presépio e solenidades.
<b>1886</b>			
Maio	Capela N. S. das Mercês de Ouro Preto	Mês de Maria	Missa e exercícios da santa
20 de junho	Capela da N. S. da Piedade em Antonioo Dias	Exposição de obras para reformas da capela	Exposição de prêmios
15 de agosto	N. Senhora da Lapa	Festa da N. S. da Lapa	Missa solene, Levantamento de mastro e Solenidades.
7 a 9 de setembro		Festejos de setembro para aniversário da independência e N.S da piedade	Missa, Músicas e Te-deum para independência. Missa pela N.S da Piedade e Leilão de prendas.
28 de novembro a 8 de dezembro		Festejo imaculada conceição	Novenas acompanhadas de músicas e harmonias. Matinês, Missas cantadas e Te-deum.
24 de dezembro	Capela de S. Francisco de Assis	Festejo de natal	Matinê e Missa Cantada.

**Fonte:** Elaborada pela autora com base nas informações do jornal *Liberal Mineiro* (1882-1889).

Por intermédio do jornal, a população era convidada a participar dos eventos de diversas formas: com contribuições financeiras, encaminhando suas crianças para figurarem como “anjos” e “virgens”, mantendo limpa a frente de suas casas, iluminando-as (no caso de procissões noturnas), e comparecendo nas festas, seja de qual igreja ou santo fosse. Além desse calendário fixo, também se percebe missas e louvações (*te-deum*) em feriados cívicos e eventos afins, como nos festejos do dia 21 de abril (Tiradentes), no dia 7 de setembro (Independência do Brasil), e no aniversário de D. Pedro II.

Essa presença constante de atos religiosos no cotidiano, porém, não significava necessariamente um controle absoluto da igreja sobre a vida social da cidade, nem a adesão de seus moradores a um estilo de vida pautado pela renúncia e comedimento, como prescrito pela doutrina católica. Predominava entre os ouropretanos uma vivência peculiar dos preceitos religiosos, conhecida como “catolicismo popular”. Os viajantes que visitavam a cidade no século XIX muitas vezes estranhavam as práticas religiosas da população. Auguste de Saint-Hilaire, por exemplo, esteve em Minas entre os anos de 1816 e 1822, e classificou a religião brasileira como desregrada, supersticiosa e obscura. Segundo ele, isso seria típico de regiões bárbaras, como o Brasil, onde as ideias se afugentam, e a convivência com indígenas e escravizados faz florescer o gosto pela libertinagem (SAINT-HILAIRE, 2000, p.85 apud PEREZ *et al.*, 2018, p.84).

John Luccock, que esteve em Minas por volta de 1817 e 1818, também viu na

mestiçagem a origem do “aviltamento do espírito humano”, a razão da “miséria” e “perversão” que predominariam por aqui. Ainda segundo ele, tudo isso levava os rituais religiosos a adotar características próprias:

A fim de entravar essa decadência moral tornaram-se deslumbrantes as cerimônias religiosas, havendo uma grande regularidade na frequência aos seus serviços de que, porém, parece estar o coração ausente. Numa grande procissão a que assistimos, a impressão geral provocada no espírito era a de que os padres cumpriam com as obrigações que lhes tocavam, mas a população era turbulenta e indecorosa. Não se percebiam sentimentos verdadeiramente religiosos nessa demonstração; e, no serviço comum da Ave Maria, que, tal como no Rio, se executava as esquinas das ruas, a pessoa que o conduzia ficava animadamente a conversar em seus intervalos, voltando a prestar atenção quando chegava sua vez (LUCOCK, 1975, p.338 *apud* PEREZ *et al.*, 2018, p. 220).

Hermann Burmeister, que esteve por aqui no ano de 1851, também relata suas impressões sobre as expressões religiosas em Minas Gerais:

Na igreja, não se prega sermões; a litania, em latim, não é compreendida e a música, ainda que seja atração para muitos, é coisa rara. Em ocasiões solenes, organiza-se um coro, que se reúne no balcão, acima da entrada, tocando valsas de Strauss, melodias populares, batuques ou lundus, a overture de uma ou outra ópera, e o hino dos mineiros enquanto que os fogos de artifício e as bombas estalam em toda parte. Mas nenhuma nota de música sacra é ouvida, pois a orquestra não a saberia executar e, mesmo no Rio de Janeiro, ouvem-se, nas igrejas, trechos de óperas, em vez daquela música. Durante o serviço religioso que não passa muito de um quarto de hora, os fiéis mantêm-se silenciosos; as mulheres ocupam a nave central, ajoelhadas nas tábuas do assoalho; os homens livres ficam de pé, no fundo ou ao lado, sendo que os mais importantes ladeiam o altar no coro; e os escravos postam-se em frente ou ao lado da porta, numa barreira ali construída. O padre, depois de lida a missa, entoia uma litania, que é sempre cantada em tom de falsete; as mulheres repetem a ladainha e os homens entram por fim no coro. Em toda Minas, ouve-se isto, um tema solene e sereno, de melodia agradável, que apenas carece de melhor interpretação para causar ótima impressão. Terminada a cantiga, encerra-se também o serviço religioso e os fiéis dispersam-se em silêncio. Apenas os homens permanecem ainda em frente à porta, palestrando em grupos e olhando as mulheres que desfilam (BURMEISTER 1980, p.275-276 *apud* PEREZ *et al.*, 2018, p.147).

As procissões também chamaram a atenção do viajante, que percebia nelas um caráter duplo, de prática sagrada e divertimento público. Combinavam, portanto, diversas formas de festividade, e deixavam dúvidas a respeito da fé dos participantes.

Procissões religiosas de grande solenidade não são raras, visto que constituem ao mesmo tempo divertimento público, do qual todos participam com o mesmo ardor e vestidos com os melhores trajes. As mulheres das classes mais elevadas usam também nessas ocasiões a capa e o lenço na cabeça, enquanto que os homens vão descobertos, de chapéu na mão. (...) Depois da procissão, realizar-se-ia, em geral, a rifa de vários objetos oferecidos à igreja, o que atrai grande número de curiosos e assistentes. Já vários dias antes da procissão mais objetos são levados pelas ruas para serem exibidos ao povo, interessando-o destarte, na festa próxima (BURMEISTER 1980, p. 276 *apud* PEREZ *et al.*, 2018, p.148).

Essas manifestações e práticas que se distanciavam da tradicional liturgia da igreja católica, incorporando aos rituais outros elementos “mundanos”, ou mesmo influências de

outras crenças, como as religiões de matriz africana, são características do chamado catolicismo popular. A presença dessa religiosidade pouco ortodoxa em Minas Gerais preocupava a igreja, e motivou um processo conhecido como romanização e reforma ultramontana, que buscava enquadrar religiosos e fiéis em uma tentativa de europeização, uniformização das práticas e centralização do poder. O marco inicial desse processo em Minas Gerais é a designação de Dom Viçoso como bispo de Mariana, em 1840. Imbuído desse espírito reformador, Dom Viçoso buscou combater as irmandades e confrarias leigas, tão presentes por aqui, e separar as cerimônias dos festejos populares (PEREIRA, 2002). Porém, apesar desse processo ter perdurado por anos a fio, ele nunca conseguiu ser completamente exitoso, encontrando resistências e permanências.

Mais do que somente atos de fé e devoção, os festejos religiosos de Ouro Preto no fim do século XIX eram também eventos sociais, que mesclavam sagrado e profano, fé e diversão. As pessoas vestiam suas melhores roupas e enfeitavam a frente de suas casas, o que sugere o desejo de exibir-se, de ver e ser visto. A cidade se tornava mais agitada e movimentada, recebendo gente de fora, de longe inclusive. Após a missa, as praças e ruas eram tomadas por jogos, circo, desfiles e passeios. Nas páginas do *Liberal Mineiro* podemos perceber o caráter social desses eventos. Os festejos era anunciados ou relatados sempre relacionados a partir de ideias como “primoroso”, “esplendoroso”, “pompa”, “lindíssimo”, “luzimento”, “brilhantíssimo”, indicando haver ali uma preocupação estética com a performance e ornamentação que extrapolavam o sentimento religioso. O destaque dado aos fogos de artifícios, a música, apresentações teatrais e demais atrações que cercavam as cerimônias, também chama atenção:

No dia 2 de fevereiro vindouro, na capela do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, a festa de sua protetora, N. S. da Paciência. Pede a concorrência de todos os devotos aos respectivos atos. A orquestra será regida pelo distinto professor, Domingos Monteiro e a banda musical sob a direção do professor Augusto Corrêa (LIBERAL MINEIRO, 1 de fev. 1883. p.3).

Tendo como costume, festejar-se o Divino Espírito Santo, a mesa administrativa desta devoção faz público as festividades do dia seguinte. No dia 7 do corrente, às 19 da noite, tocando por essa ocasião a orquestra da Sociedade Musical Jardim da Mocidade, que apresentará as melhores peças de seu vastíssimo repertório. Em seguida, no mesmo lugar queimar-se-hão alguns fogos de artifício (...) Domingo, dia 8, às 11 horas da manhã, haverá missa solene, ocupando a tribuna sagrada o vigário de freguesia, Padre Cândido Velloso, e tocando nesse ato a tão conhecida orquestra de Henrique Mesquita. Para maior brilhantismo da festa pede a mesa o comparecimento de todos os devotos (LIBERAL MINEIRO, 3 de jun. 1884, p.3)

Terminaram hoje as festividades da Santa Cruz na capela do campo do Raimundo desta capital, sendo precedidas de novenas e havendo cantos. Tudo aconteceu, felizmente, para que as festas se elevaram à devida altura. A música, os fogos, e a concorrência se incumbiram de dar o brilho das festas cristãs. (...) A capelinha no

entrado precisa de um sino, e medimos para que os devotos de Santa Cruz, tão dedicados e extremados, concorressem com essas esmolas para tão grande necessidade (LIBERAL MINEIRO, 19 de jul. 1884. p.4)

Os eventos e celebrações religiosos mexiam com o cenário urbano, atraindo para Ouro Preto gente de diversas localidades. Na edição de 11 de abril de 1882, ao relatar os festejos da semana santa, o jornal *Liberal Mineiro* afirma que “nunca nesta cidade havia se observado tanta gente andando dos mais diversos pontos dos mais longos locais em direção a matriz” (LIBERAL MINEIRO, 11 de abr, 1882. p. 3). A igreja aproveitava a ocasião para arrecadar fundos. Além dos tradicionais pedidos de esmolas e doações, leilões, loterias e bazares eram organizados em benefício de obras em igrejas e capelas. Ao redor dessas festas também se estabeleciam diversas práticas comerciais e espetáculos, que tanto se aproveitavam de sua popularidade, quanto serviam de chamariz para o público.

Festa de Santo Antônio: foi designado para o dia 24 de junho os festejos de Santo Antônio no arraial da Chapada. No mesmo dia acontecerá a exposição de prêmios em favor da capela de Santana. (...) Atualmente, encontra-se na chapada uma companhia de acrobatas e prestidigitador, que exibirão seus trabalhos de divertimento na festa (LIBERAL MINEIRO, 19 de jun, 1883. p. 4).

Festejos e comércio, sagrados e profanos, se mesclavam e complementavam. Nas páginas do *Liberal Mineiro*, encontramos anúncios como o da modista Rosa Amabeli, que faz roupas de casamentos, batizados e para festas fúnebres (LIBERAL MINEIRO, 19 de jan, 1882, p.4), ou de orquestras e bandas, como a orquestra Henrique Mesquita:

Novidade Clube musical Henrique Mesquita inaugurado em 20 de janeiro de 1882 no dia sobre a proteção do mártir São Sebastião: Essa Associação artística da qual fazem parte alguns professores de distintos amadores oferece serviços ao Benévolo povo ouropretano da qual se espera acolhimento e animação. A orquestra regularmente organizada pode ser da execução que lhe foi confiada em festejos sacros, ou profanos. Modicidade de preços, pontualidade e perfeição na parte artística (LIBERAL MINEIRO, 9 de fev, 1882, p.4).

Em Ouro Preto, música sacra e secular se mesclavam. As mesmas bandas que faziam parte das cerimônias sacras, animavam também a festa profana, e por inúmeras vezes esses eventos se associavam, se complementavam. Além da já citada orquestra de Henrique Mesquita, e da Banda do corpo policial, que se apresentava na Praça da Independência “às quintas-feiras, aos domingos e dias santificados, das 16 às 18 da tarde” (LIBERAL MINEIRO, 25 de abr, 1882. p. 3), encontramos ainda referência a outras orquestras, como a Jardim de Mocidade, Orquestra Ouro Pretana, Orquestra de Antônio Dias e Sociedade Filarmônica.

As cerimônias religiosas abrigavam também batuques, danças, lundus e outros espetáculos, indicando o encontro do catolicismo popular com religiões e crenças de matriz africana. A capela de Nossa Senhora do Rosário era uma das mais adaptadas aos costumes negros, com festejos, alegres, luxuosos, que expressavam essa mescla de elementos culturais. Apesar da origem europeia, a veneração à santa já havia sido levada por colonizadores ao Congo e Angola. Em Ouro Preto, a irmandade do Rosário dos Pretos existia nas duas freguesias centrais, e abrigava os irmãos africanos, livres e escravizados, além de servir como local de enterro de seus corpos no momento da Boa Morte. “Os africanos, mediante os rituais católicos, mantiveram seus valores culturais mais profundos, conseguindo, assim, mesmo que minimamente, suportar a vida no cativeiro” (LOTT, 2009, p. 402). No interior de capelas como a de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, e Santa Efigênia era possível inclusive encontrar devoções a santos negros, e essas associações favoreciam ao hibridismo cultural, possibilitando que os africanos utilizassem da religião católica popular para colocarem em pratica suas danças, festas e ritos, mesclando-as com as festividades católicas (CAMPOS, 1988).

**Figura 3:** Paisagem de Ouro Preto e capela do Rosário



**Fonte:** Conhecendo museus, 2015

Mas nem só de festas religiosas se vivia em Ouro Preto. Hobsbawm (2009), analisando o contexto europeu, aponta o início do século XIX como um período de crescente secularização da sociedade. Lott (2009), analisando as possibilidades de relacionamentos amorosos e formação familiar em Ouro Preto no século XIX, sugere uma tendência semelhante:

A partir da segunda metade do século XIX observamos um arejamento maior na sociedade tão austera de Ouro Preto. Com o decorrer do tempo, as festividades

religiosas deixam de ser as únicas possibilidades de encontros sociais. Não acreditamos que houve mudança no padrão de escolha dos noivos, pois a cidade se mantém tradicional, mas os flertes e namoros acontecem de uma forma mais livre. A opinião dos jovens passa a ter maior peso na escolha de seu cônjuge, desde que aprovado pelas famílias (p. 350).

Ainda segundo a autora, a chegada em Ouro Preto de jovens estudantes de outras cidades e províncias alimentava na cidade novas opções de lazer e cultura, menos sujeitas a influência e controle da igreja. Abordaremos a seguir algumas dessas práticas.

### 3.2 Festejos cívicos e políticos

O século XIX marca a consolidação do Estado-nação como modelo internacional de organização política e territorial. O mesmo exigia a construção de um “sentimento nacional”, que passava por encontrar, recuperar (ou mesmo “inventar”) uma história e uma cultura comum, que identificasse o povo de determinada nação. Os festejos cívicos, ao enaltecer personagens e destacar eventos históricos, fazem parte desse esforço.

Em Ouro Preto, como talvez fosse característico do Brasil do século XIX, tais eventos muitas vezes se mesclavam com a religião. Nas páginas do *Liberal Mineiro*, encontramos referências a missas e louvações (*te-deum*) em cerimônias cívicas e eventos afins, como nos festejos do dia 21 de abril (Tiradentes), no dia 7 de setembro (Independência do Brasil), e no aniversário de D. Pedro II.

Houve solenidade, te-deum, em ação de graças pelo faustíssimo aniversário natalício de Sua Majestade Imperial, o Sr. D. Pedro II. Assistiram ao ato o Exm. Sr. Dr. Antonio Chaves, digníssimo presidente da província, e um luzido concurso de cidadãos de todas as classes. Por fim, foram feitas as continências militares por uma guarda à porta do templo (LIBERAL MINEIRO, 4 de dez, 1883. p.2).

Festejos de S. Francisco de Paula (...) no dia 7, às 9 horas, missa com ladainha e te-deum às 17 horas pelo aniversário da independência e do império. No dia 8 Missa cantada às 10 horas e em seguida exposição de obras da igreja em benefício da capela (LIBERAL MINEIRO, 20 de ago, 1885, p.4).

Festejo do mês de setembro: no dia 7, missa com cânticos às 9hs da manhã. Seguida de te-deum pelo aniversário da independência. (...) Dia 8, missa às 11hs pela N.S. da Piedade, às 16hs leilão de prendas. (...) Dia 9, missa com réquiem às 9hs (LIBERAL MINEIRO, 25 de ago, 1886, p.3).

Inaugurações de obras de melhoramentos, bem como atos políticos, também eram motivo para festejos. Em Ouro Preto, esse hábito atraía a população, mobilizando principalmente os estudantes, normalmente vinculados a um ideal de modernidade e civilidade. Nas ruas, precedidas de banda militar, as pessoas marchavam, conversavam, discursavam, bebiam e se divertiam.

Estiveram mais de 500 pessoas precedidas de banda de música para ir até ao palacete do Barão de Ouro Branco, onde Afonso estava hospedado. Ele agradeceu a consideração e ofereceu um grande copo d'água para um brinde. Em seguida desfilou pelas ruas da capital levando vivas aos liberais, senadores, deputados, a imprensa e a província. Dentre os discursos, destacou o de Carlos Honório, desembargador Aurélio, Emilio Horta e Camilo Veloso, que falaram sobre a ampliação do sufrágio e o abolicionismo (LIBERAL MINEIRO, 27 de fev. 1886, p.1).

Esses festejos cívicos, por vezes, aconteciam dentro do Palácio da Assembleia ou do teatro, e assim eram chamados de reuniões ou matinês. Como no caso dessa citada anteriormente, realizada em favor da abolição, pauta muito recorrente naquele momento. A escravidão, que durante a década de 1880 já havia sido proibida no restante dos países do mundo, e só era legalmente permitida no Brasil, era vista como um obstáculo ao progresso, por ser moralmente indefensável e economicamente ineficiente.

Matinê abolicionista: realiza-se domingo que vem uma festa abolicionista no teatro, às 12hs, sendo metade dos produtos angariados nesta ocasião destinada a causa abolicionista da cidade. Esperamos que seja grande a concorrência pública a essa festa, tão útil aos pobres escravizados, como patriótica e digna de louvores (LIBERAL MINEIRO, 22 de set. 1886. p.2).

Festival abolicionista: Realizou-se no dia 25 com grande pompa e brilhantismo, o festejo promovido pelo Club Abolicionista Visconde do Rio Branco e pela Sociedade Libertadora Mineira, em comemoração da libertação dos últimos escravos da província do Ceará. Às 19 horas saíram do paço da assembleia incorporadas, ambas as sociedades, seguida de grande número de pessoas e precedidas pela banda de música do corpo policial, tendo à frente seus gloriosos estandartes, conduzidos pelos respectivos presidentes, e percorreram as ruas da cidade. (...) seguiu um magnífico concerto (LIBERAL MINEIRO, 29 de mar, 1884. p.3).

Para além da pauta abolicionista, a política cotidiana também propiciava ocasiões de confraternização e festejos na capital mineira. A posse de um novo presidente da província, ou o anúncio de alguma nova medida, mobilizava apoiadores e partidários, provocando momentos de socialização.

Ontem, chegou à capital o presidente da província (...) O numeroso concurso de pessoas gradas foi ao seu encontro, a manifestação de prazer e indescritíveis provas de adesão com que foi recebido o ilustre mineiro, são demonstrações da estima votada à S. Exc. pelos seus comprovincianos. (...) O vice-presidente ofereceu a V. Exc. um jantar, que foi servido no palácio às 18 horas. Aquela reunião de amigos esteve animada (LIBERAL MINEIRO, 7 de mar. 1883, p.1).

Ontem após as 15h havia circulado nas paróquias da capital um boletim com os seguintes dizeres: às 19 horas os habitantes da cidade irem ao jardim da praça, levar felicitações ao presidente da província, por estar promovendo o desenvolvimento dos programas da escola de minas. (...) De feito, às horas e ao lugar indicado, aluiu imensa corrente de cidadãos de todas as classes sociais e precedidos pela banda de música militar, dirigiram-se ao palácio da presidência, sendo ali recebidos com o mais afável cavalheirismo do Sr. Antônio Chaves, que no decurso de 17 meses não cessou um só momento de promover e realizar tão importantes melhoramentos públicos (LIBERAL MINEIRO, 14 de ago. 1884, p. 2).

A inconfidência mineira era outro acontecimento lembrado e festejado. No Paço da Assembléia tinham lugar missas, peças, músicas, e outros espetáculos para os cidadãos ouropretanos. Como, por exemplo, em 1882, na ocasião do 9º decenário da morte de Tiradentes:

Programa dos festejos do 9º decenário de tiradentes. Dia 20 de abril: espetáculo em grande gala, às oito da noite com a chegada do presidente da província Theophilo Ottoni, com uma orquestra intitulada “sonho da independência, dividida em 3 partes, composta por Emílio Horta e executada pelo coro do club musical Henrique Mesquita. Em seguida será cantado o hino de Tiradentes e o drama “Abençoadas lágrimas” da sociedade dramática particular de Ouro Preto. No dia 21, uma salva de tiros no jardim da praça, juntamente do hino de Tiradentes tocado pela banda do corpo policial, que após esse momento percorrerá as ruas da capital. As 12 terá uma conferência literária sobre os principais personagens da conjuração mineira, às 7 terá novamente o canto do hino de Tiradentes pelo corpo policial, juntamente de fogos de artifício e balões. No dia 22 às 8 da noite, irá a cena novamente o mesmo drama “Abençoadas Lágrimas” (LIBERAL MINEIRO, 18 de abr. 1882, p. 4).

Tal festejo era recorrente e no ano de 1888 parte do programa foi comentado a posteriori na seção noticiário:

Brilhante marcha que percorreu as ruas da cidade entre vivas e aclamações, demorando-se na praça da independência, onde está levantada uma coluna comemorativa da conjuração (...) a festa foi composta de parte literária e parte concerto. No concerto tiravam parte distintas amadoras, oradores, e concertos. A cidade iluminou-se e houve nas ruas grande ocorrência do povo (LIBERAL MINEIRO, 23 de abr. 1888. p. 2).

As formaturas dos estudantes das escolas de Ouro Preto também eram motivo de celebrações destacadas, bastante concorridas.

Tendo concluído o curso da escola de minas desta capital, os nossos amigos Srs. Hygino Soares de Oliveira e Josué Filho, ofereceram aos seus inúmeros amigos desta capital, um lauto banquete, no domingo dia 15, na casa de sua residência. Começou o festim às 18 horas e prolongou-se até as 10 horas, tendo reinado entre os convidados a mais sincera e cordial alegria. Sendo saudados e brindados com eloquentes e entusiásticos discursos os distintos brasileiros agora laureados pela escola de minas. (...) Ao terminar, retiraram-se todos os convivas, encantados pela amabilidade dos donos da casa, aos quais ainda uma vez comprimentamos e saudamos (LIBERAL MINEIRO, 17 de jun, 1884, p.3)

Manifestação: Os alunos da escola de farmácia, incorporados e precedidos de uma excelente banda, dirigiram-se à residência do farmacêutico Luiz Barbosa da Silva e o felicitaram pela sua nomeação. (...) O Sr. Luiz Barbosa, comovido, respondeu com um brilhante discurso ao orador, e ao seu colega, farmacêutico Vaz de Mello. (...) Em seguida, foi servido um profuso copo d'água, trocando-se então vários brindes, entre outros, ao corpo docente da escola, à classe farmacêutica e à digna família do Sr. Luiz Barbosa (LIBERAL MINEIRO, 17 de jun, 1884, p.3)

A referência direta a brindes, ou ao eufemístico “copo d'água”, indica que o consumo de bebidas alcoólicas era frequente nestes eventos, e sugere que a formalidade inicial, reportada pelo jornal, era deixada de lado no decorrer da festa.

Por fim, vale destacar que a filiação política do jornal, ligado ao Partido Liberal, provavelmente tinha influência sobre quais eventos eram destacados ou não. O apoio do Partido Liberal à causa abolicionista, por exemplo, favorecia a divulgação das ações e encontros do clube abolicionista. Por outro lado, é possível supor que existissem outros grupos e pautas capazes de mobilizar alguns setores da população, mas que não contavam com a mesma simpatia (e divulgação) por parte dos liberais. Da mesma forma, chama atenção que apenas a posse de Antônio Gonçalves Chaves, político do Partido Liberal, em 1883, tenha sido repercutida pelo jornal. Não há relatos no *Liberal Mineiro* de festas e banquetes para a posse de nenhum de seus sucessores, todos do Partido Conservador, embora possamos supor que elas também tenham acontecido.

### 3.3 Entrudo e carnaval

Em se tratando de festa em Ouro Preto, o mês de fevereiro merece destaque. As ruas das freguesias do Pilar e Antônio Dias eram decoradas, as pessoas se fantasiavam, com pinturas, ornamentos e máscaras, e saíam pelas ruas em busca de diversão. Os festejos eram anunciados no jornal muitas vezes em textos galhofeiros, que, em uma atitude de inversão e subversão da ordem, buscavam zombar da formalidade e da pompa que marcam os discursos oficiais.

Club dos Tagarelas Carnavalescos. Deixá-los falarem-se que eles calaram-se-ão. Eureka! Eureka! Eureka! Será este o grito sucessivo dos folgazões Tagarelantes doripherosdasilvaratõeesteceteraetalsimsenhora, que há de ressoar durante os dias 4,5 e 6 de fevereiro vindouro. Cessa tudo quando o bisonho entrudo canta, que o carnaval ledado e galhofeiro se levanta! Sim, se levanta para enterrar aquele velho semistriunphantes, cujo enterro há de sim senhores, ser feito com as formalidades do estilo, mas ao invés das chapas necrológicas de há muito inventadas e já muito batidas e sem substitutos, terá ele em signal de lamúria a gargalhada asmodiana, com uns ressaibos mephistophelicos e sacrapintados, na phrase inspirada de um discursador e poeta de improviso, nosso contemporâneo. Rapaziada! Quando o nosso grito não puder ser ouvido do itacolomy à pedra de amolar, fazei-nos o obséquio de levar a essas plagas o nosso anúncio? Empunhai a corneta e traduzi as melodias suaves o nosso entusiasmo pelo Deus momo, a frente de cujo festejo estará sempre firme e nunca d'antes excedido e majestoso maestro Zé Pereira, de maceta em punho, dirige uma orquestra sem rival e com licença do Club Henrique Mesquita, de caixas, bombo, pratos, pífanos e castanholas. A gargalhada será interminável, salvo se no dia 7 houver quem nos diga: memento (LIBERAL MINEIRO, 18 de jan. 1883, p.3).

Porém, mesmo as festas do Momo não eram livres de divisões e disputas. Duas práticas principais se destacam e até certo ponto se opunham: o carnaval e o entrudo.

Carnaval: convida-se a rapaziada desta capital para reunião que acontecerá amanhã, domingo, dia 14 de fevereiro, na rua Conceição, n.3, Antonio Dias. Reina grande entusiasmo pelo carnaval e a rapaziada de bom gosto quer aproveitar essa agitação,

encaminhando as coisas de maneira a fazer-se uma boa festa. Já existem programas, planos, ideias magníficas! Avante, rapaziada! O laboratório do espírito está conosco (LIBERAL MINEIRO, 13 de fev. 1886, p.3).

Clube dos tagarelas carnavalescos: Divididos em grupos o farão nos dias 4,5 e 6 de fevereiro, suas correrias pelas ruas da capital da Itália Brasileira. (...) Não se esqueça, às 13 horas da tarde dos referidos dias deveis comparecer à cafua, afim de receber instruções sobre o nosso itinerário. Haja gargalhada! Não receies, mesmo que o tempo esteja superabundantemente aquático, havemos de fazer ao bello sexo as nossas confissões ingenuas febritomaniacas, e dir-lhe-hemos em frases amabilíssimas - Mon joutou, veuillez accepter ce bouquet? (...) Pedimos encarecidamente a todos os habitantes da capital auxiliar-nos ornando as frentes de suas casas com bandeiras, galhardetes, iluminando as noites também (LIBERAL MINEIRO, 23 de jan.1883, p.3)

Club das seringas: Esguicho, esguicho e muito esguicho, por seringas, tubos, bombas e canudos e tal vírgula, será o brado que os folgazões com toda pumonancia gandarão a voz do valente marechal Entrudo. (...) Semi triunfantes, sim, hoje semi triunfantes, porém, sempre com ortodoxo vigor nos combates e maior êxtase do que o carnaval, moço inexperiente e obtuso, que passa a vida a galhofar até dos velhos com gargalhadas antiespasmódicas (LIBERAL MINEIRO, 23 de jan, 1883 p.3).

O entrudo é a primeira manifestação carnavalesca do Brasil. Trazido pelos portugueses, se caracterizava como folguedos de rua, nos quais os brincantes se dedicavam a atirar uns nos outros água, ovos, frutas podres, farinha, limões de cheiro e outros líquidos (ARAÚJO, 2000). A partir da metade do século XIX, percebe-se menor tolerância a essa prática, associada muitas vezes a barbárie e incivilidade, e sua substituição paulatina pelo carnaval. Na última das citações acima percebemos esse contraste. O anúncio do Club das seringas se refere ao entrudo como um “valente marechal”, o que nos remete a ideia de antiguidade, experiência, tradição. Ao mesmo tempo, caracteriza o carnaval como um “moço inexperiente”, indicando se tratar de uma novidade, algo recentemente introduzido. Nas páginas do *Liberal Mineiro*, essa oposição entre carnaval e entrudo transparece em outros momentos.

Com o louvável fim de substituir o entrudo, reuniram-se diversos cavalheiros e promoveram a organização de uma sociedade carnavalesca, que realizará os costumeiros passeios pela cidade nas tardes de 24, 25 e 26 do corrente. Haverá, outrossim, dois grandes bailes à fantasia e de máscara nas noites de 24 e 26 no teatro ouropretano. Não podemos deixar de aplaudir a ideia, que deve igualmente merecer o apoio da polícia e da nossa edilidade em cujo código de posturas, é expressamente proibido o entrudo (LIBERAL MINEIRO, 21 de fev. 1884, p.3).

Consta-nos que alguns cavalheiros estão promovendo festejos carnavalescos na freguesia de Ouro Preto, para os dias 7, 8 e 9 de março, e os da paróquia de Antônio Dias já assentaram. Aplaudimos muito as deliberações tomadas pelos habitantes das paróquias da capital, pois exprimem um protesto contra o bárbaro brinquedo entrudo, fonte de desordens, conflitos e prejudicial à saúde. Esperamos que a câmara, com auxilio da policia, procure coibir por meios enérgicos estabelecidos em suas posturas, qualquer manifestação em favor do entrudo, a fim de que não sejam frustrados os festejos carnavalescos, geralmente admitidos na civilização dos povos cultos (LIBERAL MINEIRO, 20 de fev. 1886. p.2)

“Clube carnavalesco João Minhoca rapaziada! Ouça disto: retaplan! reptaplan! retaplan! Arreda povo, que lá vai discurso!! (...) sim! Ouropretanos, o clube João Minhoca se prepara... preparai vos também (...) O carnaval está próximo, oh! ebrisantantes rapazes! abaixo o entrudo! viva o carnaval! (LIBERAL MINEIRO, 3 de mar. 1886, p.4)

O entrudo era constantemente associado à desordem, à barbárie. Nas páginas do *Liberal Mineiro* podemos encontrar não apenas o apelo à polícia, para que use de meios enérgicos para coibi-lo, como o trecho da lei que torna essa prática proibida e estipula as possíveis penas para os infratores: “art. 151, que diz: é proibido jogar entrudo nas ruas e praças da povoação. Multa de 3\$000 réis, quando o brinquedo for com cheiro ou com laranjas artificiais, e de 12\$000 réis se for com frutas naturais, causar dor ou com água fétida” (LIBERAL MINEIRO, 18 de fev. 1884, p. 4).

Já o carnaval recebe outro tratamento do jornal. A iniciativa de organizar uma sociedade carnavalesca era aplaudida, e se clamava pelo apoio e compreensão da polícia e da câmara dos vereadores. Patrícia Araújo (2010), em estudo sobre os festejos carnavalescos em Minas Gerais no século XIX, indica como esse processo estava relacionado a transformações mais amplas na sociedade.

O movimento de “substituição” do Entrudo pelo Carnaval, este último considerado modelo e padrão de uma nova festa, deixa vislumbrar as mudanças pelas quais passava a própria sociedade brasileira, e mineira, em particular, da mesma forma que suas ambiguidades e contradições. Sensações de moderno/antigo, novo/velho, mudança/permanência, imitação/inovação, engolfam os indivíduos e permeiam as experiências sociais de formas e graus variados (ARAÚJO, 2010, p. 379).

O século XIX foi marcado por rápidas e intensas modificações em diversas esferas da vida social. Mudanças no mundo do trabalho, novas formas de organização política e novas tecnologias favoreciam a ideia de que era necessário substituir o tradicional pelo moderno, o velho pelo novo, o atraso pelo progresso. As práticas de diversão não ficam alheias a essa tendência. Segundo essa narrativa, o entrudo, festa de rua, popular, precisava dar lugar ao carnaval.

No Brasil, o carnaval começa a ser institucionalizado no Rio de Janeiro, no teatro de São Januário, com inspiração nos bailes de máscaras venezianos. Em Ouro Preto, Bibbó (2017) afirma que tais clubes e sociedades tinham auxílio concedido pela Câmara Municipal, que permitia o cortejo nas ruas e cedia o teatro para os bailes. Tal relação mais próxima com o poder público sugere um perfil mais elitizado entre os brincantes do carnaval. Essa distinção de classe também pode ser deduzida a partir da divisão espacial da festa pela cidade. De acordo com Araújo (2010), o entrudo predominava na freguesia do Pilar, enquanto o carnaval acontecia na freguesia de Antônio Dias.

Independente das diferenças, podemos perceber pelas páginas do *Liberal Mineiro* que, no período analisado, mesmo com todo esforço “civilizador”, as duas práticas coexistiam em Ouro Preto. Mais do que isso, tais práticas parecem se confundir em alguns momentos. Em texto sobre o carnaval de 1886 isso fica evidente.

Não se pode dizer que o carnaval esteve à altura dos carnavais de Roma ou Veneza, mas esteve bem bom. A barafunda, a algarazza e as pilherias do costume, orquestras do zés pereiras, brigadeiros, sacristas, bonzos, João Minhocas, bois da manta, pés frescos, ratos de casca, etc. Teve intriga de entrudistas. “Mas, vamos (a fim de que esta notícia não se alongue) Poucos cavalheiros mascarados, mas perfeitamente corretos, esses costumes de cetim, plumas, laços, jóias - tudo isso numa doida orgia de cores hilariantes! A pé, magotes de foliões sarapintados, pós de sapato e vermelhão, narizes de palmo e meio, bocarras, *foridandas*, dentuças de javalis, chavelho demoníacos, pierrôs cobertos de guizo, madames faceironas, saia arrepanhada, pé ligeiro, seios vastos, grandes pufes, todas cheias de *farófias* e candongas. Enfim, cada qual mais ratão, cada qual mais *reinadio* (...) O lindo passatempo nas ruas e nas casas consistia em armazenarem-se as moças e os rapazes de enormes bisnagas e esguichos perfumados e irem alegremente borrifando os colos e espinhaços da bela sociedade. Houve também suas *renhidas* batalhas de limões de cheiro. Ainda bem que ali não provieram nem de fluxos nem bronquites nem nada. E aqui nos despedimos saudosamente do belo carnaval e do frescal entrudo. Parabéns às bandas de música dos quebras e dos carolas (LIBERAL MINEIRO, 12 de mar. 1886. p.2).

Embora faça referência aos carnavais europeus, deixando claro qual o modelo de festa (e de civilidade) que deveria ser buscado, o texto termina saudando “o belo carnaval” e o “frescal entrudo”, demonstrando certa equivalência entre as práticas pouco comuns na imprensa da época. Bibbó (2017) aponta que o entrudo era coibido mais frequentemente nas principais ruas do núcleo urbano, mas que seguia sendo tolerado dentro das casas, ou em ruas mais afastadas. Da mesma forma, o carnaval, geralmente citado como prática mais adequada para os padrões de civilidade desejados, também não parecia ser tão ordeiro assim. É o que sugere algumas cartas de leitores publicadas pelo *Liberal Mineiro*.

Ontem a noite, um grupo carnavalesco lançou fogo em um foguete que chegou até a varanda de minha propriedade. Felizmente não houve desastre a lamentar, pois minha família estava do lado de dentro. Acredito que não teve intenção, porém, peço atenção da câmara para o código de posturas que proíbe fogos fora dos lugares específicos para tal. Ouro Preto, Fernando Moreira (LIBERAL MINEIRO, 27 de fev. 1886 p.3).

Carnaval: pergunta-se ao clube carnavalesco de Antonio Dias se a rua da conceição da mesma freguesia não tem habitantes, ou qual razão do indiferentismo que estão ligando a mesma? - um que nada viu (LIBERAL MINEIRO, 27 de fevereiro 1886, p.3).

Os festejos carnavalescos de Ouro Preto, portanto, muitas vezes escapavam aos regramentos e controles que lhe tentavam impor. A análise da fonte sugere que o padrão europeu de festa ordeira foi modificado e subvertido por aqui. O carnaval ouropretano

incorporava elementos de desordem, típicos do entrudo popular, enquanto o próprio entrudo resistia, apesar de todo “esforço civilizador” que buscava eliminá-lo.

Por fim, chama atenção o fato de que os anúncios de clubes e blocos de carnaval publicados eram direcionados sempre aos homens. Os vocativos utilizados são sempre voltados ao público masculino, como “moços”, “rapazes” ou “rapaziada”. Mais do que apenas uma questão linguística, acredito que esse detalhe pode ser revelador do papel pouco destacado que as mulheres ocupavam naquela sociedade.

Burmeister notou a ausência das mulheres nos espaços públicos quando esteve em Minas. Ao comentar sobre os divertimentos, sociedades recreativas e afins, o viajante afirmou que as mulheres continuavam distantes da vida social e coletiva, embora isso não fosse muito diferente em outros Estados (BURMEISTER, 1980, apud PEREZ, *et al.*, 2018). Saint Hilaire caracterizou as mulheres de Vila Rica como “pouco sociáveis”, dizendo que “não se podem realizar nessa vida reuniões mundanas. O jogo, os prazeres grosseiros e pequenas intrigas constituem as únicas distrações dos habitantes” (SAINT-HILAIRE, 2000, p.74 apud PEREZ *et al.*, 2018, p.82). Mary Del Priore, ao analisar o contexto do Rio de Janeiro, aponta que

os lazeres masculinos encontravam-se, no decorrer do século XIX, portas afora. E o feminino, ainda portas adentro. A vida pública foi uma conquista mais lenta para as mulheres. Esse foi, enfim, um tempo de sutis transformações, lentamente consolidadas, incorporadas à vida cultural e social (DEL PRIORE, 2010. p.31).

Podemos supor, pelas notícias e anúncios, que as mulheres também participavam da festa, de alguma maneira. Uma passagem já citada faz referência a moças e rapazes que armazenavam líquidos para brincarem no entrudo. Já o anúncio do Club Carnavalesco os Tagarelas dizia que os rapazes saíam às ruas para falar “frases amáveis ao belo sexo”. Não parece ser interessante, porém, dar visibilidade à presença feminina nesses divertimentos. Araújo indica como a participação da mulher no entrudo confrontava a moral da época:

O jogo permitia, portanto, mais que a aproximação das pessoas, possibilitava o contato dos corpos. Em uma sociedade cujos discursos sobre a moral e códigos de conduta eram fortemente difundidos, assim como uma rígida hierarquia verticalizada da relação homem/mulher, a “erotização” criada pela brincadeira consentia às pessoas explorar as fissuras existentes nas estruturas sociais, forjar brechas e lacunas, ao mesmo tempo criar imagens de desejo e sonho (ARAÚJO, 2000. p. 44).

O ideal de mulher bela, recatada, virtuosa e que cultuava a domesticidade, era um projeto de controle masculino do espaço público. Esse controle, presente até hoje, não tornava interessante dar visibilidade à participação feminina nesses folguedos. Apesar disso, existia resistência, e as mulheres utilizavam dessa possibilidade de vivência fora de casa, para se libertarem e subverterem essa dominação.

### 3.4 Pelas ruas e comércios.

*Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?),  
E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.  
Semiergo-me enérgico, convencido, humano,  
E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário.*

(Fernando Pessoa)

Não era apenas no carnaval, dias santos ou festejos cívicos que se podia divertir em Ouro Preto. Nos dias comuns, a cidade oferecia ainda uma boa gama de opções de divertimentos, principalmente durante o dia, momento menos controlado e associado às transgressões. O espaço público, como afirmam Aragão e Sandeville Junior (2012), era usado para caminhadas, conversas, contemplação, usufruto dos jardins e sombras. Já Maria Cristina Rosa (2005), em sua tese sobre as dinâmicas dos corpos em Vila Rica no século XVIII, vê nesses espaços intensa sociabilidade e trânsito de culturas. No fim do século XIX isso não seria diferente. Os melhoramentos que se deram na cidade, já citados no capítulo sobre Ouro Preto, tornavam as ruas, praças, largos, avenidas, parques e jardins ainda mais propícios para isso. Bibbó (2017) afirma que as mudanças nos aspectos da capital, além de necessárias para o progresso, civilidade e o embelezamento da cidade, favoreciam aos divertimentos públicos. O memorialista Cabral (1969) também indica isso, ao lembrar das serenatas, jogos e afins que aconteciam nesses espaços, agora que estavam mais iluminados, arborizados e limpos.

Ainda segundo Cabral (1969), um costume e divertimento ouropretano muito rotineiro eram os piqueniques. As famílias e amigos se juntavam e passeavam pelas lagoas e campos da cidade, principalmente na Serra do Itacolomi. Iam a cavalo, às vezes a pé, combinavam alimentos para serem levados, e voltavam ao entardecer. A ideia do passeio campestre como divertimento, onde era possível não só contemplar a natureza, mas também desenvolver certa sensibilidade artística, aparece no *Liberal Mineiro* em um anúncio de cursos particulares.

Cursos particulares de língua francesa, teórica e prática. (...) desenho de figuras, paisagens, academia, ornamentação, aquarela, perspectiva, teórica e prática. Cada domingo passeio campestre, tendo por fim acostumar os alunos ao desenho d'apres-nature (LIBERAL MINEIRO, 13 de maio, 1882, p.4).

O *Lyceu Mineiro* também ofertava aulas de música, desenho, zoologia e botânica, e muito provavelmente se utilizava de parques e ruas da cidade como cenário de aulas ou pesquisas (LIBERAL MINEIRO, 16 de jan. 1884). Outros cursos particulares eram oferecidos no jornal, como por exemplo:

Quem precisar de um professor para ensinar primeiras letras e organizar uma banda de música, bem como uma professora nas mesmas condições para trabalhos de lã, crochet, modas e outros serviços de luxo, dirija-se a rua das cabeças, n. 35 (LIBERAL MINEIRO, 8 de fev. 1885, p.3).

A oferta desses cursos indica uma preocupação crescente com a educação do olhar, da audição, do olfato e dos demais sentidos, que denota a busca pelo desenvolvimento de uma nova sensibilidade. O campo deixa de ser somente um cenário de trabalho ou passagem para ser valorizado como lugar de contemplação e aprendizagem. Os divertimentos fazem parte dessa “educação moderna”, que promovia essa síntese entre sensibilidade e ciência, instaurando uma nova forma de se relacionar com o rural.

Tal sensibilidade também tem seus efeitos sobre o espaço urbano. Leitão (2014) afirma que a vida social no Brasil foi construída em torno da casa grande, negando o espaço público (lugar do escravo, do trabalhador braçal, do feio, do pobre, do sujo, do fétido e do vulgar). A modernização da cidade, a superação de seu passado escravista e colonial e a incorporação de novos hábitos, passava pela construção de uma nova relação de seus habitantes com as ruas, becos, largos e praças.

O ambiente urbano torna-se uma arena de grande circulação de mercadorias e locus privilegiado de vivências sociais. (...) Nesse contexto, as atividades de lazer ganham um papel estratégico preponderante e se apresentam como marcas de um novo *modus vivendis*, fenômeno bem típico da cidade moderna que está se estruturando, se articulando com todas as dimensões que estavam sendo construídas (MELO; PERES, 2005, p.78).

No final do século XIX, em Ouro Preto, esses ares de modernidade são percebidos primeiramente pela preocupação crescente com o acúmulo de sujeira. Muitas são criadas, para quem lançasse lixo ou não mantivesse a limpeza na frente de suas fachadas, indicando uma maior atenção com o espaço público e com a circulação das pessoas. O jornal elogia os esforços do poder público para melhorar a limpeza das ruas da cidade.

A atual câmara desta capital vai se tornando digna de maiores elogios no que diz respeito à limpeza da cidade. Antes imundas e algumas quase que intransitáveis pela falta de esgotos, agora as nossas ruas apresentam-se não perfeitas, mas melhor que estava antes (LIBERAL MINEIRO, 11 de dez. 1883, p.4).

A criação de novos bairros, como o no Morro do Curral (Liberal Mineiro, 27 de nov. 1883) possibilitou novos roteiros para caminhadas, bem como a abertura de novos

estabelecimentos comerciais. O progresso do século, como era chamada a linha férrea, uma opção mais confortável e rápida para viajar, abria novas possibilidades de passeios, além de contribuir para aumentar a circulação de pessoas na cidade e até mesmo contribuir para o seu embelezamento. “Em breve o transporte será mais fácil pela estrada de ferro e talvez o embelezamento dos prédios e das ruas tornem aprazível e agradável a capital” (LIBERAL MINEIRO, 7 de abr. 1883, p.1).

O comércio também se beneficiava da maior circulação de pessoas. As vitrines, importadas de costumes europeus, bem como lojas, cafés e restaurantes, se faziam cada vez mais presentes. Burmeister inclusive, ao reclamar da cidade, descreve um pouco de sua dinâmica:

Mais adiante, havia diversas lojas, reinando ali muita vida e animação. Tropas a cruzarem-se e lotes inteiros de mulas impediam, às vezes, a passagem. Vi ali lojas tão importantes quanto as do Rio de Janeiro, com jóias de procedência francesa, faianças inglesas, muito em uso em todo o Brasil, Casimiras e cortes de vestidos. Cada espécie de artigos vinha exposta em separado, e não como geralmente se costuma fazer no Brasil, misturada com as demais na mesma casa de negócios (BURMEISTER, 1835. P.200 *apud* FONSECA, 2016).

O dinamismo comercial e político da capital, bem como a maior circulação de pessoas, favorece ainda a outro setor econômico: o hoteleiro. Nas páginas do *Liberal Mineiro* encontramos anúncios e referências a estabelecimentos desse tipo. Como o do Hotel Tiradentes que, na edição 133, de 1882, anuncia seus serviços:

Hotel Tiradentes e padaria com emprego de forno a vapor. Nicolau Bertholini oferece aos seus fregueses a melhor comodidade em seu hotel onde os senhores passageiros encontram, além de outras, a vantagem de estar próxima ao palácio do governo, assembleia provincial, tesouraria geral, diretoria provincial, diretoria dos correios tornando-se por esse motivo apropriado as pessoas que vierem tratar de negócios nesta capital. No referido estabelecimento encontram-se a toda hora doces e biscoitos de todas as qualidades e satisfaz-se a toda hora encomendas para jantares, bailes, etc (LIBERAL MINEIRO, 6 de out. 1882. p. 4).

Dois anos depois, o mesmo hotel anunciaria ao público com grande pompa a conclusão de sua reforma. O investimento realizado na melhoria do estabelecimento, bem como na publicidade no *Liberal Mineiro*, que ocupa quase uma página inteira, indica uma demanda crescente por esse tipo de serviço na cidade. Corrobora ainda com essa interpretação a existência de estabelecimentos concorrentes, como o Hotel Antunes, citado em outro momento pelo jornal.

Figura 4: Parte 1 do anúncio da reforma do Hotel Tiradentes

**HOTEL**

**TIRADENTES**

DE

*Nicolau Bertholini*

---

Este estabelecimento passou ultimamente por uma consideravel reforma, não só quanto ao predio que occupa, cujas accomodações forão augmentadas, como quanto ao serviço, offerecendo actualmente aos Srs. passageiros confortaveis commodos e um serviço perfeitamente regularizado.

---

**Padaria com forno a vapor**

A grande padaria com forno a vapor, annexa ao hotel, continúa, graças ao geral acolhimento, a offerecer diariamente ao respeitavel publico os productos da melhor qualidade e que se possam exigir de um estabelecimento montado a capricho, continuando sempre a empregar em seus trabalhos farinhas das melhores marcas.

D'ora avante, terá este estabelecimento grande quantidade de bolachinhas americanas, trabalhadas em uma **MACHINA A VAPOE** especial, e promptas a ser embarricadas.

---

**CONFEITARIA**

Caprichosamente montada, de modo a poder satisfazer ás pessoas mais exigentes, continua a desempenhar todas as encommendas que lhe forem commettidas. Os seus trabalhos são já muito conhecidos, e o annunciante espera continuar a merecer o grande favor que os habitantes desta capital lhe teem concedido, animando e acoroçoando os seus esforços.

---

<b>PÃO DE PETROPOLIS</b>	<b>DOCES SORTIDOS</b>
<b>BISCOITOS PARA CHÁ</b>	<b>AMENDOAS</b>
<b>CONFREITOS</b>	

---

ASSUCAR REFINADO

DEPOSITO DE FARIN

Fonte: Liberal Mineiro, 22 de set, 1884

Figura 5: Parte 2 do anúncio da reforma do Hotel Tiradentes.

**BOTEQUIM**

O consideravel desenvolvimento que ultimamente tem tido a capital desta provincia exigia um estabelecimento montado de modo a poder offerer ao publico um completo sortimento de artigos que constituem o genero denominado—molhados. Tenho a honra de annunciar ao respeitavel publico, tanto da capital, como de outras localidades, que nesta casa encontrarão um grande sortimento, a venda por **ATACADO E A VAREJO** e a preços convidativos

<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">DEPOSITO DE</p> <p>Vinho italiano. Virgem. Moscatel de Setubal. Porto Velho. Bourgogne. Xerez. Vermouth. Champagne. Bucellas. D'Asti. Espumante Italiano. Queijos do Reino, Londrino, Suisso, Geléas, Chocolates, Maisena, presuntos,</p>	<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">HA DE TRIGO</p> <p>Conservas inglezas. Melho inglez. Frutas em calda. Petits-pois. Peixe em latas. Mortadella. Lombo de porco assado. Salmon. Ostras. Camarões. Paos, Linguicas, Ameixas em latas, etc. etc. etc. Emfim, um completo sortimento.</p>
--	---

DEPOSITO DE FARINHA DE TRIGO } DEPOSITO DE ASSUCAR REFINADO

**Deposito de massas alimenticias**

**DAS QUALIDADES SEQUINTES**

Sopracapellini, maccheroncini, vermicelli, perciatelli, macheroni—grandi—zita, lingua de passero, avemarias, canuclotti, selleri, tagliatevi, gargozzini, anelline e grandine, fischietti, seme di mele, lasanhas grandes.

Estas massas são de uma mui acreditada fabrica.

**16 RUA DO TIRADENTES 16**

**OURO PRETO**

Fonte: Liberal Mineiro, 22 de set, 1884

Além da padaria, botequim e confeitaria do Hotel Tiradentes, os moradores e visitantes de Ouro Preto tinham outras opções para uma refeição, um café da tarde ou uma cerveja. Nas páginas do *Liberal Mineiro* encontramos anúncios como o do estabelecimento da Viúva Reis, Ao Barateiro e Ao rei do oriente. O estabelecimento da Viúva Reis e o Ao rei do oriente funcionavam 24 horas por dia, assim como o próprio Hotel Tiradentes.

Tem em qualquer momento, bebidas e comidas, fornecendo para soirées e divertimentos noturnos, leitões, perus, presuntos e carnes. A necessidade que Ouro Preto sentia de uma casa nessas condições era notável (...) A qualquer hora do dia e da noite tem uma mesa variadíssima, com gabinete para famílias (LIBERAL MINEIRO, 16 de fev. 1884, p.4).

Viúva Reis & C.: Restaurante onde se encontram sempre bons petiscos, a toda hora do dia ou da noite, bebidas finas de todas as qualidades. Aceita encomendas para jantares (LIBERAL MINEIRO, 10 de set. 1883, p.4)

Largo da Alegria - Ao barateiro - Negócio de molhados e gêneros do país. Tendo recebido diretamente da França, uma grande porção de vinho de Saint-Raphael, que por si só torna-se recomendável. Tudo vende-se por preços módicos. Claudionor Quites (LIBERAL MINEIRO, 9 de ago. 1885, p.4).

Em 1886, Ao rei do oriente indicava sua reabertura, com mais conforto que antes, e recomendava a visita: “Para que as basófilas de pomposos e retumbantes anúncios, quando o verdadeiro é ver para crer?” (LIBERAL MINEIRO, 15 de set. 1886, p.4). No mesmo ano, uma outra publicação convidava as respeitáveis famílias a um “petit promenade” entre outras “preciosidades” ao alcance de “todas fortunas”.

Outra possibilidade, tão em moda nesse princípio de século XXI e já presente em Ouro Preto no final do século XIX, são as barbearias associadas a bares e cafés.

Luiz Valle & C. Participam aos seus amigos e fregueses, que, tendo reformado completamente seu estabelecimento de comidas, café e barbearia, na rua do Bobadella desta cidade, acham-se condições de bem e prontamente satisfazer a qualquer encargo que lhes confiêm, garantindo maior asseio e modicidade de preços (LIBERAL MINEIRO, 14 de out. 1882, p.3).

O estabelecimento de Luiz Valle não era o único deste tipo na cidade. João B. Ellena anunciava sua barbearia indicando que ali vendia-se “cerveja Carlsberg, opção Crystal, Vermouth de Torino, opção Francês” (LIBERAL MINEIRO, 14 de fev. 1882, p.4). Enquanto os moços e senhores cortavam o cabelo e aparavam a barba, tomavam um café, ou até uma cerveja dinamarquesa, de acordo com a preferência.

A leitura era mais uma possibilidade de divertimento para parte da população<sup>5</sup>. Ouro Preto contava com duas bibliotecas públicas. Uma aberta à população, com mais de 2800 títulos, além de outra restrita aos alunos e professores do Lyceu Mineiro (LIBERAL MINEIRO, 6 de ago. de 1884, p.1). Além disso, em torno do hábito da leitura também se constituíram práticas comerciais. O próprio jornal, que além de notícias publicava poesias, folhetins e piadas, bem como o comércio de livros, verificado em alguns anúncios no *Liberal Mineiro* (LIBERAL MINEIRO, 23 de mar. 1882, p.3).

Por fim, ainda no rol das diversões diurnas, esperávamos encontrar mais referências a jogos ou práticas esportivas. A ausência dessas práticas nas páginas do *Liberal Mineiro*, sugere que talvez nesse âmbito, o cenário em Ouro Preto ainda era incipiente. No rol das disciplinas do *Lyceu Mineiro*, por exemplo, ainda não constam aulas de ginástica, sendo a

<sup>5</sup> A alfabetização foi um importante traço da constituição do ideal moderno, uma sociedade alfabetizada significava uma sociedade civilizada. Em Ouro Preto, de acordo com Lott (2009), no fim do século XIX, a maioria dos leitores era composta por homens brancos, porém não se restringiam a eles. Mulheres também eram alfabetizadas, principalmente as brancas. Alguns negros compunham a gama de possíveis leitores, principalmente os livres. Em um anúncio de fuga do escravizado Joaquim, no *Liberal Mineiro*, ao descrever as características do homem, diz que “desconfia-se que sabe ler” o que provavelmente ele aprendeu sem esforço dos seus captores (LIBERAL MINEIRO, 10 de nov. 1883, p.4).

única referência a algo do tipo, a licença tirada pelo mestre interino de ginástica e natação dos aprendizes militares (LIBERAL MINEIRO, 11 de jul. 1882, p.1). Porém, a ausência de notícias nos jornais sobre o assunto, não significa necessariamente a inexistência das mesmas, já que memorialistas, como Cabral, indicam a presença de jogos de peteca, malha e a pipa (ou papagaio), bem como a fundação de escolas de esgrima e de outras práticas durante o final do século XIX (CABRAL, 1969).

O campo, as ruas, os parques, cafés, lojas, hotéis, restaurantes e barbearias, estavam cada vez mais sendo ocupados. O comércio da diversão estava cada vez mais presente e com ele, a leitura, os jogos, brincadeiras, espetáculos e outras festas também, tensionando ou reforçando as barreiras entre o sagrado e o profano, o tradicional e moderno, o popular e o erudito. O espaço urbano se dinamizava, ampliando as possibilidades de sociabilidade, em um movimento que não se interrompia com o cair da noite.

## 4 SOB A LUZ DO LUAR

*Eu não devia te dizer*

*Mas essa lua*

*Mas esse conhaque*

*Botam a gente comovido como o diabo*

(Carlos Drummond de Andrade)

É noite em Ouro Preto. Além da luz da lua, velas e lampiões iluminam a capital mineira. Talvez em nenhum outro período do dia a relação entre o desenvolvimento urbano e os divertimentos fique tão evidente. O desejo de utilizar com segurança o espaço público durante à noite, após o período de trabalho, leva a população a clamar por melhor iluminação pública. A iluminação permite um maior trânsito de pessoas nesse período, favorecendo o crescimento de um mercado de divertimentos noturnos. Atraídos por esse público, espetáculos e companhias artísticas se instalam na cidade. O desejo de usufruir das novas opções de lazer disponíveis leva a população a exigir uma melhor iluminação pública, completando esse ciclo.

Nas páginas do *Liberal Mineiro* percebemos esse aquecimento do mercado de diversões noturnas nas décadas finais do século XIX. São bailes, jantares, espetáculos teatrais, circenses, de prestidigitação, concertos e touradas, que movimentavam a cidade. Com menos visibilidade, mas ainda presentes, há também botequins, com jogos e bebidas. Em seguida, buscamos mapeá-los.

### 4.1 Espetáculos: teatros, circos, touradas, concertos e outros.

A melhoria da iluminação pública dinamizou a vida noturna na cidade, e desencadeou um processo de mudanças das práticas. O espaço público, antes tido como sombrio, perigoso, lugar do vício, das transgressões e da marginalidade, agora poderia ser ocupado também pelas “boas famílias” ouropretanas. Nessa transição para uma vida noturna “saudável”, os espetáculos eram uma das melhores representações de “bons” divertimentos. De acordo com o que podemos encontrar em nossa fonte, o teatro, o circo, a prestidigitação, os concertos musicais e as touradas compunham as principais possibilidades de diversão noturna da capital, sendo anunciadas corriqueiramente e muitas vezes associadas a ideia de modernidade e civilidade.

O teatro foi um dos maiores exemplos ligados a esses ideais. Abaixo apresento as peças que foram noticiadas pelo jornal Liberal Mineiro durante os anos de 1882 a 1889.

**Quadro 2:** Espetáculos dramáticos apresentados na cidade 1882-1889

Ano	Espectáculo dramático	Mês	Autor
1882	O órfão e o mendigo	Março	
1882	Abençoadas Lágrimas	Abril	
1882	Honra e Desonra	Maio	
1882	A filha de M. Angot	Setembro	
1882	Helena	Outubro	Horácio Nunes Reis
1883	Por Causa de um par de botas	Maio	
1883	As tribulações de um inspetor de quartel	Maio	
1883	Nódoa de sangue	Agosto	
1884	O fronteiro D'africa	Janeiro	
1884	As duas órfãs	Julho	
1884	Mãe	Julho	José de Alencar
1884	Anjos da meia noite	Agosto	
1884	Os engeitados	Setembro	Antonio Ennes
1884	Jocelyn	Novembro	
1885	Milagres de Santo Antônio	Março	
1885	Vingança de mulher	Março	
1885	Milagres de São Francisco de Paula	Março / Outubro	João Ludovice
1885	Peça sobre Tiradentes	Abril	
1885	Os dois sargentos	Julho	
1885	Espinhos e flores	Agosto	Camilo C. Branco
1885	As máscaras de bronze	Agosto / Setembro / Outubro	A. Dannery
1885	O capitão maldito	Setembro / Outubro	Sousa Bastos
1885	A mãe dos escravos	Outubro / Novembro	Aristides Abranches
1885	O britador: A gruta das gaivotas	Dezembro	

1888	A cauda do diabo	Janeiro	José de Almada e Lencastre
------	------------------	---------	----------------------------

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nas informações do Liberal Mineiro

**Quadro 3:** Comédias apresentadas entre os anos de 1882-1889

Ano	Comédias	Mês	Autor
1882 e 1883	Morrer para ter dinheiro	Março/Maio/Agosto	
1882	Um idioma	Outubro	
1884 e 1885	A minha sogra	Julho/Maio	
1885	Os três noivos	Março	
1885	O gaiato de lisboa	Maio/Junho	A. Lacerda
1885	Os crimes do Brandão	Maio/Junho	
1885	A senhora está deitada	Junho	
1885	As alas do outro mundo! Os mortos se levantão	Agosto	
1885	Titular sem título	Outubro	
1885	Capenga não forma	Outubro	
1885	Como fazer um deputado	Outubro	
1886	O sogro da rapaziada	Julho	

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nas informações do Liberal Mineiro.

Infelizmente, falhas na digitalização dos jornais de 1887 a 1889 prejudicam a coleta de informações sobre esses anos. No anexo, trago um quadro com as peças representadas na cidade de acordo com pesquisa de Duarte (1993). Acredito que os achados da autora complementam os dados aqui apresentados, e juntos traçam um panorama mais fiel da cena teatral da capital mineira naquele período. Vale ainda ressaltar que, devido à posição de destaque ocupada por Ouro Preto, como importante centro político, econômico e cultural da província, é bem possível que tenha ainda havido ali outras apresentações, de companhias mambembes e artistas de rua, que teriam passado pela cidade sem deixar registros nas fontes consultadas.

O número de peças apresentadas indica uma cena movimentada, e um processo de formação de um público habituado a esse tipo de espetáculo. Entretanto, ainda parecia haver certo receio em cobrar pela apresentação, o que sugere o caráter inicial do mercado de diversões na cidade.

Teatro ouro-pretano: faz hoje em benefício ao estimado Celestino Lima, que tem proporcionado inúmeras gargalhadas nos papéis que tem desempenhado. Esforçado e laborioso, Celestino, espera em sua festa a benevolência e proteção (LIBERAL MINEIRO, 8 de maio, 1885, p.2).

Teatro ouro-pretano, domingo dia 10 de maio, grande festa artística oferecida ao público desta capital em benefício do ator Almeida Pinto, representando a espirituosa comédia: O gaiato de Lisboa. Representada ultimamente em todos os teatros de Lisboa e Rio de Janeiro, com grande sucesso. Segue a comédia em um ato: A minha sogra. Terminará o espetáculo com uma linda comédia do repertório do imortal ator Ribeiro, intitulada: Os crimes do Brandão (LIBERAL MINEIRO, 7 de maio, 1885, p.4).

Teatro: grande novidade da empresa Brandão e Companhia, terça, 10 de janeiro, grande sucesso! noite fantástica! Benefício do gerente da companhia José Soares Brandão, a segunda e última representação do espetáculo traduzido do espanhol, por José de Almada e Lencastre, que tanto agrada todas as vezes que se representa, “A cauda do diabo”. Chamamos a atenção do público para esta importante peça, pois a primeira representação foi muito aplaudida. Às 20h30m. (LIBERAL MINEIRO, 10 de jan. 1888, p.4).

As obras eram geralmente anunciadas “em benefício” de um ator, atriz ou artista, e desta forma se procurava sensibilizar o público, pedindo por uma contribuição “benevolente”. Embora a arte fosse valorizada, os artistas pareciam viver em uma posição ambígua, entre o profissionalismo e o amadorismo. Duarte (1993) aponta que atores, atrizes e demais artistas tinham constantemente que pedir por esmolas, devido sua condição inferiorizada perante a sociedade no século XIX. Apesar do teatro ser muitas vezes associado à ideia de modernidade e civilidade, sob os artistas ainda recaía a fama de libidinosos, desregrados e desvirtuados.

Os espetáculos não ocorriam só em benefício de artistas e companhias. Em 1885, fortes terremotos e um surto de cólera assolaram o sul da Espanha, vitimando parte da população e intensificando o fluxo migratório de espanhóis para as Américas. Em benefício das vítimas de Andaluzia, região mais afetada, foi anunciada a apresentação do drama chamado “Vingança de Mulher”, e a comédia “Os três noivos” (LIBERAL MINEIRO, 12 de mar. 1885, p.4)

Chama atenção, ainda, a constante associação entre a igreja e o teatro em Ouro Preto.

Teatro ouro-pretano: O club prelúdios dramáticos leva a cena, sábado dia 13, o excelente drama em quatro atos, Honra e Desonra ou O soldado 33. E a pedido, a comédia que tanto agradou a primeira vez que foi aqui representada Morrer para ter dinheiro. O espetáculo começará às 20 horas e 30 minutos e seu produto será aplicado às despesas do levantamento de mastro do Divino Espírito Santo, no dia 27, na capela de N. S. das Dores, em Antônio Dias (LIBERAL MINEIRO, 9 de maio, 1882, p. 4).

Na ocasião acima, o dinheiro arrecadado era prometido à igreja, como ajuda para as despesas para o levantamento do mastro do Divino Espírito Santo, na capela das Dores. Helena, peça de Horácio Nunes Reis, foi outro exemplo de apresentação teatral em benefício

das obras da capela de São Francisco de Assis. O espetáculo, sessão dupla, foi realizado por uma sociedade de jovens artistas amadores, que finalizou a noite com a apresentação da comédia “Um idioma” (LIBERAL MINEIRO, 9 de out. 1882, p.3). Outra obra da igreja beneficiada foi a refundição do Sino de São Francisco de Assis. No dia 7 de setembro de 1883 foi encenada a peça “Nódoa de Sangue”, seguida da comédia “Morrer para ter dinheiro”, ambas apresentadas por volta das 20hs, horário de costume (LIBERAL MINEIRO, 29 de ago.1883, p.3).

Teatro: sábado, 20 de junho de 1885, grande e esplêndido espetáculo em benefício das obras da capela do glorioso patriarca S. José dos bem casados de Ouro Preto. Executado pela companhia sob a direção do artista brasileiro Couto Rocha. A orquestra de Antônio Dias, sob a regência do professor brasileiro, Francisco Vicente Costa, irá apresentar seu repertório com lindas peças. Logo que apareça o vice-presidente, a orquestra começará. Começará então o espetáculo com a segunda e última representação da comédia, drama, imitação do estilo francês do dramaturgo A. Lacerda “O gaiato de Lisboa”, depois a comédia “Os crimes do Brandão” e para finalizar, a primeira apresentação da comédia “A senhora está deitada”. Os intervalos terão o coro de Antônio Dias. O teatro estará iluminado e pede-se aos espectadores para comprar os bilhetes com antecedência. Começa às 20hs (LIBERAL MINEIRO, 16 de jun. 1885, p.4).

Dramas “sacrossantos” também eram comuns. Destacamos aqui um episódio curioso. O espetáculo “Milagres de São Francisco de Paula” foi anunciado com pompa pelo jornal. “Não pouparam despesas para essa peça luxuosa, com trechos de músicas escritas pelo Sr. Nicodemos. Resta ao povo comparecer” (LIBERAL MINEIRO, 24 de mar. 1885, p.3). Passados cinco dias, a peça é novamente noticiada, mas com a ressalva de que haviam sido feitas “algumas modificações, para evitar o mau efeito que produziram algumas cenas da primeira semana!” (LIBERAL MINEIRO, 30 de mar. 1885, p.3). Resta-nos só imaginar o que poderia ter acontecido na apresentação original para que esse comentário se fizesse necessário.

A política também servia de tema para peças teatrais, seja como drama, seja como comédia.

Teatro da companhia dramática Couto Rocha, domingo, dia 1 de novembro, grande festa artística em benefício do ator Domingos Machado. Dará princípio ao espetáculo a comédia em um ato denominada “Titular sem título”, a seguir “Capenga não forma”, finalizando o espetáculo com a comédia de 3 atos “Como se fazia um deputado”. Nos intervalos terá banda de música do corpo policial; Começará às 20h30m (LIBERAL MINEIRO, 11 de nov, 1885, p.4).

Teatro da companhia dramática Couto Rocha: quinta, 12 de novembro, em benefício das obras da capela de S. Francisco de Assis. Novidade abolicionista com sucesso garantido, comovente, arrebatador, pomposo e imponente. Espectáculo de propaganda em 4 atos de Aristides Abranches, chamado “A mãe dos escravos”. Finaliza com uma comédia. Começa às 20h30m (LIBERAL MINEIRO, 11 de nov. 1885, p.4).

Por fim, peças com temas históricos também eram encenadas em festejos cívicos. No 9º decenário de Tiradentes, em 1882, não foram poucas as reuniões populares com encenações teatrais. O Clube Prelúdios Dramáticos foi o responsável pelas peças do festejo, que no sábado, dia 18 de março, apresentaram “o magnífico drama em 4 atos ‘O orfão e o mendigo’ (...) E a espirituosa comédia em 1 ato ‘Morrer para ter dinheiro’” (LIBERAL MINEIRO, 9 de mar. 1882, p.4).

O teatro, era escola de costumes, tida como ferramenta pedagógica e propagandística eficaz (MARZANO, 2010; DUARTE, 1993). A própria arquitetura do teatro, com camarotes que separavam (e destacavam) as elites do restante da plateia, também era uma forma de educar, marcando a hierarquia social (DE SÁ, 2009). A associação constante do teatro com causas como caridade, religião, política e civismo indicam a preocupação em relacioná-lo a um ideal de civilidade e moralidade. Da mesma forma, são frequentes as referências a peças, autores e teatros de outros lugares, como Lisboa e Rio de Janeiro, o que demonstra o desejo de associar esse divertimento às últimas práticas europeias ou da sede da corte, deixando claro qual o modelo de civilidade que se buscava copiar.

Teatro: sábado, 23 de agosto, estreia a inauguração da nova reorganização da companhia dramática Couto Rocha. Representar-se-á o tocante e mimoso drama em 3 atos de Camilo Castelo Branco, intitulado “Espinhos e Flores”. A seguir terá uma espirituosa comédia de 2 atos, de origem espanhola, chamada “As alas do outro mundo! Os mortos se levantão”. Começa às 20hs (LIBERAL MINEIRO, 20 de ago. 1885, p.4).

Palavras como esplêndido, iluminado, brilhantíssimo, eram recorrentes para adjetivar esse divertimento, inclusive quando associado a religião ou a política. As críticas às peças eram recorrentes e também tinham viés educativo. Ao falar o que era bom, de bom gosto ou de bom tom, o jornal busca educar os leitores a apreciar aquilo que a elite ditava como agradável. Ao criticar atitudes do público, ou elogiar comportamentos, ditava como as pessoas deveriam agir nesses ambientes para que fossem aceitas.

Teve ontem, dia 12 a apresentação da mãe dos escravos, drama abolicionista. A interpretação da companhia foi a melhor possível. A interessante menina Lucia Rocha, no papel de Evangelina, a mãe dos escravos, saiu muito bem e por diversas vezes foi interrompida com estrepitosos aplausos do publico (LIBERAL MINEIRO, 14 de nov. 1885, p.3).

Continuam as enchentes, atribuídas pela fama do Sr. Bosco, que em cada uma de suas exibições vai conquistando novos louros. Alvo de estrondosos aplausos do público ouropretano, como tantas vezes havia sido nos países mais adiantados no velho e novo mundo, não tem o festejado artista que arrepender-se de sua visita à capital de minas, onde tão lisonjeiro acolhimento encontra (LIBERAL MINEIRO, 10 de maio, 1884, p.3).

Comentários sobre as peças e sobre a reação do público demonstravam o que se esperava dos espectadores do teatro, e também da própria encenação. Flores, palmas e fascínio significava que o resultado saiu como esperado

Com o importante drama de Denery e A. Burgouis - As máscaras de bronze - deu antes de ontem a companhia do Sr. Couto Rocha a sua segunda representação. O drama que dispões de todos os elementos para prender a atenção foi cuidadosamente ensaiado e posto em cena. (...) O público deu mostras de satisfação, chamando por diversas vezes os artistas ao proscênio e saudando-os com palmas e flores (LIBERAL MINEIRO, 1 de set. 1885, p.3).

Em termos gerais, o teatro aparece nas páginas do Liberal Mineiro como prática educativa, capaz de transmitir valores e moldar comportamentos de acordo com o ideal de civilidade e modernidade perseguidos. “Nessa sociedade em que a educação está sendo reavaliada e redimensionada, percebemos o movimento de apresentação do teatro como elemento didático da mesma formação moral e cívica visada pela instrução pública” (DUARTE, 1993, p.152). O grande número de peças encontradas na fonte indica uma cena teatral bastante movimentada na cidade, sugerindo a existência de um público costumeiro e a dinamização, ainda que incipiente, de uma economia do espetáculo em Ouro Preto.

\* \* \*

*O mágico que engole espada e come fogo*  
*Vira elefante e sai voando*  
*Vinda diretamente de Paris*  
*Uma linda sex bailarina dançando ao som*  
*Da escaldante banda do seu Tião brilhantina*  
*E quando não está roubando mulher*  
*Aparece o palhaço tereré*  
*Distribuindo goiabada e requeijão*  
*E ingressos pra domingo que vem*  
 (...)  
*E agora com vocês a grande cartomante*  
*A internacional Deise*  
*A mulher do homem que come raio-laser*  
 (...)  
*O circo chegou vamos todo até lá*  
*Panacuca Gungungum*  
*O palhaço que é ladrão de mulher*

(Jorge Ben)

Os espetáculos circenses também faziam grande sucesso entre a população de Ouro Preto. Diferentemente do teatro, porém, estes eram menos comprometidos com o processo de educação do comportamento dos público ou com a transmissão de valores ou perspectivas sobre a realidade. Denominados como companhia equestre, de cavalinhos, zoológica, ginástica ou apenas circo, eram espetáculos plurais e variados, onde cabia o riso, a ilusão e o suspense, com apresentações de palhaços, acrobatas, contorcionistas, malabaristas, mágicos, mímicos, animais adestrados, equilibristas, atiradores de facas, anões, e outros atos inusitados que desafiavam a lógica e surpreendiam o público.

A companhia equestre Luso brasileira, do artista Manoel Pery, foi uma das companhias anunciadas pelo jornal e que se manteve na cidade por quase todo mês de agosto de 1883. Contava com espetáculos ginásticos, equestres, além da presença de mímicos e palhaços, que era uma das atrações mais aguardadas pelo público.

Grande espetáculo. Programa novo e variados trabalhos equestres, ginásticos, acrobáticos, mímicos e coreográficos. Alta novidade: O Sr. Manoel Pery fará seu diferencial trabalho intitulado o americano Roble ou Jockey-Tupy. O palhaço Polydoro continua a estudar novas e chistosas pilhérias. Os artistas Paraná, Silva, Bahia e Gonçalves tomarão parte na função com seus melhores trabalhos. Amanhã! Amanhã! Ao circo Pery, que passarão horas deliciosas (LIBERAL MINEIRO, 6 de ago. 1883, p.3).

Nomeado como "espetáculo zoológico", a apresentação do artista francês Mourette acontecia atrás da Igreja do Rosário, durante o mês de novembro de 1883 (LIBERAL MINEIRO, 27 de nov. 1883, p.4). Já em 1885, durante os meses de setembro a dezembro, a cidade contou com dois circos. O Circo das variedades: equestre e zoológico dos irmãos Moraes e o Circo Europeu, ou companhia equestre e zoológica de Paulo Serino.

Grande novidade!!! Brevemente chegará a esta capital esta grande companhia, cujo elenco é composto das maiores notabilidades do século XIX "O homem salamandra" a Célebre Moraes Family e seu assombroso trabalho de jogos sicários. Terá também palhaços, sonâmbulas, cavalos adestrados, urso e jiboias, além de uma banda de música. Preço: 2\$ para os nobres, 1\$ para os gerais, e crianças de 4 a 9 anos, metade do preço. Uma banda de música anunciará melhor o programa (LIBERAL MINEIRO, 12 de set. 1885, p.4).

Circo das variedades: a companhia do Sr. Moraes deu sábado e domingo dois bons espetáculos. No sábado, a D. Georgina exibiu, entre outros, um arriscadíssimo trabalho de equilíbrio, a escada japonesa. O sr. Moraes reservou o espetáculo de domingo para a sua estreia, escolhendo para essa um trabalho de equilíbrio, no qual saiu-se otimamente. Dedita Moraes desempenhou maravilhosamente o trabalho sobre a bola. Hoje a companhia fará novo espetáculo com trabalhos novos (LIBERAL MINEIRO, 29 de set. 1885, p.2).

GRANDE CIRCO EUROPEU!!! atrás da igreja do Rosário. Brevemente chegará a esta cidade a companhia equestre e zoológica de Paulo Serino. Grande novidade!!! zombo, o colosso da Índia, o elefante maior que se tem apresentado no império e é perfeitamente adestrado. 2 macacos, um africano e um chinês equestre. O cabrito, sábio equestre. Anaconda, a linda cobra asiática de 10 palmos de comprimento. Miniaturas havanesas, ou os quatro cachorrinhos ensinados. Um discreto número de artistas de reconhecido mérito (LIBERAL MINEIRO, 27 de set. 1885, p.4).

Companhia equestre e zoológica de Paulo Serino, hoje! hoje! hoje! às 20h30m da noite. Grande função, primeira estreia da companhia. 10 espetáculos seguidos todos os dias de bom tempo. Se chover às 19hs da noite fica transferido para o dia seguinte. A companhia não tem hábito de anunciar em outro lugar que não seja no jornal, nem mandar palhaço às ruas: unicamente anuncia nas folhas da capital. Assentos reservados 2\$000, gerais 2\$000 e crianças de 8 anos para baixo 500\$ (LIBERAL MINEIRO, 31 de out.1885 p.4).

Tão plural quanto as atrações era o público. As crianças pareciam ser um foco importante dos anúncios, gozando muitas vezes do privilégio de um ingresso mais barato, mas o espetáculo agradava também famílias e cidadãos das mais diversas classes e idades. O circo das variedades (ou do artista Moraes) chamou atenção pela artista Dedita, que foi presenteadada pelos estudantes da cidade com uma manifestação, uma medalha e uma pulseira de ouro, como reconhecimento de seu “talento e aptidão extraordinária para se arriscar nos trabalhos que se encarregou, o que rendeu-lhe a admiração de todos” (LIBERAL MINEIRO, 3 de out. 1885, p. 3-4). O sucesso fez com que o circo retornasse a cidade no ano seguinte, com novas atrações para o “ilustrado público”:

Grande novidade: Dedita Moraes, a menina prodígio, tão apreciada pelo público ouropretano, brevemente chegará. A companhia equestre e zoológica do conhecido artista Moraes, brevemente exhibirá nesta capital, novos e variadíssimos trabalhos e espera a proteção que já lhe foi feita quando aqui esteve. Traz um novo palhaço, artista espirituoso, novos cavalos lindos e adestrados. Além de uso da Polônia, serpentes do alto Amazonas (LIBERAL MINEIRO, 7 de jul. 1886, p.4).

Circo das variedades do Artista Moraes, Grande companhia Equestre e Zoológica. Hoje! Hoje! Hoje! Terça dia 29, grande sucesso e grande combinação artística. Grande programa de trabalhos todos escolhidos. Grande estreia de duas imensas jiboias, apresentadas pelo animoso domador Sr. Carlos Lopes. Pela primeira vez será apresentado pelo palhaço a cena denominada Madame-hui oferecida aos ilustres estudantes desta capital. A pedido geral será executado pela segunda vez a ascensão do globo pela insigne artista Dedita Moraes. Pela banda de música será executada novas peças de seu vasto repertório. O diretor Moraes tem a distinta honra de convidar os distintos habitantes desta capital que tem fama de protetores dos artistas, para assistirem a festa, capaz de satisfazer o gosto do ilustrado público e espera merecer a valiosa coadjuvação dos mesmos para o brilhantismo da festa, que terá lugar hoje às 20 horas e 30 minutos. A companhia dará espetáculos às terças, quintas, sábados e domingos, às 20h30m da noite. Assento reservado: 2:000, Entrada geral: 1\$000, crianças pagarão metade (LIBERAL MINEIRO, 29 de set. 1885, p.4).

Embora a mescla de atrações soasse muitas vezes anárquica, e portanto, aparentemente pouco condizente com o ideal de modernidade, percebe-se ainda a frequente menção às

novidades vindas da Europa, ou de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, como atestado de qualidade do espetáculo. O grande circo Anglo Brasileiro era um desses casos:

Grande circo da propriedade do artista João Gomes Ribeiro (O grande circo Anglo Brasileiro) brevemente chegará a esta cidade a conhecida e organizada companhia, composta de novidades equestres e ginásticas, com elenco artístico para espetáculos variados e atraentes. Além da variedade contínua de seus programas, nota-se trabalhos de alta ginástica, aparatosas pantomimas, delirantes burlescas farsas e o palhaço João do Reis. Recentemente essa companhia deu ao povo fluminense 146 espetáculos consecutivos, e ultimamente, na capital de S. Paulo recebeu 22.992 pessoas em 28 espetáculos. Aqui na capital de Minas dará uma pequena série de representações, com os melhores trabalhos da companhia. Aprontem-se e não falem a estreia. Para inaugurar essa distração noturna, ao alcance de todos e a mais atraente e recreativa da época (LIBERAL MINEIRO, 23 de jun. 1886, p.4).

Circo anglo brasileiro Companhia Equestre e ginástica, propriedade do brasileiro João Gomes Ribeiro. Hoje! Hoje! Segunda festa artística. Novos e variados trabalhos, mudança contínua de programas dos espetáculos todas as noites, sempre atraentes e de agradável passatempo. Chulas, Lundus, pilhérias e entre atos pelos palhaços. Preços de costume, às 20h30m (LIBERAL MINEIRO, 7 de jul. 1886, p.4).

A mescla entre o Lundu e a Chula com “novidades” equestres e ginásticas, aprovadas no Rio de Janeiro e São Paulo, interpretadas por um circo que se denominava “Anglo-brasileiro”, indicam o processo de mistura constante entre o moderno e o tradicional, o erudito e o popular, o local e o global, que marcavam essas apresentações. Mesmo um espetáculo como o de Hércules, que poderia parecer bárbaro à primeira vista, era adjetivado como “inovador”, e recebia a chancela de ter se apresentado anteriormente na corte.

Grande e variado espetáculo no barracão estabelecido no largo do Rosário, o Hércules D. Rodriguez, que tantas inovações mereceu na corte pelos seus magníficos e perfeitos trabalhos de força (...) grande destemida luta executada pelo Hércules contra uma junta de bois.” (LIBERAL MINEIRO, 25 de ago. 1882, p. 4).

Outro exemplo dessa tendência são os espetáculos de prestidigitação, onde mágicos e ilusionistas utilizavam objetos, plantas, animais e pessoas, em truques supostamente sobrenaturais. Como a ciência, tecnologia e o “novo” eram ideais importantes para o progresso e a modernidade, os espetáculos buscavam se associar a esses conceitos para atrair o público. Um desses exemplos, foi uma “exposição científica”, que se apresentou em Ouro Preto durante o ano de 1882

Exposição Científica: em vista do bondoso acolhimento que tem recebido do respeitável publico desta capital, resolveu mandar vir da corte importantes aparelhos de física, química e mecânica, para exhibir os trabalhos dessa novidade (LIBERAL MINEIRO, 19 de jan. 1882, p.4).

Assombrosa novidade nunca vista antes nesta capital para os quais chama-se atenção geral. Pomposo espetáculo científico, atrativo e recreativo de física química mecânica e traumatologia humorística. Exibição da mais importante novidade que a ciência têm produzido para o Teatro: “A fonte maravilhosa” - Majestoso jogo

d'água, apresentando lindíssimas e variadas cores luminosas e irisadas, com efeito encantador; “*O Psyshow Egypcyan*” célebre e automato adivinhador - misterioso, dinâmico, que tem causado assombro em todo o mundo; “O grande musicante” O único em seu gênero até hoje, esta magnífica e excepcional função possui quatro partes, preenchidas pelos mais primorosos trabalhos de prestidigitação moderna, executados segundo os preceitos da nova escola, sem auxílio de aparelhos especiais. Com essa exibição, proporciona-se ao ilustrado e hospitaleiro público desta capital o ensejo de apreciar as últimas novidades teatrais do mais apurado gosto, oferecendo se-lhe também o mais interessante e agradável passatempo que até hoje tem gozado. Boa música, esplêndida iluminação, vistoso cenário completaram o brilhantismo da festa. Às 20h30m (LIBERAL MINEIRO, 4 de fev. 1882, p.4).

Além do tempo de permanência na cidade, cerca de 1 mês, o que sugere relativo sucesso de público e bilheteria, a apresentação chama atenção por buscar associar-se a ciência, química e física, mobilizando um ideário de progresso científico e tecnológico muito em voga no final do século XIX. O direcionamento do anúncio ao público “ilustrado” da capital, bem como o destaque dado a iluminação, boa música e riqueza do cenário, contribuem para completar a caracterização do espetáculo como “divertimento moderno”.

Algumas prestidigitações, ditas modernas, eram associadas a um tom científico, invocando a ciência mas descaracterizando-as. Nesse universo não se opunham à verdade e à mentira. Conviviam o falso e o verdadeiro ao mesmo tempo (DUARTE, 1993, p.227).

Outros espetáculos de prestidigitação foram apresentados na cidade, como por exemplo o do Sr. João Faria em 1882 e o de Jules F. Bosco em 1884.

Realizou-se antes de ontem o segundo espetáculo da companhia de prestidigitação e ginástica que atualmente ocupa nosso teatro, sob a direção de Sr. João Miguel de Faria. É de lamentar-se que a casa não estava cheia, mas a pouca concorrência se explica pelo mau tempo (LIBERAL MINEIRO, 5 de dez. 1882, p.3).

Lindo e variadíssimo espetáculo de prestidigitação pelo insigne e já bastante conhecido prestidigitador, Jules F. Bosco (LIBERAL MINEIRO, 3 de maio, 1884, p.4).

No domingo dia 4 estreou o prestidigitador e o ilusionista Bosco. Fomos ao espetáculo com o espírito prevenido e saímos satisfeitos (...) Como quer que seja, dizemos francamente, Bosco é digno da atenção do povo ouropretano, com seus trabalhos inocentes e divertidos. Teremos as noites mais curtas e quiçá mais alegres. Quem quiser passar algumas horas em entretenimento inofensivo vá ao teatro ver Bosco. Uma observação última: Nunca desta cidade se ousou fumar na plateia. Além de incomodar aos que não têm esse hábito, principalmente as famílias, denota isso falta de traquejo dos centros civilizados. Quem quer fumar não custa sair do recinto (LIBERAL MINEIRO, 6 de maio, 1884, p.3).

O Sr. Bosco, de acordo com o *Liberal Mineiro*, apresentou-se no teatro e fez bastante sucesso (LIBERAL MINEIRO, 10 de maio de 1884, p.3). O espetáculo, porém, embora considerado “inocente” e satisfatório, pecou pela falta de bons hábitos da plateia, que se

afastava do ideal de civilidade dos grandes centros, merecendo uma nota de reprovação do jornal.

Outro espetáculo comum eram as touradas. Embora por muitos consideradas um divertimento bárbaro, não eram associadas à incivilidade pela ótica do jornal. Em Ouro Preto, assim como o circo, os espetáculos tauromáquicos atraíam a população, seja pelo suspense e excitação que proporcionavam ao público, seja pelo cuidado estético que se demonstrava na ornamentação dos touros e toureiros.

Realizaram-se domingo, conforme anunciado, as touradas na praia de Ouro Preto. Alguns artistas distinguiram-se, enfeitando bandarilhas os touros, que, se não eram os mais valentes, todavia deram ensejo a que fossem aplaudidos. O diretor, no quarto e último touro estava pouco feliz, restando-lhe apenas a satisfação que lhe causara o público, enchendo-lhe a praça e cobrindo de merecidos aplausos (LIBERAL MINEIRO, 28 de out. 1884, p.3).

Com extraordinárias concorrências, teve lugar antes de ontem mais uma corrida. Como sempre, alguns artistas brilharam, conhecendo-se por vezes a contrariedade que lhes causava o não serem bravos os touros, como era para desejar. Agradaram muito as bandarilhas, galhardetes, etc. o que não aconteceu com as de fogo, que pôs em risco os espectadores. O valente pegador Rodrigues distinguiu-se como sempre, subjugando os touros, o que lhe valeu ser muito vitorioso. O touro para curiosos foi apenas aproveitado pelos artistas, visto não se terem apresentado aqueles. O prêmio era de 30\$000 para quem subjugassem o touro e foi oferecido para irmandade de S. José, recebendo, neste caso, toda a companhia uma salva de palmas, além de ricos ramalhetes (LIBERAL MINEIRO, s/d de 1884, p.3).

Realiza-se hoje mais uma corrida, que, a julgar pelo programa, deve ser maravilhosa (LIBERAL MINEIRO, 6 de nov. 1884, p.3).

Touradas: hoje, dia 16 de novembro, realizar-se-á, no horário de costume, um surpreendente espetáculo, onde serão exibidos touros dos mais bravos que já apareceram por aqui (LIBERAL MINEIRO, 16 de nov. 1884, p.4).

Touradas: Domingo, o espetáculo de despedida do artista Erades Gangrena, conhecido por todo mundo *civilizado*. Em toda parte, onde tem trabalhado, deixa saudosas recordações. O povo ouropretano provavelmente irá ao circo, a fim de, mais uma vez, aplaudir o denotado artista, que tão depressa nos deixa (LIBERAL MINEIRO, 22 de set. 1884, p.3).

Outros espetáculos, por mais inusitados que fossem, também acabavam recebendo o título de “divertimento moderno”:

Grande novidade do dia! Pascoal Gabriel, de passagem por Ouro Preto, a pedido de diversas pessoas, vai dar por alguns dias um divertimento inteiramente moderno, único admitido na exposição internacional de Sidney, na Austrália, e pela primeira vez visto na América do Sul. A imitação de cantar grito e som de todos os pássaros com a garganta, como o do sabiá, nambu, gaturamo, bem te vi, cardeal, rouxinol, sabiá una, sabiá-vermelho, canário da terra, canário do reino, o miado do gato, o relincho do poldro, o grasnido do pato, do marreco e também outros variados. No dia 9 de abril às 7 da tarde, cobrando 2\$000, e para crianças menores de 12 anos, 500.” (LIBERAL MINEIRO, 13 de abr. 1882, p.4).

Como podemos notar, mesmo aparentemente fugindo da lógica civilizadora, e por vezes contrariando o ideal higienista tão em voga no controle dos corpos no século XIX, que preconizava um corpo firme, ereto, racional, e limpo, os espetáculos circenses e taumáquicos eram muitas vezes associados à modernidade. Não por acaso, os mesmos adjetivos utilizados para caracterizar as peças teatrais podiam ser vistos no *Liberal Mineiro* nos comentários a respeito do circo e touradas. Como, por exemplo, esse que destacava a perícia e o brilhantismo dos artistas da companhia do Sr. Pery.

*A fama que era precedida, o renome de celebridade dos artistas que a compõem, tudo correspondeu a eloquente expectativa do povo ouropretano, sempre pronto a fazer justiça de merecimento, quando é verdadeiro. (...) a companhia conquistou com brilhantismo, todos os cantos, palmas da vitória que é merecedora. (...) Os programas dos espetáculos nas noites de 4 e 5 de agosto foram executados com perícia, por todos os artistas que se exibiram. E foram freneticamente aplaudidos pela multidão de povo que assistia (LIBERAL MINEIRO, 7 de ago. 1883, p.3).*

Outra semelhança, é a constante associação dessas apresentações a causas religiosas, beneficentes e políticas, em uma relação de mútua ajuda.

*Teatro ouropretano: Terça-Feira, 12 do corrente, grande e variado espetáculo pela companhia do exímio equilibrista João Miguel de Faria, completamente aleijado das pernas e que tantos aplausos tem recebido da capital do império, S. Paulo e outras cidades, onde tem se distinguido em benefício da liberdade do escravo Cypriano. O beneficiado cômico da paridade do hospitaleiro povo, conta com sua coadjuvação e concorrência, e achará na porta do teatro do dia de seu benefício para agradecer (LIBERAL MINEIRO, 11 de dez. 1882, p.4).*

*Touradas: domingo 18 de janeiro em benefício da capela de S. Sebastião e para a liberdade do escravizado Joaquim, cuja carta será entregue no fim do espetáculo. Haverá grande corrida para cujo fim a comissão conseguiu 6 valentes e bravos novilho e espera a concorrência do público que não deixará de provar mais uma vez seu espírito religiosos e humanitário (LIBERAL MINEIRO, 18 de jan. 1885, p.4).*

A apresentação de João Miguel de Faria, além de ser mais uma vez chancelada pelo sucesso anterior na capital da corte e em São Paulo, era oferecida em benefício da causa abolicionista, cara aos ideais modernos em voga. Da mesma forma, as touradas anunciadas para o dia 18 de janeiro de 1885 seriam em benefício da capela de São Sebastião e da alforria do escravizado Joaquim. Encontramos outros episódios semelhantes, como o do circo de Manoel Pery, que se apresentou no dia 29 de agosto de 1883 em benefício da Sociedade Nortista Beneficente, e no dia 1º de setembro em benefício da capela São José (LIBERAL MINEIRO, 29 de ago. 1883, p.3; LIBERAL MINEIRO, 27 de ago. 1883, p.3) Ainda para a mesma capela, o circo equestre do Sr. Sotero Ribeiro Vilela ofereceu seus espetáculos “confiando” no espírito religioso da população para sua concorrência (LIBERAL MINEIRO, 6 de nov. 1884, p.4).

Praça de Touros no dia 25 de dezembro, depois que o público ouropretano acabar seus variados e sortidos jantares, de comerem, levantaram as taças, um bom passeio é bom para digestão, acompanhado de uma boa palestra e divertimento. E por assim entender o Vasconcellos, achando-se já estabelecido de uma enfermidade que o deixou de cama por 30 dias preparou uma esplêndida corrida de 4 bravíssimos novilhos comprados propositalmente nas vastas invernadas do calhau e afiançados como os mais bravos dessas paragens, e pela primeira vez se levará a praça o Episódio Cômico e Burlesco, que mais tem agradado o público “Um doente em apuros”. Às 20hs e 30m (LIBERAL MINEIRO, 23 de dez. 1884, p.4).

O espetáculo acima, provavelmente foi organizado com o consentimento das autoridades religiosas. Programado para acontecer na noite de natal, entre a ceia e a tradicional missa natalina que começava à meia noite, o espetáculo sugere uma boa relação entre a igreja e a companhia.

Bibbó (2017) aponta que desde 1870 os pedidos de licença para uso de largos, terrenos e outros lugares para montagem dos picadeiros foram frequentes. As apresentações circenses e as touradas apareciam como um divertimento popular entre os ouropretanos, apoiado pelo jornal e autorizado pelo poder público. A presença de autoridades nas touradas aponta para essa boa relação.

Praça de touros: praia de Ouro Preto, definitivamente domingo, 26 de outubro de 1884, debute dos toureiros lusitanos, com assistência do presidente da província [...] As 16 da tarde, assim que o presidente chegar, terá começo ‘quatro bravos, novilhos ou touros’ (LIBERAL MINEIRO, 22 out. 1884, p.4).

Porém, um episódio nos chama a atenção, sugerindo uma relação não tão tranquila entre alguns espetáculos e o Estado. O relato de uma confusão no circo do artista João Gomes Ribeiro teria deixado algumas pessoas feridas, entre elas um sargento e um cabo da polícia.

É admirável que estando ali 40 praças de urbanos, sob o comando do alferes Borges, se dessem tão deploráveis fatos. Essa força, para efetuar a prisão dos indivíduos, teve de cortá-los a rifle e a espada. Os ofendidos se acham maltratados e a todos indignou a maneira porque os urbanos davam cutiladas. O que não causou estranheza foi a maneira que se portavam os alferes com os urbanos. Enquanto os dois indivíduos acima se limitavam à defesa, eles, sedentos de sangue, atiravam-se sedentos aos homens. Pedimos e esperamos providências a respeito desse fato criminoso. Os alferes não podem ficar impunes. A polícia da capital vive dando de si as mais tristes provas. Há poucos dias tivemos de presenciar a briga das autoridades policiais com o diretor da companhia, por que este não quis dar entrada grátis a não sabemos quantas pessoas e convidados da polícia, agora mais esse triste acontecimento, que deu em resultado o espancamento brutal e selvagem de dois homens (LIBERAL MINEIRO, 14 de jul. 1886, p.4).

Segundo o editorial, a má relação da companhia circense com a força de segurança pública teria se iniciado na negativa do dono do circo em disponibilizar ingressos grátis aos policiais e seus convidados. A suposta extorsão, seguida da intervenção violenta, sugere uma relação duvidosa, que dá margem ao arbítrio da autoridade policial. Tal acontecimento,

porém, não foi suficiente para afugentar o circo, que permaneceu por mais algumas semanas na cidade, anunciando novos trabalhos, em benefício de igrejas, causas e atores.

A frequente presença do circo na cidade pôde ser observada tanto na pesquisa de Regina Duarte, quanto em nosso levantamento. A regularidade dessas apresentações indica a existência de um público costumeiro, interessado nesse tipo de espetáculo e disposto a pagar para assisti-lo. Mais um indício da formação da dinamização de um mercado de diversões em Ouro Preto nas décadas finais do século XIX.

\* \* \*

Alinhado à ideia de modernidade e civilidade, os concertos e a musicalidade eram presenças marcantes em Ouro Preto. Na cidade foram identificadas diversas orquestras e sociedades musicais, como a Sociedade Filarmônica, Sociedade Musical de Antônio Dias, Sociedade Musical Jardim da Mocidade, Clube Musical Henrique Mesquita.

O Clube de Henrique Mesquita era um dos mais ativos. A orquestra, que anunciava seus serviços frequentemente no jornal, destacando possuir repertório que atendia tanto a eventos sacros quanto profanos, animava as apresentações teatrais, festejos cívicos, religiosos, carnavalescos e também festas privadas. Como no sarau musical oferecido em seu salão.

O Club Henrique Mesquita, franqueou anteontem, com muitos convidados no seu salão, um sarau musical. (...) os bravos e palmas que arrancaram do auditório foram merecidamente conquistados. (...) Durante o farto e delicado picnic, oferecido pelos sócios do clube, reinou perfeita harmonia, e como não havia de ser assim, se estávamos entre músicos e diletantes? (LIBERAL MINEIRO, 26 de jan. 1884, p.4).

A criação da Sociedade Filarmônica também foi importante para aumentar a oferta de divertimentos da cidade. Segundo um leitor do jornal,

[g]raças à inteligente iniciativa do Sr. Professor Jorge Klier Junior, criou-se nesta capital uma Sociedade Filarmônica que se propõe a dar concertos mensais. As vantagens que nos poderá advir desta sociedade, que nos oferece ensejo de apreciar bons trechos de música clássica, são incontestáveis, mormente nesta cidade, tão farta de diversões. Com a criação da sociedade, os nossos proveitos artistas se exhibirão e muitos amadores terão o necessário desenvolvimento e gosto pela boa música e canto, aumentando desta sorte os conhecimentos da sublime arte Euterpe. Parabéns ao público e ao iniciador de tão útil sociedade (LIBERAL MINEIRO, 23 de jul. 1885, p.2).

A cena musical de Ouro Preto logo se tornava mais diversa, com o surgimento de novos talentos.

Temos visto ultimamente aparecerem nos horizontes musicais da nossa cara Vila Rica, sucedendo-se umas às outras, estrelas de grandeza considerável, que temos observado religiosamente(...) há pouco éramos docemente embalados pelas douradas harmonias do piano de Klier(...) Sucedeu a isto o inspirado Frederico Nascimento que nos fez chorar, rir e cantar em companhia de seu violoncelo (...) hoje moreira de

sá veio fazer o toque mágico de seus dedos (LIBERAL MINEIRO, 19 de jun. 1886, p.1).

Os concertos oferecidos pela Sociedade Filarmônica, porém, parecem direcionados a um público mais restrito. Uma “elite ilustrada”, apreciadora da “boa música”, e acostumada a frequentar salões e círculos mais reservados da Capital de Minas.

Sociedade Filarmônica Ouropretana: hoje, grande concerto vocal e instrumental no salão da Escola Normal, graciosamente cedido pelo seu vice diretor, o Sr. Brandão. Os Srs. Sócios, que desejarem cartões para convidados seus, queiram dirigir-se com antecedência ao tesoureiro, Seraphim Antunes (LIBERAL MINEIRO, 9 de ago. 1885, p.4).

Outros concertos foram anunciados para o salão da assembleia, sempre destacando a existência de regras restritivas para o ingresso (LIBERAL MINEIRO, 23 de out. 1885, p.4). A necessidade de ser convidado por algum sócio, ou mesmo pagar por entradas mais caras do que o usual para outro tipos de espetáculos, deixa evidente a intenção dos organizadores de selecionar o público.

A presença em Ouro Preto de companhias de outras localidades do Brasil e de outros países também foram noticiadas no jornal. A companhia lírica francesa foi anunciada durante o mês de julho de 1882, em um espetáculo que contava com balé, orquestra e concurso de música (LIBERAL MINEIRO, 8 de jul. 1882, p.4). Mais uma vez, o jornal destaca o público “diferenciado” presente.

A grande e insólita novidade em Ouro Preto é a existência da companhia lírica francesa nesta cidade de montanhas gigantes e de brumas eternas [...] O teatro está bem iluminado, muito mais completamente iluminada do que costumava estar, as cadeiras da primeira e segunda classe estão todas ocupadas na sua maior parte por homens instruídos, e pela mocidade estudiosa, alegre e fugaz, que ama a arte e sonha com o belo ideal. Nos camarotes regurgitam as sedas e os políneas alegram os recintos, com rostos famosos e decentes, de Juventude e beleza (LIBERAL MINEIRO, 13 de jul. 1882, p.1).

Os concertos, saraus, e apresentações musicais pareciam ser, portanto, um importante espaço de socialização das elites de Ouro Preto. Eram eventos em que não apenas se podia desfrutar de uma “boa música”, como eram também local de encontros, onde a “mocidade estudiosa, alegre e fugaz”, se encontrava com as belas “políneas”, finas damas da sociedade ouropretana.

Mesmo entre “tão seleta” assistência, porém, nem sempre tudo era perfeito. Em alguns momentos, o comportamento do público também era reprovado pelo jornal, por não se adequar aos estreitos modelos de civilidade pretendidos.

Esteve bastante concorrido o espetáculo realizado domingo, além do programa de Raiol e Klier, alguns frequentadores portaram-se mal, atordoando os ouvidos da maioria que queria passar ali horas agradáveis. Felizmente eram poucas pessoas que estavam desagradando as respeitáveis famílias que estavam ali (LIBERAL MINEIRO, 28 de abr. 1885, p.3).

Ainda assim, tais espetáculos pareciam ser os que mais se aproximavam ao ideal de civilidade desejado pelas elites para a sociedade. Prova disso, são as críticas sobre essas apresentações que ocupavam frequentemente a primeira página do jornal. Assinados por ‘D. Haydn’, não se limitavam a comentar a performance dos músicos, tratando da experiência do evento como um todo. A noite do concerto recebia frequentemente adjetivos como “deslumbrante”, “belíssima”, não só pela maestria dos artistas como pela presença de “homens ilustres” e “belas damas” que desfilavam garbosos pelos salões.

Apesar de restritos, os concertos musicais podiam assim ser acompanhados pelo público mais amplo devido ao destaque que recebia nos jornais. Através de um divertimento “moderno”, “civilizado”, “útil” e “pomposo”, a elite se exibia, servindo de exemplo e se distinguindo do restante da população.

#### 4.2 Festas, danças, músicas, jogos e bebidas.

*Deveis estar sempre embriagados. Aqui reside tudo. É a única questão. Para não sentir o horrível fardo do Tempo que vos esmaga os ombros e vos verga para a terra, é imperativo embriagar-se sem descanso.*

*Mas de quê? De vinho, de poesia ou de virtude, a vosso gosto. Mas embriagai-vos.*

(Charles Baudelaire)

Leitão (2014), em ensaio que propõe uma interpretação da vida social brasileira a partir da arquitetura das casas e cidades, aponta a preferência da elite nacional pela sociabilidade no espaço privado, livres do anonimato e da impessoalidade que marcam o espaço público. Bailes e jantares são divertimentos noturnos privados e, portanto, tradicionais na vida social da elite brasileira. Como normalmente são eventos restritos a convidados, esse tipo de diversão pouco aparecia nos jornais, apesar dos relatos de viajantes mostrarem sua frequência na capital mineira. No entanto, é possível encontrar algumas referências no *Liberal Mineiro*. Como no exemplo dessa soirée, em 1884, quando os editores aproveitam para pedir convites para a próxima:

Os estudantes da academia de São Paulo e os bacharéis em direito, seus contemporâneos, residentes em Ouro Preto, fizeram na terça-feira uma brilhantíssima soirée, oferecida à fina flor da sociedade ouropretana. Estiveram presentes cerca de 300 pessoas. A banda do corpo de polícia iniciou a festa com o Hino Acadêmico, primorosa composição do maestro Carlos Gomes. Dançou-se até às 4 horas da manhã. Sobretudo o serviço estava delicioso e exuberante. E tanto assim, que nos, gratos convivas que fomos, sempre diremos aos amados doutores: que se não lhes for demasiado penoso repetir tão gentil entretenimento e regalos diariamente, ou de quando em quando sequer, e enviar-nos o rico bilhete de convite, nós não saberemos recusá-lo (LIBERAL MINEIRO, 18 de jan. 1884, p.3).

Casamentos, aniversários, formaturas, nomeações e conquistas pessoais no geral, ou apenas o desejo de se reunir com os amigos, dançar e jogar cartas, eram motivações para a realização desses eventos. Mesmo com uma vida noturna mais dinâmica, com espetáculos variados, percebe-se que os bailes e jantares familiares ainda eram frequentes em Ouro Preto. Alguns casamentos, como de D. Amélia Amaral e Francisco Teixeira, celebrado pelo Cônego Santana, e o aniversário do farmacêutico Bernardo José Aroeira, ou do Sr. Manoel Gesteira, receberam destaque nas páginas do *Liberal Mineiro*.

Reunião familiar: Teve no dia 29 de novembro uma reunião na casa do Sr. Manoel Gesteira, que teve inúmeros administradores e amigos, o motivo era o aniversário de 54 anos natalícios deste verdadeiro apóstolo da ciência e caridade. (...) A concorrência foi extraordinária, notando-se a presença de muitas das principais famílias ouropretanas. Depois das danças seguiu-se o concerto onde se fizeram ouvir distintas senhoras, dando assim mais realce à festa. Durante a ceia, que foi abundante e delicada, trocaram-se diversos brindes ao Dr. Gesteira e família. Pela madrugada retiraram-se os convidados, penhorados pela lhanza com que foram tratados pelo amabilíssimo dono da casa e sua senhora (LIBERAL MINEIRO, 2 de dez. 1884, p.2).

Informes publicitários no jornal também são indícios da existência desse tipo de divertimento. Restaurantes, bares, hotéis e botequins ofereciam seus serviços e mercadorias para eventos como esses. O Hotel Tiradentes (LIBERAL MINEIRO, 6 de out. 1882, p.4), o restaurante da Viúva Reis (LIBERAL MINEIRO, 10 de set. 1883, p.4), bem como O Rei do Oriente aceitavam encomendas para bailes, jantares e soirées. Também encontramos anúncios como o do Clube musical de Henrique Mesquita, se oferecendo para animar a festa, ou da estilista Rosa Amabili, que produzia vestidos de gala sob medida.

O próprio Barão de Saramenha, dono do jornal *Liberal Mineiro*, era também proprietário de um depósito de bebidas, que vendia vinhos franceses, portugueses, italianos, além de champagnes, cervejas, licores e conhaques, e garantia a procedência e pureza dos mesmos (LIBERAL MINEIRO, 14 de mar. 1882, p. 4). A existência de uma carta tão variada indica haver ali um público consumidor, que provavelmente fazia uso dessas bebidas em divertimentos noturnos e privados, mas também em tardes de domingos, repletas de jogos, conversas e passeios. A ressalva sobre a autenticidade da bebida sugere ainda a existência de

um mercado de bebidas falsificadas, o que reforça o argumento sobre a grande procura por estes itens.

O consumo de bebidas alcoólicas em Ouro Preto, inclusive entre as mulheres, também é notado por viajantes que passaram por ali. O relato de Johann Pohl, que parece desconcertado, nos fornece outras pistas sobre a dinâmica das festas da elite da cidade.

nessas reuniões, que se limitam a no máximo 20 pessoas, joga-se dança-se ou faz música. O jogo de cartas usual é o uíste, que se joga com muita paixão, não como mero passatempo, mas a valer. Entre as danças, há o fandango, que é apreciado com entusiasmo, especialmente pelo belo sexo. (...) Eu ruminava meus pensamentos em silêncio e muito me admirava de que tantas damas jovens e belas que, segundo o uso do país se tinham enfeitado pintando a cara, mostrassem tamanha capacidade para tomar bebidas alcoólicas (POHL, 1976, p.398, apud PEREZ et al. 2018, p.189).

Os bailes podiam durar a noite toda e os hábitos europeus, mais uma vez, eram a principal referência para ditar os comportamentos da elite, o que podia ser percebido nas bebidas, nos vestidos e maquiagens das damas. Porém, elementos africanos e indígenas também se faziam presentes, como nas danças, que poderiam ser os fandangos e polcas, como também o lundu. Segundo Alencastro (2019), no Brasil do século XIX,

[a] música e as danças afro-brasileiras apresentavam-se como resultantes de uma prática social, de uma cadência sonora que compassava os trabalhos, os serões, o transporte de gente e de carga, o refluxo do choro, a sublimação da dor, o tédio da espera ao abrigo da chuva, o embalo dos bebês, a viagem para o além. A onipresença dos ritmos afro-brasileiros derivava da onipresença da escravidão afro-brasileira (p.35-36)

As danças não se restringiam às festas das elites, e pareciam ser uma das grandes atrações das noites ouropretanas. O viajante Burmeister relata com riqueza de detalhes a presença dessa prática entre os homens e mulheres das classes populares na capital mineira.

(...) O divertimento principal das mulheres das classes média e baixa é a dança. De quando em vez, organizavam, nas salas de uma ou outra venda, uma reunião, na qual dançavam o batuque e o lundu, ao som do violino e do violão. Meu estado de saúde não me permitiu assistir a tais bailes e, por isso, não posso dar testemunho seguro de tais festas; mas, pelo que me contaram a respeito, cheguei a convicção de que se tratava de divertimento muito sensual e até obsceno, cujas pantomimas revelavam aos espectadores os desejos Ocultos dos pares dançantes. O batuque é dançado por duas ou quatro pessoas, tendo cada um dos participantes o direito de incluir um ou outro dos espectadores na dança. Consiste em movimentos dos quadris e passos simples; andam, pulam e mexem com o corpo, tratando de ficar tão perto quanto possível do par, sem entretanto, tocá-lo. Às vezes, batem com o pé, com as mãos ou fazem estalar o polegar e o dedo médio, no que as mulheres possuem habilidade surpreendente. Por fim, dão um empurrão com o joelho na barriga do parceiro, e isto chega a ser feito com tal violência que o atingido cai desmaiado. (...) O lundu é uma dança mais agradável que o batuque e se parece com o fandango, limitando-se a movimento graciosos de braços e pernas, sem dar ao torso grande jogo; no batuque o caso é exatamente inverso, sendo os movimentos do torso os mais importantes. Este é preferido pelos pretos, aquele, pelos brancos (BURMEISTER, 1980, p. 276-279, apud PEREZ et al., 2018, p.151).

Tais festas, suas músicas e danças, também chamaram a atenção de Freyreiss, outro viajante que passou por Ouro Preto e as descreveu dessa forma:

Entre as festas, merece menção a dança brasileira, o batuque. Os dançarinos formam roda e, ao compasso de uma guitarra (viola), move-se o dançador no centro avança e bate a barriga de outra da roda, de ordinário pessoa de outro sexo. No começo, o compasso da música é lento, porém, pouco a pouco aumenta, e o dançador do centro é substituído cada vez que dá uma umbigada: e assim passam noites inteiras. Não se pode imaginar uma dança mais lasciva do que esta, razão também por que tem muitos inimigos, especialmente entre os padres. Assim, por exemplo, um padre negou a absolvição a um seu paroquiano, acabando desta forma com a dança, porém, com grande descontentamento de todos. Ainda há pouco dançava-se o batuque em Vila Rica numa grande festa e na presença de muitas senhoras que aplaudiram freneticamente. Raro é ver outra dança no campo, porém, nas cidades as danças inglesas quase substituíram o batuque. O brasileiro é sério, e raro é vê-lo alegre; de noite, porém ao som da guitarra, mostram os homens o seu grande talento para a música e as mulheres para o canto. Raras vezes, porém, ajuntam-se os vizinhos e mesmo neste caso não se observa aquela cordialidade que tanto embeleza a nossa sociedade (FREYREISS, 1982, p.114, *apud* PEREZ *et al.*, 2018, p.137).

A presença de música e danças nas festas das classes populares também pode ser presumida pela análise das descrições contidas em alguns anúncios de escravizados procurados. Como Ignácio, fugido de uma fazenda em Mariana, que “Embriaga-se, é tocador de viola e cantador” (LIBERAL MINEIRO, 20 de jun. 1885, p.4), Augusto, descrito como tocador de violão e cantor, ou José que gosta de dançar e tocar violão (LIBERAL MINEIRO, 23 de jan. 1883, p.4). Exemplos como esses não são raros:

Fugiu do sítio do Campo Alegre, município de Sete Lagoas, no dia 19 de abril, o escravo Lucindo (...) é bom cavaleiro, lida muito bem com animais, trabalha em diversos ofícios, mas é vagaroso em seu trabalho, levou uma ferramenta de pedreiro, usa quase sempre calças de bolso, é cigarrador, dançador e cantador, também usa as vezes de tomar pó (LIBERAL MINEIRO, 23 de jun. 1883, p.4).

Fugiu da fazenda do Ribeiro do Ouro, o escravo José, conhecido por José Caboclo (...) toca viola e gosta de dançar (...) Já fugiu outra vez e foi encontrado indo para os lados da confusão (...) Desconfia-se que esteja nos trabalhos de prolongamento da estrada de ferro (LIBERAL MINEIRO, 23 de jan. 1883, p.4).

Fugiu em 1879 o escravo Adão (...) tocador de viola, cantor, delicado, bom pajem, prosa (...) Ouro Preto, 25 de Fevereiro de 1883 (LIBERAL MINEIRO, 13 de abr. 1883, p.4).

Escravizado Clemente, (...) é bom de serviço para roça, inclinado a peão, tem prática como tropeiro, como tocador (...) Este escravo foi comprado a José Ricardo de Figueiredo, residente nesta freguesia (LIBERAL MINEIRO, 3 de jun. 1884, p.4).

Tratar das danças e músicas dos escravizados e das classes menos abastadas implica pensar também o local onde elas ocorriam. Diferentemente da elite, que preferia o espaço privado e restrito dos salões das casas das “boas famílias” ouropretanas, os negros e negras, bem como os trabalhadores e trabalhadoras das classes mais populares estavam nas ruas, vendas e botequins. Saint-Hilaire descreve um pouco a dinâmica nas vendas mineiras:

Às vendas não são, como as nossas tabernas, consagradas unicamente ao comércio de bebidas alcoólicas; encontram-se nelas, além dessas, toda a espécie de comestíveis. (...) Como em todas as lojas, o mercador se posta por trás de um balcão voltado para a porta, e é sobre ele que distribui aos bebedores e aguardente chamada cachaça, cujo sabor detestável tem algo de cobre e da fumaça. Não se encontra nas vendas um só assento, e, por conseguinte, se é obrigado a ficar em pé. É lá que os escravos passam uma parte dos momentos de liberdade que se lhes concedem e dos que podem furtar aos seus senhores; é para lá que levam o produto de seus roubos; dos quais os proprietários das vendas não forão talvez os menores cúmplices; é aí que eles acabam de se corromper, comunicando-se reciprocamente seus vícios, e que esquecem, na embriaguez, a escravidão e suas misérias. Nada se pode comparar ao ruído confuso e discordante que reina nas vendas muito frequentadas: uns riem, outros discutem; outros falam com loquacidade: este aqui, sem ligar ao que se passa em redor, dança sapateando; aquele outro, encostado indolentemente à parede, canta com voz afinada uma canção bárbara, acompanhando-se de um instrumento mais bárbaro ainda (SAINT-HILAIRE, 2000, p.40, *apud* PEREZ *et al.*, 2018, p.80).

O Almanaque de Manoel Ozzori (1890) indica a existência em Ouro Preto de inúmeras vendas, restaurantes, botequins, casas de tiro ao alvo e de bilhares. Rosa (2005) aponta que as vendas e botequins eram frequentadas principalmente por escravos e forros, ou seja, pessoas negras ou descendentes que ali se encontravam, entre bebidas, conversas, músicas, batuques e danças. Como espaço de encontro, sociabilidade e diversão das camadas inferiores, já normalmente tidas como rudes e incivilizadas, tais estabelecimentos eram considerados pela elite como locais de transgressão, embriaguez e depravação dos costumes.

Seja por contrariar o ideal de moralidade e civilidade que as elites buscavam implementar, seja porque talvez o público leitor não fosse o mesmo público frequentador desses estabelecimentos, anúncios e referências diretas a vendas e botequins não são comuns nas páginas do *Liberal Mineiro*. Um dos raros momentos onde essa presença transparece nas páginas do jornal é na tabela de impostos da cidade, publicada em algumas edições. Nela é apresentado os valores que botequins, casas de bilhar e outros divertimentos deveriam pagar à fazenda:

Tabela B:  
 De cada espetáculo lírico, ginástico, dramático, ou qualquer outro de que se cobre direitos de entrada, 10\$000  
 Sendo a companhia residente do município 5\$000.  
 De cada licença para construir ou reconstruir casa dentro da cidade 12\$000  
 Nas povoações 8\$000  
 De cada botequim por dezenas de dias, 5\$000 (O LIBERAL MINEIRO. 1882, P.2).

Embora pagassem impostos, o que indica que eram estabelecimentos legais, autorizados a funcionar pelo poder público, nem tudo o que acontecia por ali parecia contar com o mesmo status. Nogueira Junior (2017), analisando cidades do sul de Minas na passagem do século XIX para o século XX, indica a existência de uma gama de divertimentos que se estabeleciam em torno dos bares e botequins, como jogos de azar e prostituição, que contribuíam para tornar esses ambiente mal vistos pela igreja e pela elite local. Em Ouro Preto

não era diferente. Caroline Bibbó (2017) e Maria Cristina Rosa (2005) apontam a existência de jogos de bilhar, visporas, jogos ilícitos, prostituição e abuso de bebidas nos botequins da cidade.

Os botequins eram, pois, locais onde diferentes atividades imorais e ilegais eram exercidas, como algazarras que incomodavam a tranquilidade da vizinhança, atos de violência e prática de jogatina. As falsificações podem ser acrescentadas à relação de atividades proibidas (BIBBÓ, 2017, p.69).

Os divertimentos das classes populares eram considerados desregrados, devassos, impróprios, fruto da falta de educação desses sujeitos para o tempo livre. No *Liberal Mineiro*, por exemplo, encontramos a condenação moral do jogo de azar, definido como

concentração de todos os vícios em um só, que é o passatempo do vício, vício em crime, culto a uma divindade ímpia. Primeiro perde dinheiro, depois os bens, depois a honra, depois a família e finalmente a alma. O jogo é o círculo vicioso da esperança, infinito de cobiça (LIBERAL MINEIRO, 20 de jun. 1885, p.3).

Isso não significa que tais práticas estivessem restritas aos ambientes frequentados pelas camadas populares. Jogos de azar, trapaças, falsificações, prostituição, violência e embriaguez, certamente também estavam presente nos salões e casas das “boas famílias” ouropretanas. Porém, as notícias dos “vícios” e “desvios” das elites pouco extrapolavam o sigilo do espaço privado. A exposição ao espaço público, e certo preconceito de classe, levava geralmente a elite a localizar vícios e excessos exclusivamente entre as camadas mais humildes.

Nos importa aqui destacar que a vida noturna de Ouro Preto oferecia opções de divertimentos que certamente iam além dos espetáculos, salões, restaurantes e eventos de gala anunciados e destacados pelo *Liberal Mineiro*. Pelas frestas e entrelinhas podemos perceber indícios de outras práticas, invisibilizadas pelo jornal, mas certamente do agrado de grande parte da população. Nas ruas, becos, vendas, bares e botequins da cidade as pessoas se divertiam. Bebiam, comiam, flertavam, cantavam, dançavam, jogavam e apostavam, pouco se importando se essas práticas estavam ou não de acordo com o padrão de moralidade e civilidade das elites.

## 5 À GUIA DE CONCLUSÃO

A dona de casa: O lar doméstico dos tempos que correm é, porventura, o mesmo nas primeiras eras, em que a missão da mulher era estar dentro de casa? É o caso de exclamar-se: antigamente a mulher trancada a sete chaves conquistava o marido. Era uma conquista singular representada pelos esforços não de 2 ou quando muito de 3, mas apenas pela simples vontade de um. Eu me explico: antigamente o namoro era uma coisa impraticável. O futuro e a futura não se encontravam como futuros presentes em um salão de baile, no recinto dos teatros em noite de espetáculo, ou junto à rótula quando a rua está silenciosa. A loja do barbeiro, o armarinho, o bilhar em frente à casa do dentista e a oficina da costureira eram ainda desconhecidos como pontos estratégicos. (...) Felizmente, para as leitoras, esses tempos desapareceram. A mulher de hoje vive ao ar livre como as flores. Pensa e locomove-se em plena Liberdade. A filosofia da história, com ar grave e sisudo, dir-nos-á que esse fenômeno social tem por causa à luz do cristianismo que cada vez mais irradia, alargando o seu perímetro e suas conquistas incruentes. Eu que não sou filósofo historiador, direi no tom que tenho por costume dizer essas coisas, que o tal fenômeno provém, não da epopéia do Góltha, mas pura e simplesmente do Bonde e do armarinho. O bonde e o armarinho mataram a dona de casa. Outra hora a mulher conhece a fundo o lar doméstico, desde a sala de visita até a cozinha. Acordava cedo. Empunhava o molho de Chaves que era o símbolo de sua autoridade e principiava a dar ordens. (...) Ia-se ao teatro duas vezes por ano, e esse era um acontecimento de tal ordem, que contava se no dia seguinte a vizinhança inteira o enredo da peça. A vida de hoje já não é a mesma. A dona de casa acorda tarde, e levanta já convenientemente vestida e pronta para embarcar no primeiro bonde e fazer suas comissões. Não tem que saber o que vai pela sala de visitas, pela de jantar ou pela cozinha. A cozinheira já não é a mesma preta velha que criou a Sinhá Moça e que recebe dinheiro contado e ordens para o menu, almoço (...) A mulher e as filhas saem para as ruas. Os lares ficam desertos, os armarinhos enchem-se A dona de casa...Agora que percebo onde me meti. Estou vendo todas as leitoras com os narizes torcidos a perguntarem-me: O que tem o senhor com isso? Incomoda-o muito ver-nos todos os dias no bonde ou no armarinho?(...) tenho muito medo de VV. EEcx. França Júnior (LIBERAL MINEIRO, 13 de jun. 1885, p.3).

A pena sarcástica do cronista França Júnior indica uma mudança importante no cotidiano das cidades brasileiras no final do século XIX: a conquista paulatina do espaço público. Se antes a rua era lugar de escravizados e trabalhadores braçais, associada à sujeira, à insegurança, ao feio, ao degenerado e ao promíscuo, aos poucos ela se tornava também local de encontro, diversão e sociabilidade. Os “ventos da modernidade”, trazidos pelos melhoramentos urbanos, como a iluminação pública, o transporte coletivo, calçamento e limpeza das ruas, aliados a novas opções de comércio e diversão, deslocavam a vida social cada vez mais do ambiente privado para o público.

No presente trabalho procuramos auscultar esse processo na capital mineira, entre os anos de 1882 a 1889. Através da leitura do *Liberal Mineiro*, um dos maiores e mais influentes jornais da cidade de então, procuramos mapear quais eram as formas e espaços de diversão dos cidadãos, relacionando-os com as transformações e discursos que marcavam aquele período. Ouro Preto se mostrou uma metrópole ativa, dinâmica, indicando que havia ali uma vida social repleta de possibilidades de encontros e diversões, durante o dia ou à noite.

Inspirados na obra de Walter Ruttmann, *Berlim, Sinfonia da Metrópole* (1927) que busca reproduzir um dia da capital alemã, iniciamos pelos atos religiosos que ocupam as primeiras horas do dia. Eram missas, procissões, louvações, transladações, levantamentos de mastro, leilões de prendas, funerais entre outros eventos, que se distribuíam durante todo o ano. Em Ouro Preto, esses festejos muitas vezes fugiam da tradicional liturgia da igreja, incorporando elementos populares, como era característico do catolicismo mineiro.

Como capital da província, importante centro político, jurídico e administrativo, Ouro Preto também era constantemente palco de eventos cívicos e políticos. Festejos com marchas, música, brindes e discursos eram organizados em referência a datas históricas (como no aniversário da independência), em homenagem a personalidades (aniversário do Imperador D. Pedro II, ou aniversário de morte de Tiradentes), para inaugurar obras urbanas, marcar a posse de um novo presidente da província, ou para demonstrar apoio a uma causa, como a abolicionista.

Em fevereiro, a cidade se mobilizava em torno de duas práticas aparentemente diferentes, mas na prática próximas, que tomavam as ruas e salões de Ouro Preto: o entrudo e o carnaval. Fora isso, durante todo ano era possível se divertir na cidade durante o dia, aproveitando a oferta de cursos, passeios, picnics, hotéis, restaurantes, barbearias, armazéns, bibliotecas e cafés que existiam por ali.

Ao cair da noite, os espetáculos teatrais, circenses, de prestidigitação, as touradas, os concertos, se mostraram cada vez mais frequentes e populares entre os habitantes de Ouro Preto. Além deles, bailes, jantares e soirées, bem como botequins, vendas e jogos de azar, permaneciam como opções para os cidadãos da capital mineira.

Vale ressaltar que algumas das divisões estabelecidas aqui, por exemplo entre atividades predominantemente diurnas ou noturnas, entre eventos cívicos ou religiosos, ou entre práticas populares ou da elite, modernas e tradicionais, cumprem uma função didática, de facilitar a organização e exposição de nossos achados. Na prática social, essas divisões não pareciam ser tão evidentes, e as diversas práticas se associavam, se complementavam e às vezes se mesclavam.

Outro destaque importante diz respeito à existência na cidade de uma certa “economia da diversão”, ou seja, de um setor comercial que se especializa em oferecer mercadorias e serviços destinados a serem consumidos ou vivenciados fora do tempo do trabalho nos momentos de diversão. São companhias teatrais, circenses, tauromáquicas, orquestras musicais, estilistas, e empresários(as) e trabalhadores(as) de hotéis, restaurantes, botequins,

cafés, barbearias, vendas e armazéns, que anunciam seus espetáculos, estabelecimentos e trabalhos no *Liberal Mineiro*, e assim buscam sobreviver.

Por fim, vale indicar algumas lacunas do trabalho. Nas páginas do *Liberal Mineiro* ganham mais destaque os divertimentos da elite da cidade, chegando mesmo a ocupar muitas vezes a primeira página do periódico. As diversões das camadas populares, que aconteciam nas vendas, botequins, nas casas de bilhar e nas ruas, tendem a ser invisibilizadas, relegadas a pequenas pistas nas entrelinhas do jornal. Estudos com outras fontes podem ser mais úteis para compreensão da dinâmica dessas outras vivências e espaços.

Outra possibilidade de estudos futuros se relaciona com a religiosidade. O cotidiano de Ouro Preto era permeado pelo sentimento religioso, presente em diversos aspectos de sua vida social, e a compreensão da relação da igreja com os divertimentos se mostraram férteis possibilidades de pesquisa. O uso de fontes combinadas, como os jornais e os documentos paroquiais, podem reconstruir melhor o catolicismo da cidade, e os embates entre a igreja popular e o movimento de romanização, e como isso alterou as dinâmicas das festas e diversões.

Nesta pesquisa pretendemos somar ao que se sabe sobre as diversões nas cidades mineiras no fim do século XIX. Ouro Preto se apresentou como uma cidade dinâmica e divertida. Compreender como sua população passava o seu tempo livre, as contradições e peculiaridades desse processo, constitui um importante fragmento dessa história.

## REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. *In: \_\_\_\_\_* (Org.). **História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2019.
- ARAGÃO, Solange de; SANDEVILLE JÚNIOR, Euler. O passeio público do Rio de Janeiro na literatura, na pintura e na fotografia do século XIX. **Paisagem Ambiente: ensaios**, São Paulo, n. 30, p.187-202, 2012.
- ARAUJO, Patrícia Vargas Lopes de. Aspirações de modernidade, sonhos de cosmopolitismo. **Revista de C. Humanas**, v. 10, n. 2, p. 375-388, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/3890> . Acesso em: 01 nov. 2020.
- ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Folganças Populares: festejos de entrudo e carnaval em minas gerais no século xix**. 2000. 200 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. **Imprensa Brasileira – Dois Séculos de História**. [S/D]. Disponível em: <https://www.anj.org.br/historia-da-imprensa-brasileira/> . Acesso em: 02 mar. 2020.
- BAHIA, Juarez. **As técnicas do jornalismo: jornal, história e técnica**. São Paulo: Ática, 1990.
- BIBBÓ, Caroline Bertarelli. **Divertimentos em Ouro Preto no final do século XIX**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: [http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos\\_graduacao/estudos\\_do\\_lazer\\_mestrado\\_doutorado/defesa/598/](http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos_graduacao/estudos_do_lazer_mestrado_doutorado/defesa/598/) . Acesso em: 01 ago. 2020.
- BRANDÃO, Isabel Cristina de Jesus. Pesquisa em fontes primárias: algumas reflexões. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n.28, p.131-144, dez. 2007.
- CABRAL, Henrique Barbosa da Silva. **Ouro Preto**. Belo Horizonte, 1969.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. Notas sobre os rituais de morte na sociedade escravista. **Revista do Departamento de História**, n. 6. jul. p. 109-122, Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 1988.
- CAMPOS, Kátia Maria Nunes. **Elo da história demográfica de Minas Gerais: reconstituição e análise inicial dos registros paroquiais da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias (1763-1773)**. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Faculdade de Ciências Econômicas, UFMG. Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/AMSA-744MGY> . Acesso em: 04 maio 2020.
- CARVALHO, José Murilo de. **A escola de Minas de Ouro Preto: o peso da Glória**. Centro de pesquisas sociais. Rio de Janeiro, 2010.
- CORBIN, Alan. **História dos tempos livres**. Lisboa: Teorema, 2001.

DEL PRIORE, Mary. “Em casa, fazendo graça”: domesticidade, família e lazer entre a Colônia e o Império. *In*: MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de. (Orgs.) **Vida Divertida: Histórias do Lazer no Rio de Janeiro, (1830-1930)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

DEL PRIORE, Mary. **História da gente brasileira: República – Memórias (1889-1950)**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. Teorias do Lazer e Modernidade: problemas e definições. **Licere**, Belo Horizonte, v.12, n.2, jun./2009 Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/846>. Acesso em: 16 maio. 2021.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves, História e Historiografia do Lazer. **Record**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-26, jan./jun. 2018.

DIAS, Cleber; COUTO, Euclides de Freitas; CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando; SILVA, Luciano Pereira da; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. Esporte nos sertões das Gerais. *In*: DIAS, Cleber; ROSA, Maria Cristina (Org.) **Histórias do lazer nas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG, 2019.

DUARTE, Regina Horta. **Noites circenses: espetáculo de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX**. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História da Unicamp. Campinas, SP. 1993.

FERRAZ, Sérgio Eduardo. A dinâmica política do Império: Instabilidades, gabinetes e Câmaras dos Deputados (1840 -1889). **Revista de Sociologia e Política**, v. 25, n. 62, p.63-91, Jun. 2017.

FONSECA, Janete Flor de Maio. **Tradição e modernidade: a resistência de Ouro Preto à mudança da capital**. Ouro Preto: Editora UFOP, 2016.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 39 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções: 1789-1848**. 25 ed. São Paulo, Paz e Terra, 2009

HOBBSAWM, Eric. **A era do capital, 1848 – 1875**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios 1875 - 1914**. 6 ed. Paz e Terra: São Paulo, 2001.

HOLLANDA, Bernardo Borges de; MELO, Victor Andrade de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7letras, 2012.

JULIÃO, Letícia. Sensibilidades e representações urbanas na transferência da capital de Minas Gerais História (São Paulo), **Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho**, v. 30, núm. 1, p. 114-147, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/3TgcKs774xc38svGxW4MRZM/abstract/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 04 fev. 2021.

LE GOFF, Jacques. **A história Nova**. São Paulo, Martins Fontes, 1990.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. *In*: ROMANO, Ruggiero. (Org.). **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984.

LEITÃO, Lúcia. **Quando o ambiente é hostil**: uma leitura urbanística da violência à luz de sobrados e mucambos e outros ensaios gilbertianos. 2 ed, Recife: Editora UFPE, 2014.

LOTT, Mirian Moura. **Sob o Badalar dos Sinos, o Ar da Modernidade**. Ouro Preto: População, Família e Sociedade 1838-1897. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/VGRO-7YDQ32>. Acesso em: 01 mar. 2021.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) **Fontes históricas**. 2 ed. e 1 reimp. São Paulo: Contexto, 2008.

MANTOVANI, André Luiz. **Melhorar para não mudar**: ferrovia, intervenções urbanas e seu impacto social em Ouro Preto-MG, 1885-1897. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

MARZANO, Andrea. A magia dos palcos: o teatro no Rio de Janeiro do século XIX. *In*: MARZANO, Andrea. MELO, Victor Andrade de (Orgs). **Vida divertida**: história do lazer no Rio de Janeiro(1830-1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MELO, Victor Andrade de. O Lazer (ou a diversão) e os estudos históricos. *In*: Isayama, Hélder Ferreira; Silva, Silvio Ricardo da. (Orgs). **Estudos do lazer; um panorama**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria. Lazer, esporte e cultura urbana na transição dos século XIX e XX: conexões entre Paris e Rio de Janeiro. **LOGOS 22 - Comunicação e Cultura Metropolitana**, Ano 12, nº 22, 2005.

NOGUEIRA JUNIOR, João Martins. **Uma história dos divertimentos do sul mineiro**: Itajubá, Pouso Alegre e Campanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX (1891-1930). Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: [http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos\\_graduacao/estudos\\_do\\_lazer\\_mestrado\\_doutorado/defesa/534/](http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos_graduacao/estudos_do_lazer_mestrado_doutorado/defesa/534/). Acesso em: 16 jan. 2021.

OZZORI, Manoel. **Almanack Administrativo, Mercantil, Industrial, Científico e Litterario do Municipio de Ouro Preto**. Ouro Preto: Typographia d'A Ordem. 1890. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/828653/per828653\\_1890\\_00001.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/828653/per828653_1890_00001.pdf). Acesso em: 03 fev. 2021.

PEREIRA, Mabel Salgado. **Romanização e Reforma Católica Ultramontana da Igreja de Juiz de Fora**: projeto e limites (1890-1924). Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

PEREZ, Léa Freitas; BELONE, Ana Paula Lessa; MARTINS, Marcos da Costa; GOMES, Rafael Barros. **Festas e viajantes em Minas Gerais no século XIX**: compêndio de citações. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

REIS, José Carlos. **História & Teoria**: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ROSA, Maria Cristina. **Da pluralidade dos corpos**: educação, diversão e doença na Comarca de Vila Rica. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2005. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/252402>. Acesso em: 04 dez. 2020.

SÁ, Carolina Mafra de. **Teatro idealizado, teatro possível**: uma estratégia educativa em Ouro Preto (1850-1860). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-84RHN3>. Acesso em: 02. abr. 2021.

SANTOS, Flávia da Cruz. **Uma História do conceito de divertimento na São Paulo do século XIX. (1928 - 1889)**. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer), Escola de Fisioterapia, Educação Física e Terapia Ocupacional. UFMG, 2017. Disponível em: [http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos\\_graduacao/estudos\\_do\\_lazer\\_mestrado\\_doutorado/de\\_fesa/512/](http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos_graduacao/estudos_do_lazer_mestrado_doutorado/de_fesa/512/). Acesso em: 02 mar. 2020.

VIEIRA, Liliane de Castro. Ouro Preto e o século XIX: O mito da decadência. **Revista CPC**, São Paulo, n.22, p.145-189, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/119887>. Acesso em: 02 jan. 2021.

**PERIÓDICOS**

LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 9 de fev. 1882, p.3.  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 1 de fev. 1883. p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 3 de jun. 1884, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 19 de jul. 1884. p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 11 de abr, 1882. p. 3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 19 de jun, 1883. p. 4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 19 de jan, 1882, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 9 de fev, 1882, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 25 de abr, 1882. p. 3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 4 de dez, 1883. p.2  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 20 de ago, 1885, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 25 de ago, 1886, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 27 de fev. 1886, p.1  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 22 de set. 1886. p.2  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 29 de mar, 1884. p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 7 de mar. 1883, p.1  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 14 de ago. 1884, p. 2  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 18 de abr. 1882, p. 4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 23 de abr. 1888. p. 2  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 17 de jun, 1884, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 17 de jun, 1884, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 18 de jan. 1883, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 13 de fev. 1886, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 23 de jan.1883, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 23 de jan, 1883 p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 21 de fev. 1884, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 20 de fev. 1886. p.2  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 3 de mar. 1886, p.4

LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 18 de fev. 1884, p. 4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 12 de mar. 1886. p.2  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 27 de fev. 1886 p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 13 de maio, 1882, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 16 de jan. 1884  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 8 de fev. 1885, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 11 de dez. 1883, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 27 de nov. 1883  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 7 de abr. 1883, p.1  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 6 de out. 1882. p. 4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 16 de fev. 1884, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 10 de set. 1883, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 9 de ago. 1885, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 15 de set. 1886, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 14 de out. 1882, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 14 de fev. 1882, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 23 de mar. 1882, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 10 de nov. 1883, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 11 de jul. 1882, p.1  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 8 de maio, 1885, p.2  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 7 de maio, 1885, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 10 de jan. 1888, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 12 de mar. 1885, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 9 de maio, 1882, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 9 de out. 1882, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 29 de ago.1883, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 16 de jun. 1885, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 24 de mar. 1885, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 30 de mar. 1885, p.3

LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 11 de nov, 1885, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 9 de mar. 1882, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 18 de abr. 1882, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 20 de ago. 1885, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 14 de nov. 1885, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 10 de maio, 1884, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 1 de set. 1885, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 6 de ago. 1883, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 27 de nov. 1883, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 12 de set. 1885, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 29 de set. 1885, p.2  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 27 de set. 1885, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 31 de out.1885 p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 3 de out. 1885, p.3-4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 7 de jul. 1886, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 29 de set. 1885, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 23 de jun. 1886, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 7 de jul. 1886, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 25 de ago. 1882, p. 4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 19 de jan. 1882, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 4 de fev. 1882, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 5 de dez. 1882, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 6 de maio, 1884, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 10 de maio de 1884, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 28 de out. 1884, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, s/d de 1884, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 6 de nov. 1884, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 16 de nov. 1884, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 22 de set. 1884, p.3

LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 13 de abr. 1882, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 7 de ago. 1883, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 11 de dez. 1882, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 18 de jan. 1885, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 29 de ago. 1883, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 27 de ago. 1883, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 6 de nov. 1884, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 23 de dez. 1884, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 22 de out. 1884, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 14 de jul. 1886, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 26 de jan. 1884, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 23 de jul. 1885, p.2  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 19 de jun. 1886, p.1  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 23 de out. 1885, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 8 de jul. 1882, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 13 de jul. 1882, p.1  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 28 de abr. 1885, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 18 de jan. 1884, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 2 de dez. 1884, p.2  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 6 de out. 1882, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 10 de set. 1883, P.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 14 de mar. 1882, p. 4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 20 de jun. 1885, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 23 de jan. 1883, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 23 de jun. 1883, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 13 de abr. 1883, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 3 de jun. 1884, p.4  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 20 de jun. 1885, p.3  
LIBERAL MINEIRO, Ouro Preto, 13 de jun. 1885, p.3

## ANEXOS

**Quadro 4:** Espetáculos dramáticos apresentados em Ouro Preto de acordo com as fontes de Regina Duarte (1993)

Ano	Dramas	Autor
1884	O anjo da meia-noite	
1889	O amor e o diabo	
1885	O britador ou A gruta das gaivotas	
1884	Cabana do pae Thomas	D'ennery
1888	Cangerê	
1885	O capitão maldito	
1889	A cauda do diabo	
1884	O cego e o corcunda	
1887	50 contos ou cinco atos num dia	
1885	Curar por informações	
1887	Dalila	Octave Fenillet
1889	Deos e natureza	Arthur Rocha
1885/1887	Os dois sargentos	
1884	As duas orphãs	
1884/1887	O engeitado ou Roberto o Salteador	Antonio Ennes
1884	Fogo do céu	
1884	A graça de Deos	D'ennery
1889	O gran galeote	José de Echegary
1888	O homem da máscara negra	Mendes Leal
1886	Honra de um taverneiro	
1887	José do telhado ou Salteador das Serras de Portugal	
1887	Kean	Alexandre Dumas
1886	A mãe dos escravos	Aristides Abranches
1887	Máscaras de Bronze	
1887	Memórias do Diabo	
1884	Milagres de Santo Antônio	
1889	Monarquistas e republicanos ou O terror de 1793	
1884/1887	A morgadinha de Val-Flor	Pinheiro Chagas
1888	A nova Castro	Mendes Leal
1882	O <i>orphão</i> e o mendigo	
1884/1888	Pedro Cem (sem mais nada)	L. A. Burgain
1884	Raimundo, o Cego	Anicet Bourgeois
1884	Remorso vivo	Furtado Coelho
1884	Os salteadores de Falperra ou Amor Filial.	
1886	Suplício de uma mulher	Alexandre Dumas

1887	Trabalho e honra	
1888	Os últimos momentos de Cristóvão Colombo	
1887	Um drama no altar	
1887	Vaz Telles e Cia	
1882	A virgem martyr de Santarém	Severiano Nunes Cardoso de Rezende

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nas informações da tese de Duarte (1993)

**Quadro 5:** Peças de comédia apresentadas em Ouro Preto de acordo com as fontes de Regina Duarte (1993)

Ano	Comédias	Autor
1882	Morrer para ter dinheiro	
1883	Por causa de um par de botinas	
1883	As tribulações de um Inspector de Quarteirão	
1884	A espadellada	
1885	Os crimes do Brandão	Quirino chaves
1885	A senhora está deitada	
1886	O irmão das almas	L. C. Martins Pena
1886	O sogro da rapaziada	
1886	Uma experiência	
1886	Viagem à volta do mundo	
1887	Amor por Annexins	Artur Azevedo
1887	Como se fazia um deputado	França Junior
1887	O tio padre	
1887	Mosquitos por cordas	
1887	O noviço	Martins Pena
1887	Um casamento por inclinação	
1887	A viuvinha das laranjeiras	
1888	O beerrão	
1888	Capenga não forma	
1889	Os salteadores da Calábria	
1889	Um marido nas palmeiras	

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nas informações da tese de Duarte (1993)